

A Quinta da Casadeira no Dão

O levantamento como primeira ação de projeto

Cátia Dulce Souto Seixas

Orientador Científico: Arquiteta Teresa Fonseca

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Junho de 2015

“De há muito que nos conhecíamos...

Eu sabia de algo da sua alma e do seu corpo.

(...)

Eu sabia-a forte e segura, nas suas espessas paredes de granito ou nas suas armações de castanho, mas descobrira-lhe já algumas cicatrizes, fruto de sucessivos crescimentos ou de agravos do tempo que, também ela, não soube perdoar.

Eu amava a sua pobre riqueza, a sua carreira, o seu portão com o seu muro, o seu terreiro, o seu jardim que outrora fora de baixo, algumas das suas fontes sem água, a sua velha nogueira, a beleza das suas camélias de Fevereiro.

De há muito que nos conhecíamos.

Mas só comecei a conhecê-la melhor quando juntos iniciamos o romance da sua – e nossa – transformação. Havia que tocar-lhe e tocar-lhe foi um acto de amor, longo e lento, persistente e cauteloso, com dúvidas e certezas, foi um processo sinuoso e flexível e não um projeto de estirador, foi um método de homem apaixonado e não de frio tecnocrata, foi um desenho de gesto mais do que um desenho de papel

(...)

De há muito que nos conhecíamos.

Porém agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes.”

TÁVORA, Fernando, *Casa da Covilhã*, 1990, Monografias Portuguesas, p.128

I) AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais por tudo o que me deram, por tudo o que são, porque tudo isso foi importante. Com as suas escolhas para mim e para eles, moldaram-me e projetaram-me neste mundo, o que me mostrou que a preparação para lidar com tudo o que me rodeia vem de dentro de mim mesma e que sou a única responsável pela minha vida. Quero agradecer aos meus avós pela disponibilidade e apoio no meu trabalho de campo na Quinta da Casadeira.

Quero agradecer à minha orientadora, Teresa Fonseca, pois, foi com ela que comecei o meu percurso na FAUP e é com ela que termino.

Um obrigada geral a todos os meus amigos que me acompanharam indiretamente neste processo, mas um grande obrigada à Ana Neiva, ao Luís Romão, à Conceição Pinheiro, ao Jorge Wong, ao Manuel Moreira, ao Jorge Alves, ao Henrique Martins e ao Miguel Martins.

Dedico esta dissertação a todos aqueles que nela vejam utilidade.

II) RESUMO

O objetivo deste trabalho é mostrar os métodos de levantamento feitos a uma quinta vinícola do final do século XIX, que podem favorecer não só uma intervenção arquitetónica ponderada mas também uma afirmação de valores ignorados e dispersos pelo contexto rural português. Para tal, envolve-se a investigação sobre a cultura das épocas da construção original e atual reflectidas no espaço e indagam-se as suas vivências espaciais.

Esta quinta situa-se no Vale do Dão e é um complexo caracterizado por *Casa Senhorial*, *Adega*, *Casa dos Lagares*, entre outras dependências. Além disso está habitada e mantém-se em funcionamento desde a sua fundação.

Teve-se consciência das questões territoriais (orientação, limites, acessos) que levaram à apreensão da coerência formal do lugar, assim como, situá-lo historicamente permitiu que fossem inventariados documentos cartográficos que serviram de base para a reprodução de cartografia original sobre a qual se pudesse trabalhar.

Reconstituiu-se a organização física e programática inicial, atendendo a vários parâmetros, tais como a hierarquia dos elementos arquitetónicos e das inter-relações espaciais.

Constatou-se, através da análise das formas, que as implantações da quinta foram definidas pelo retângulo de ouro, pelo quadrado duplo e pelo quadrado isolado. Foram encontrados elementos simbólicos associados à Ordem de Cristo, embora a época de construção tenha ocorrido em período de proibição das atividades desta Ordem, passando estas a ser secretas. Encontraram-se relações entre partes da *Casa Senhorial* e a capela da aldeia.

Avaliou-se o seu estado de conservação que consistiu na análise do tipo de estruturas e materiais de construção utilizados, assim como, dos diferentes modos de aplicação dos mesmos.

Em suma, a *Quinta da Casadeira*, apesar de ter sofrido algumas alterações, conserva as suas características originais e permite, então, analisar o Homem rural do séc. XIX e a organização das diferentes funções espaciais nessa época.

Portanto, a responsabilidade do arquiteto, depois da análise cuidada da obra arquitetónica, está na sua capacidade de transpor uma “interpretação de valores fundamentais para o nosso desenvolvimento, uma transubstanciação dos ideais individuais num meio material”¹, de fazer uma apreciação dos elementos arquitetónicos concordantes e discordantes com as exigências atuais e de tudo traduzir numa proposta de intervenção.

III) ABSTRACT

The goal of this study is to show the survey methods made to a winery farm in the late nineteenth century, which may favor not only a thoughtful architectural intervention but also an assertion of values ignored and dispersed by the Portuguese rural context. To this end, it engages research on the culture of the times the original and present construction reflected in space and it inquires about their spatial experiences.

This farm is located in Vale do Dão and it is a complex characterized by a manor house, Cellar, Winepress house, among other facilities. Also, it is inhabited and remains in operation since its foundation.

Territorial issues were taken into account (guidance, boundaries, access) that led to the apprehension of formal coherence of the place as well as place it historically. This allowed for the creation of an inventory of cartographic documents that formed the basis for the reproduction of original maps on which I could work.

The initial physical and programmatic organization was reconstituted, serving various parameters such as the hierarchy of architectural elements and spatial interrelationships.

It was found by analyzing the forms that deployments of the farm were defined by the golden rectangle, the double square and the isolated square. They found symbolic elements associated with the Order of Christ, although the construction period took place in a prohibition period of the activities of this Order, forcing these to be secret. Relations between parts of the Manor House and the village chapel were found.

Their condition was evaluated, which consisted of the analysis of the type of structures and building materials used, as well as the different modes of application.

In short, despite having undergone some changes, the Quinta da Casadeira retains its original features and allows the analysis of the rural XIX century man and the organization of different spatial functions at that time.

Therefore, after a careful analysis of the architectural work, we implement an “interpretation of core values for our development, a transubstantiation of individual ideals in a material environment”², to make an assessment of the concordant and discordant architectural elements with the current requirements and translate them all into an intervention proposal.

ÍNDICE

I) AGRADECIMENTO

II) RESUMO

III) ABSTRACT

| | |
|---|----|
| 1) INTRODUÇÃO | 17 |
| 1.1 Objeto de Estudo | 19 |
| 1.2 A encomenda | 19 |
| 1.3 A Questão da Tese | 19 |
| 1.4 A importância do Levantamento | 19 |
| 1.5 Metodologia. | 23 |
| 1.6 Os objetivos do Trabalho | 24 |
| 1.7 Delimitação do Universo de Estudo | 25 |
| 1.8 A Procura de um Vocabulário do Mundo Agrícola | 25 |
| 2) LEVANTAMENTO DOCUMENTAL | 27 |
| 2.2 Os Proprietários | 28 |
| 2.2.1 Joaquim Pais da Cunha. | 28 |
| 3) LEVANTAMENTO MÉTRICO | 31 |
| 3.1 Os Desenhos | 32 |
| 3.2 As Maquetas | 49 |
| 4) LEVANTAMENTO ANALÍTICO | 51 |
| 4.1. As Implantações | 53 |
| 4.1.1 Localização | 53 |
| 4.1.2 Os Alinhamentos | 55 |
| 4.1.3 Os Acessos à Quinta | 56 |
| 4.1.4 A Carta de Usos do Solo da Quinta. | 57 |
| 4.1.5 A Produção Agrícola | 59 |
| 4.2 A Disposição dos Espaços. | 63 |
| 4.3 Os Ornamentos Arquitetónicos | 64 |
| 4.3.1 A Cruz de Cristo sob Escudo | 64 |
| 4.3.2 Flor de 6 Pontas | 64 |
| 4.3.3 Flor de 8 Pontas | 64 |
| 4.3.4 Escadaria Exterior. | 64 |
| 4.3.5 Nossa Senhora da Conceição | 65 |
| 4.3.6 Verga de Janela. | 65 |
| 2.4 As Proporções | 66 |
| 4.5 A Distribuição | 67 |
| 4.5.1 As Entradas | 67 |
| 4.5.2 A Hierarquia Social, as Atividades e Habitação Original | 69 |
| 4.6. Sistemas Construtivos | 71 |
| 4.6.1 Exteriores. | 71 |
| 4.6.1.1 Pavimentos Exteriores | 71 |
| 4.6.1.2 Coberturas | 71 |
| 4.6.1.3 Paredes Exteriores. | 73 |
| 4.6.1.3.1 O Tipo de Aparelho. | 75 |
| 4.6.2 Interiores | 77 |
| 4.6.2.1 O Vigamento. | 77 |

| | |
|---|------------|
| 4.6.2.2 Os Tetos | 77 |
| 4.6.3 Paredes Interiores | 79 |
| 4.6.4 Pavimentos Interiores | 79 |
| 4.7 A Evolução ao longo do tempo | 81 |
| 5) PROPOSTA DE INTERVENÇÃO | 85 |
| 5.1 Reformulação do Programa | 87 |
| 5.2 Turismo de Habitação em Área Rural | 88 |
| 5.3 A Estratégia de Intervenção | 89 |
| 6) CONCLUSÃO | 109 |
| 6.1 Resposta à Questão da Tese | 110 |
| 6.2. Nota Final | 110 |
| 6.2.1 Sobre o Objeto de Estudo | 110 |
| 6.2.2 Sobre o Levantamento | 111 |
| 6.3 Temas para Investigações | 112 |
| 6.4 Advertências | 112 |
| 7) BIBLIOGRAFIA | 115 |
| 7.1 Referências Bibliográficas. | 117 |
| 7.2 Teses e Dissertações | 118 |
| 7.3 Artigos em Revista Científica Nacional. | 118 |
| 7.4 Sítios da Internet | 119 |
| 7.5 Diários da República | 119 |
| 8) ANEXOS | 121 |
| 8.1 Caderneta Predial | 122 |
| 8.2 Floral de Viseu | 123 |
| 8.3 Floral de Povolide | 124 |
| 8.4 Ilustração Portuguesa, No. 486, Junho 14 1915 – 8 | 125 |
| 8.5 Extrato da Planta de Ordenamento - Penalva do Castelo. | 126 |
| 8.6 Extrato da Planta de Condicionantes - Penalva do Castelo | 127 |
| 8.7 Livro do 1º Conde de Povolide | 128 |
| 8.8 Jornal da Beira nº 4096 / 28.10.99. | 129 |
| 8.9 Fotocópias do Livro de José Coelho | 130 |
| 8.10 Livro das Descrições Perdiais | 131 |
| 8.11 Conservatória dos Registos Predial da Quinta da Casadeira. | 132 |
| 8.12 Descrição dos Espaços | 134 |
| 8.12.1 A Casa Senhorial. | 134 |
| 8.12.2 As Casas Agrícolas | 152 |
| 8.13 Planta de Tetos da <i>Casa Senhorial</i> | 164 |
| 8.14 Planta de Pavimentos da <i>Casa Senhorial</i> | 165 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | | |
|-----------|--|----|
| Figura 1 | Ortofotomapa da Aldeia da Encoberta com destaque para a Quinta da Casadeira - Produção da Autora | 19 |
| Figura 2 | Aldeia da Encoberta com destaque para a <i>Quinta da Casadeira</i> - Foto da Autora | 19 |
| Figura 3 | <i>Quinta da Casadeira</i> - Foto da Autora | 19 |
| Figura 4 | Entrada principal no Paço dos Cunhas em Santar | 28 |
| Figura 5 | Casa do Soito - Santar. | 28 |
| Figura 6 | Joaquim Pais da Cunha . 1904. Óleo sobre Tela, situada no Paço de Santar - Foto da Autora. | 28 |
| Figura 7 | Planta e Alçados da Casa dos Lagares | 32 |
| Figura 8 | Divisão do complexo arquitetónico em quatro partes Escala 1/1000. | 32 |
| Figura 9 | Esquissos - Levantamento Casa dos Lagares. | 33 |
| Figura 10 | Casa dos Lagares - Foto da Autora. | 33 |
| Figura 11 | Casa do Alambique; Casa da Tulha - Foto da Autora | 34 |
| Figura 12 | Planta e Alçados das Lojas dos Animais, Alpendre dos Fornos, Casa dos Caseiros; Casa da Tulha e Casa do Alambique. | 35 |
| Figura 13 | Esquissos - Levantamento Casa da Tulha/ Casa do Alambique/ Casa dos Caseiros/ Loja dos Animais. | 35 |
| Figura 14 | Esquissos - Levantamento Adega/Lagares/Alpendre dos Criados | 36 |
| Figura 15 | Exterior Adega/Lagares/Alpendre dos Criados - Foto da Autora | 36 |
| Figura 16 | Planta, Cortes e Alçados da Adega, Alpendre dos Criados e Garagem | 37 |
| Figura 17 | Esquissos - Levantamento Casa Senhorial | 38 |
| Figura 18 | Exteriores da Casa Senhorial - Foto da Autora. | 39 |
| Figura 19 | Planta, Alçados da Casa Senhorial | 40 |
| Figura 20 | Piso 1 - Planta do Conjunto Arquitetónico. | 41 |
| Figura 21 | Piso 1 - Planta do Conjunto Arquitetónico | 42 |
| Figura 22 | Piso 0 - Planta do Conjunto Arquitetónico | 43 |
| Figura 23 | Piso -1 - Planta do Conjunto Arquitetónico | 44 |
| Figura 24 | Alçado Oeste | 45 |
| Figura 25 | Alçado Sudoeste | 45 |
| Figura 26 | Alçado Sudeste | 45 |
| Figura 27 | Corte A | 46 |
| Figura 28 | Corte B | 46 |
| Figura 29 | Alçado Nordeste | 46 |
| Figura 30 | Corte C | 47 |
| Figura 31 | Corte D | 47 |
| Figura 32 | Corte E | 47 |
| Figura 33 | Corte F | 48 |
| Figura 34 | Corte G | 48 |
| Figura 35 | Corte H | 48 |
| Figura 36 | Maqueta do Complexo Arquitetónico à escala 1/100 - Foto da Autora | 49 |
| Figura 37 | Maqueta do Complexo Arquitetónico à escala 1/100 - Foto da Autora | 49 |
| Figura 38 | Maqueta do Complexo Arquitetónico à escala 1/100 - Foto da Autora | 49 |
| Figura 39 | Maqueta da Aldeia da Encoberta à escala 1/500 - Foto da Autora. | 49 |
| Figura 40 | Vale do rio Dão a partir do ponto mais alto da Quinta da Casadeira - Foto da Autora | 52 |
| Figura 41 | Quinta da Casadeira e seus terrenos | 52 |
| Figura 42 | Extrato da Carta Militar à escala 1/25 000. | 52 |
| Figura 43 | Limites da Quinta da Casadeira - Foto da Autora | 53 |
| Figura 44 | Painel de Azulejos na Casa dos Lagares virado para Oeste - Foto da Autora | 53 |
| Figura 45 | Eira na Quinta da Casadeira - Foto da Autora | 53 |
| Figura 46 | Alinhamentos entre a Capela e a Casa Senhorial | 54 |
| Figura 47 | Alinhamentos entre a Capela e a Casa Senhorial | 54 |
| Figura 48 | Alinhamentos Gerais entre a Capela, Complexo Arquitetónico, Cocheira e Casa dos Caseiros | 54 |
| Figura 49 | Capela da Encoberta - Foto da Autora. | 55 |
| Figura 50 | Entrada Lateral da Capela da Encoberta - Foto da Autora | 55 |
| Figura 51 | Antiga Cocheira na Encoberta - Foto da Autora | 55 |
| Figura 52 | Entradas e Edifícios | 56 |
| Figura 53 | Entrada principal (1) da Quinta da Casadeira | 56 |
| Figura 54 | Entrada secundária (2) da Quinta da Casadeira | 56 |
| Figura 55 | Terceira entrada (3) da Quinta da Casadeira | 56 |
| Figura 56 | Carta de Usos do Solo da Quinta | 57 |
| Figura 57 | Vinha pertencente à Quinta da Casadeira | 59 |

| | | |
|------------|--|----|
| Figura 58 | Olival da <i>Quinta da Casadeira</i> | 59 |
| Figura 59 | Desenho das Tulhas na <i>Quinta da Casadeira</i> - Foto da Autora | 59 |
| Figura 60 | Represa de água 1 (3) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 61 | Represa de água 3 (5) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 62 | Tanque 1 (7) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 63 | Tanque 3 (11) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 64 | Represa de água 2 (4) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 65 | Poço 2 (6) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 66 | Queda de água (8) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 67 | Tanque 4 (12) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 68 | Poço 1 (1) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 69 | Curso de água e ponte (2) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 70 | Curso de água (9) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 71 | Tanque 2 (10) - Foto da Autora | 60 |
| Figura 72 | Levantamento de árvores de grande porte e pontos de água | 61 |
| Figura 73 | Piso 1 | 62 |
| Figura 74 | Piso 0 | 62 |
| Figura 75 | Piso -1 | 62 |
| Figura 76 | Casa Senhorial Piso 1 | 62 |
| Figura 77 | Casa Senhorial Piso 0 | 62 |
| Figura 78 | Piso 1 | 63 |
| Figura 79 | Piso 0 | 63 |
| Figura 80 | Data na Casa Senhorial - Foto da Autora | 63 |
| Figura 81 | Data no muro da Casa Senhorial - Foto da Autora | 63 |
| Figura 82 | Cruz de Cristo sob Escudo, em pedra (exterior) e em madeira (interior), respectivamente, na Quinta da Casadeira - Foto da Autora | 64 |
| Figura 83 | Flor de 6 Pontas nas sacadas das janelas da Fachada Oeste - Foto da Autora | 64 |
| Figura 84 | Flor de 8 Pontas na porta de entrada da Fachada Oeste - Foto da Autora | 64 |
| Figura 85 | Espada em bainha - Foto da Autora | 64 |
| Figura 86 | Semente da Vida | 64 |
| Figura 87 | Estrela de 8 Pontas na Catedral de Santiago de Compostela - Foto da Autora | 64 |
| Figura 88 | Espada em Haste - Foto da Autora | 64 |
| Figura 89 | Azulejos da N.Sra.Conceição na fachada Oeste - Foto da Autora | 65 |
| Figura 90 | Desenho da sacada da janela | 65 |
| Figura 91 | Cristograma na torsa de uma das janelas da Casa Senhorial - Foto da Autora | 65 |
| Figura 92 | Torsa de uma das janelas da Casa Senhorial com monograma e Lebre e Tartaruga - Foto da Autora | 65 |
| Figura 93 | Torsa de uma das Portas da Casa dos Arcos de S. Comba Dão - Foto da Autora | 65 |
| Figura 94 | Retângulo de Ouro Piso 0 Escala 1/1000 | 66 |
| Figura 95 | Retângulo de Our Piso 0 Escala 1/500 | 66 |
| Figura 96 | Retângulo de Ouro Piso 1 Escala 1/1000 | 66 |
| Figura 97 | Duplo Quadrados e Quadrado Simples Piso 0 Escala 1/1000 | 66 |
| Figura 98 | Retângulo de Ouro, Quadrado Piso 0 Escala 1/1000 | 66 |
| Figura 99 | Esquema das entradas exteriores ao complexo arquitetónico Escala 1/1000 | 67 |
| Figura 100 | Esquema dos espaços habitacionais Escala 1/1000 | 68 |
| Figura 101 | Esquema de actividades Escala 1/1000 | 68 |
| Figura 102 | Piso 1 - Planta de Pavimentos Exteriores Escala 1/500 | 70 |
| Figura 103 | Cobertura em madeira | 70 |
| Figura 104 | Cobertura em Pannel Sandwich na Casa dos Caseiros fora do complexo arquitetónico - Foto da Autora | 70 |
| Figura 105 | Cobertura em Fibrocimento na Lojas dos Animais - Foto da Autora | 70 |
| Figura 106 | Transição de Cobertura com interligação de duas asnas na Adega - Foto da Autora | 70 |
| Figura 107 | Cobertura de apenas uma água em estrutura de madeira no Galinheiro - Foto da Autora | 70 |
| Figura 108 | Cobertura em armação de asna de nível simples na Adega - Foto da Autora | 70 |
| Figura 109 | Pavimento Exterior - Calçada em Granito - Foto da Autora | 71 |
| Figura 110 | Pavimento Exterior - Terra Batida - Foto da Autora | 71 |
| Figura 111 | Beirado à Portuguesa Casa Senhorial - Foto da Autora | 71 |
| Figura 112 | Beirado à Portuguesa Casa Senhorial - Foto da Autora | 71 |
| Figura 113 | Parede Exterior em Granito com parte da argamassa pintada na Casa do Alambique com dois tipos de aparelho e de assentamento - Foto da Autora | 72 |
| Figura 114 | Parede Exterior em Granito com regularização com pedras menores e argamassa branca na Casa do Alambique - Foto da Autora | 72 |
| Figura 115 | Parede Exterior da Casa dos Caseiros em Granito à vista com argamassa saliente - Foto da Autora | 72 |

| | | |
|------------|--|----|
| Figura 116 | Parede Exterior da Adega em Granito à vista com argamassa saliente - Foto da Autora. | 72 |
| Figura 117 | Parede Exterior em Granito à vista com diferente tipo de argamassa recuada. Transição entre Casa Senhorial e muro - Foto da Autora | 72 |
| Figura 118 | Parede Exterior em Granito com reboco regularização com pedras menores na Casa dos Caseiros, Alpendre dos Fornos e Lojas dos Animais - Foto da Autora. | 72 |
| Figura 119 | Parede Exterior da Casa da Tulha em Granito à vista com argamassa saliente- Foto da Autora.. . . . | 72 |
| Figura 120 | Parede Exterior em Granito à vista com argamassa saliente e pintada de vermelho na Casa Senhorial - Foto da Autora. | 72 |
| Figura 121 | Parede Exterior das Lojas dos Animais em Granito à vista com argamassa saliente - Foto da Autora. | 72 |
| Figura 122 | Parede Exterior em Granito à vista. Transição entre Lojas de Animais e muro - Foto da Autora. | 72 |
| Figura 123 | Parede Exterior em Granito Rebocado na Casa dos Lagares - Foto da Autora | 72 |
| Figura 124 | Parede Exterior de Bloco de Betão Rebocado no antigo Alpendre dos Fornos - Foto da Autora.. . . . | 73 |
| Figura 125 | Parede Exterior da Garagem com fundação em Granito à vista e bloco de betão - Foto da Autora.. . . . | 73 |
| Figura 126 | Parede Exterior em bloco de betão parcialmente rebocado no Alpendre dos Criados, atual Galinheiro e Lavandaria - Foto da Autora | 73 |
| Figura 127 | Alçado Lateral Casa Senhorial | 74 |
| Figura 128 | Indicação dos Cortes | 74 |
| Figura 129 | Alçado Sudoeste | 74 |
| Figura 130 | Alçado Frontal Casa Senhorial | 74 |
| Figura 131 | Vãos da fachada principal da Casa Senhorial - Foto da Autora | 75 |
| Figura 132 | Janela da Casa Senhorial - Foto da Autora | 75 |
| Figura 133 | Janela 2 da Casa Senhorial - Foto da Autora | 75 |
| Figura 134 | Janela da Casa Senhorial - Foto da Autora | 75 |
| Figura 135 | Teto de Estuque Sala da Lareira - Foto da Autora | 76 |
| Figura 136 | Tetos do edifício semi-público da casa Senhorial são em masseira oitavados de sete panos - Foto da Autora . . | 76 |
| Figura 137 | Teto tripartido encabeirado no Sótão - Foto da Autora. | 76 |
| Figura 138 | Teto plano encabeirado em estuque no quarto - Foto da Autora | 76 |
| Figura 139 | Teto de Masseira no Quarto - Foto da Autora | 76 |
| Figura 140 | Teto de Masseira no Corredor ao Salão Nobre - Foto da Autora. | 76 |
| Figura 141 | Azulejos da N.Sra.Conceição na fachada Oeste da Quinta da Casadeira - Foto da Autora | 76 |
| Figura 142 | Teto plano encabeirado na Sala de Costura - Foto da Autora | 76 |
| Figura 143 | Teto plano encabeirado na Sala de Costura - Foto da Autora | 76 |
| Figura 144 | Teto plano encabeirado na Sala de Costura - Foto da Autora | 76 |
| Figura 145 | Vigamento Casa dos Senhorial - Foto da Autora. | 77 |
| Figura 146 | Vigamento Casa dos Caseiros - Foto da Autora | 77 |
| Figura 147 | Vigamento Casa dos Caseiros, com pormenor de cadeia para lareira - Foto da Autora | 77 |
| Figura 148 | Armação de asna de nível simples com teto de masseira adossado na Casa Senhorial - Pública | 77 |
| Figura 149 | Solho Espinhoso na Sala de Estar (antiga sala de jantar) - Foto da Autora. | 78 |
| Figura 150 | Pavimento de mosaico cerâmico 1 - Foto da Autora. | 78 |
| Figura 151 | Pavimento de betonilha afagada na Despensa - Foto da Autora | 78 |
| Figura 152 | Pavimento de betonilha afagada na Casa da Tulha - Foto da Autora. | 78 |
| Figura 153 | Pavimento de mosaico cerâmico 2 - Foto da Autora | 78 |
| Figura 154 | Pavimento lajeado de pedra Cozinha Velha - Foto da Autora | 78 |
| Figura 155 | Pavimento de mosaico cerâmico 3 - Foto da Autora | 78 |
| Figura 156 | Soalho típico na Casa Senhorial - Foto da Autora | 78 |
| Figura 157 | Pavimento de mosaico cerâmico 4 - Foto da Autora | 78 |
| Figura 158 | Pavimento em Calçada. Casa do Alambique - Foto da Autora. | 78 |
| Figura 159 | Pavimento de mosaico cerâmico 5 - Foto da Autora | 78 |
| Figura 160 | Pavimento em soalho na Casa dos Caseiros - Foto da Autora | 78 |
| Figura 161 | Pavimento em terra batida na Adega - Foto da Autora | 78 |
| Figura 162 | Parede de tabique degradada - Foto da Autora. | 79 |
| Figura 163 | Lambril Salão Nobre - Foto da Autora | 79 |
| Figura 164 | Lambril Quarto de Costura - Foto da Autora | 79 |
| Figura 165 | Lambril em reboco - Foto da Autora. | 79 |
| Figura 166 | Papel de Parede da Antiga Sala de Jantar - Foto da Autora. | 79 |
| Figura 167 | Lambril antiga Sala de Jantar - Foto da Autora | 79 |
| Figura 168 | Esquema do Original (à direita) e do Atual (à esquerda) Escala 1/1000 | 82 |
| Figura 169 | Proposta geral do complexo arquitetónico. | 89 |
| Figura 170 | Proposta geral do complexo arquitetónico. | 89 |
| Figura 171 | Proposta Casa Senhorial | 89 |
| Figura 172 | Proposta Pátio Privado | 89 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 173 | Proposta Casa Senhorial e Garagem | 90 |
| Figura 174 | Proposta Alpendre dos Criados | 90 |
| Figura 175 | Proposta Alpendre dos Criados | 90 |
| Figura 176 | Proposta Lojas dos Animais | 90 |
| Figura 177 | Proposta tipologia grande | 90 |
| Figura 178 | Proposta tipologia pequena | 91 |
| Figura 179 | Planta de Cobertura do Conjunto Arquitetônico - Antes e Depois. | 94 |
| Figura 180 | Piso 1 - Planta de Cobertura do Conjunto Arquitetônico | 95 |
| Figura 181 | Planta do Piso 1 do Conjunto Arquitetônico - Antes e Depois | 96 |
| Figura 182 | Planta do Piso 1 do Conjunto Arquitetônico | 97 |
| Figura 183 | Planta do Piso 0 do Conjunto Arquitetônico - Antes e Depois | 98 |
| Figura 184 | Planta do Piso 0 do Conjunto Arquitetônico | 99 |
| Figura 185 | Planta do Piso -1 do Conjunto Arquitetônico - Antes e Depois. | 100 |
| Figura 186 | Planta do Piso -1 do Conjunto Arquitetônico | 101 |
| Figura 187 | Alçado Noroeste Escala 1/300 | 102 |
| Figura 188 | Alçado Sudoeste Escala 1/300 | 102 |
| Figura 189 | Alçado Sudeste 1/300 | 102 |
| Figura 190 | Alçado Noroeste Escala 1/300 | 103 |
| Figura 191 | Alçado Sudoeste Escala 1/300 | 103 |
| Figura 192 | Alçado Sudeste 1/300 | 103 |
| Figura 193 | Corte B | 104 |
| Figura 194 | Corte C | 104 |
| Figura 195 | Alçado Nordeste | 104 |
| Figura 196 | Corte B | 105 |
| Figura 197 | Corte C | 105 |
| Figura 198 | Alçado Nordeste | 105 |
| Figura 199 | Corte F | 106 |
| Figura 200 | Corte G | 106 |
| Figura 201 | Corte I. | 106 |
| Figura 202 | Corte F | 107 |
| Figura 203 | Corte G | 107 |
| Figura 204 | Corte I. | 107 |
| Figura 205 | Esquema da Casa Senhorial no Complexo Arquitetônico Escala 1/1000. | 134 |
| Figura 206 | Esquema do Salão Nobre Escala 1/1000 | 135 |
| Figura 207 | Fotos do Salão Nobre. 1) Teto masseira; 2) Vista interior nordeste do salão nobre; 3) Pormenor janela com coluna; 4) Pormenor janela em guilhotina; 5) Janela em guilhotina; 6) Portadas vão de janela; 7) Janela de duas folhas dividida por coluna; 8) Vista interior sudoeste do salão nobre; 9) Pormenor do lambril Foto da Autora | 135 |
| Figura 208 | Esquema dos Quartos 1 e 2 Escala 1/1000 | 135 |
| Figura 209 | Fotos dos Quartos 1 e 2. 1) Porta do quarto; 2) Quarto; 3) Janela e lambril; 4) Janela sem lambril; 5) Fechadura exterior de porta; 6) Fechadura interior de porta; 7) Lambril; 8) Teto masseira - Foto da Autora | 135 |
| Figura 210 | Esquema do Corredor do Salão Nobre Escala 1/1000. | 137 |
| Figura 211 | Fotos do Corredor do Salão Nobre. 1) Porta exterior; 2) Teto masseira; 3) Acesso ao Salão Nobre; 4) Acesso ao Quarto; 5) Pavimento com tapete pregado; 6) Detalhe da soleira - Foto da Autora | 137 |
| Figura 212 | Esquema do Corredor do Salão Nobre ao Sótão Escala 1/1000 | 137 |
| Figura 213 | Fotos do Corredor do Salão Nobre ao Sótão. 1) Porta de acesso ao Salão Nobre; 2) Teto plano encabeirado; 3) Pavimento e mudança de nível para o Sótão; 4) Fechadura exterior ao espaço que anuncia; 5) Porta de acesso ao Sótão; 6) Lambril - Foto da Autora | 137 |
| Figura 214 | Esquema da Casa de Banho 1 Escala 1/1000 | 137 |
| Figura 215 | Fotos da Casa de Banho 1. 1) Teto falso; 2) Vista sobre Casa de Banho; 3) Porta de acesso; 4) Janela; 5) Detalhe da Soleira; 6) Pavimento - Foto da Autora. | 137 |
| Figura 216 | Esquema da Sala de Costura Escala 1/1000 | 139 |
| Figura 217 | Fotos da Sala de Costura. 1) Vista Janela; 2) Teto plano encabeirado; 3) Porta de acesso; 4) Lambril; 5) Pavimento - Foto da Autora | 139 |
| Figura 218 | Esquema da Sala de Jantar com Acesso Exterior Escala 1/1000 | 139 |
| Figura 219 | Fotos da Sala de Jantar com Acesso Exterior. 1) Vista Sala de Jantar a partir da Sala de Estar; 2) Vista de Acesso à Sala de Estar; 3) Janela; 4) Teto trabalhado em estuque; 5) Porta de Acesso a quarto; 6) Lareira; 7) Encontro de pavimento com recuo do vão; 8) Soleira da porta exterior; 9) Lambril; 10) pavimento - Foto da Autora | 139 |
| Figura 220 | Esquema do Quarto 3 Escala 1/1000 | 139 |
| Figura 221 | Fotos do Quarto 3. 1) Vista do quarto; 2) Vista do quarto; 3) Janela; 4) Porta de acesso; 5) Teto; 6) Pavimento - Foto da Autora | 139 |
| Figura 222 | Esquema do Quarto 4 Escala 1/1000 | 141 |

| | | |
|------------|--|-----|
| Figura 223 | Fotos do Quarto 4. 1) Vista do quarto; 2) Vista do quarto; 3) Janela; 4) Porta de Acesso; 5) Pavimento; 6) Rodapé - Foto da Autora | 141 |
| Figura 224 | Esquema do Quarto 5 Escala 1/1000 | 141 |
| Figura 225 | Fotos do Quarto 5. 1) Teto; 2) Vista do Quarto; 3) Acesso à Casa de Banho Privativa; 4) Pavimento; 5) Porta de Acesso ao quarto 4; 6) Acesso ao Corredor de Serviço; 7) Vista de parede exterior; 8) Lambril Foto da Autora | 141 |
| Figura 226 | Esquema da Casa de Banho Privativa Escala 1/1000 | 141 |
| Figura 227 | Fotos da Casa de Banho Privativa. 1) Janela e teto; 2) Vista Casa de Banho; 3) Vista Casa de Banho; 4) Pavimento - Foto da Autora | 141 |
| Figura 228 | Esquema da Casa de Banho de Serviço Escala 1/1000 | 143 |
| Figura 229 | Fotos da Casa de Banho de Serviço. 1) Vista Banheira; 2) Vista para janela fechada; 3) Vista da Casa de Banho; 4) Janela; 5) Teto; 6) Pavimento - Foto da Autora | 143 |
| Figura 230 | Esquema da Sala de Estar Escala 1/1000 | 143 |
| Figura 231 | Fotos da Sala de Estar. 1) Vista com acesso corredor de serviço; 2) Teto; 3) Vista com movel de canto e janela; 4) Pormenor do teto; 5) Pormenor do Lambril; 6) Papel de parede; 7) Fechadura; 8) Pormenor da almofada da porta que abria; 9) Pavimento; 10) Porta lado nobre; 11) Porta lado de serviço - Foto da Autora | 143 |
| Figura 232 | Esquema do Corredor de Serviço Escala 1/1000 | 143 |
| Figura 233 | Fotos do Corredor de Serviço. 1) Teto; 2) Pavimento; 3) Acessos a sala de estar, casa de banho e sótão - Foto da Autora | 143 |
| Figura 234 | Esquema do Hall de Entrada Escala 1/1000 | 145 |
| Figura 235 | Fotos do Hall de Entrada. 1) Encontro do teto com estrutura de vão; 2) Teto; 3) Lambril; 4) Pavimento; 5) Fechadura da porta da Sala de Jantar; 6) Pormenor do gradeamento exterior 1; 7) Pormenor de gateira; 8) Pormenor de gradeamento 2; 9) pormenor de diferença de pavimento; 10) Vista para a Cozinha Velha; 11) Port da Cozinha Velha; 12) Vista Hall de Entrada - Foto da Autora | 145 |
| Figura 236 | Esquema da Cozinha Velha Escala 1/1000. | 145 |
| Figura 237 | Fotos da Cozinha Velha. 1) Panorâmica das lareiras; 2) Porta de Acesso ao Hall de Entrada; 3) Porta de Acesso ao Pátio; 4) Pormenor de Segurança na porta; 5) Lavatório; 6) Janela redonda; 7) Pormenor da base da coluna da lareira; 8) Janela para pátio de estar; 9) Janela para pátio agrícola; 10) Pormenor capitel e entablamento da lareira; 11) Mesa de pedra; 12) Teto; 13) Pavimento - Foto da Autora. | 145 |
| Figura 238 | Esquema da Cozinha Nova Escala 1/1000 | 147 |
| Figura 239 | Fotos da Cozinha Nova. 1) Teto; 2) Cozinha; 3) Lareira; 4) Portadas da Janela; 5) Vista acesso ao Hall de Entrada; 6) Revestimento de parede; 7) Pavimento - Foto da Autora. | 147 |
| Figura 240 | Esquema do Quarto 6 Escala 1/1000 | 147 |
| Figura 241 | Fotos do Quarto 6. 1) Canto do teto; 2) Teto; 3) Vista do quarto; 4) Vista do quarto 2; 5) Pavimento; 6) Porta de Acesso ao quarto; 7) Janela - Foto da Autora | 147 |
| Figura 242 | Esquema da Sala de Jantar de Verão Escala 1/1000 | 149 |
| Figura 243 | Fotos da Sala de Jantar. 1) Vista de acesso ao Hall de Entrada; 2) Vista da Sala de Jantar; 3) Vista da Sala de jantar 2; 4) Janela; 5) Mudança de pavimento para corredor; 6) Teto; 7) Gateira; 8) Porta de acesso ao corredor; 9) Porta de acesso à despensa; 10) Porta de Acesso ao Hall de Entrada - Foto da Autora. | 149 |
| Figura 244 | Esquema da Despensa Escala 1/1000. | 149 |
| Figura 245 | Fotos da Despensa. 1) Despensa; 2) Porta de Acesso à Sala de Jantar; 3) Janela; 4) Pavimento - Foto da Autora | 149 |
| Figura 246 | Esquema do Vão de Escadas Escala 1/1000 | 151 |
| Figura 247 | Fotos do Vão de Escadas interior. 1) Rodapé; 2) Rotação da Escada; 3) Maçaneta Porta de Acesso ao Vão de Escada; 4) Maçaneta da porta de acesso à antiga latrina; 5) Pormenor de alturas; 6) Janela para Hall de Entrada; 7) Teto; 8) Porta de acesso à latrina; 9) Vão de escadas - Foto da Autora | 151 |
| Figura 248 | Esquema do Sótão Escala 1/1000 | 151 |
| Figura 249 | Fotos do Sótão. 1) Teto do Hall; 2) Teto da terceira divisão; 3) Armário da segunda divisão; 4) Fechadura comum no sótão; 5) Porta comum no sótão; 6) Quarta divisão com Janela em Ogiva; 7) Pormenor de Dobradiça do Armário Embutido; 8) Pormenor da construção da Parede; 9) Pormenor da Aduela da porta; 10) Pormenor do teto; 11) Alinhamento do Vão de Escada com Porta de acesso a arrumos - Foto da Autora.. . . . | 151 |
| Figura 250 | Esquema da Casa dos Lagares no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000 | 153 |
| Figura 251 | Fotos da Casa de Lagares. 1) Vista Lateral Lagares e Tanques; 2) Cobertura; 3) Vista a partir da entrada; 4) Detalhe acesso aos Lagares; 5) Lagar; 6) Vista Lateral Lagares; 7) Vista para a entrada - Foto da Autora | 153 |
| Figura 252 | Esquema da Adega no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000 | 153 |
| Figura 253 | Fotos da Adega. 1) Cobertura; 2) Cubas; 3) Pormenor de interseção de coberturas; 4) Pormenor de interseção de coberturas 2; 5) Pormenor de Fechadura; 6) Adega; 7) Lagares - Foto da Autora | 153 |
| Figura 254 | Esquema da Casa da Tulha e do Alambique no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000 | 155 |
| Figura 255 | Fotos da Casa do Alambique. 1) Lagar; 2) Vista a partir da entrada; 3) Pavimento; 4) Lugar do Alambique; 5) Pormenor do lugar Chaminé do Alambique; 6) Porta Exterior ao recinto; 7) Cobertura; 8) Vista Porta de Entrada - Foto da Autora | 155 |
| Figura 256 | Fotos da Casa da Tulha. 1) Cobertura; 2) Entrada; 3) Janela Fechada; 4) Pavimento; 5) Pormenor de Tulha; | |
| Figura 257 | 6) Tulha; 7) Entrada da Tulha; 8) Detalhe altimétrico; 9) Parede Lateral; 10) Pormenor de Tulha 2 - Foto da | |

| | | |
|------------|---|-----|
| | Autora | 155 |
| Figura 258 | Esquema da Casa dos Caseiros e do Curral no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000 | 157 |
| Figura 259 | Fotos da Casa dos Caseiros 1. 1) Pavimento; 2) Janelas Interior; 3) Aparelhamento de pedra; 4) Porta de entrada e Lareira; 5) Encontro de parede com cobertura - Foto da Autora. | 157 |
| Figura 260 | Fotos do Curral. 1) Detalhe de degrau de entrada; 2) Curral; 3) Interseção de lareira no teto; 4) Teto; 5) Panorâmica - Foto da Autora | 157 |
| Figura 261 | Esquema do Alpendre dos Fornos no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000 | 159 |
| Figura 262 | Fotos do Alpendre dos Fornos. 1) Vista; 2) Pormenor telhado e cobertura; 3) Deposição de cinzas; 4) Forno | 159 |
| Figura 263 | Esquema da Estrebaria no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000 - Foto da Autora | 159 |
| Figura 264 | Fotos da Estrebaria. 1) Vista exterior; 2) Encontro de parede com Cobertura; 3) Porta e janela; 4) Janela original; 5) Pavimento; 6) Pavimento; 7) Mangedoras; 8) Entrada Principal; 9) Acesso às mangedoras - Foto da Autora | 159 |
| Figura 265 | Esquema do Alpendre dos Criados no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000. | 161 |
| Figura 266 | Fotos do Alpendre dos Criados. 1) Alpendre dos Criados; 2) Acesso à Casa dos Criados; 3) Teto Galinheiro; 4) Poleiro das Galinhas; 5) Galinheiro; 6) Asna; 7) Arrumação Casa dos Criados; 8) Acesso às Alas - Foto da Autora. | 161 |
| Figura 267 | Esquema da Garagem no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000. | 161 |
| Figura 268 | Fotos da Garagem. 1) Garagem; 2) Aparelhamento de granito; 3) Cobertura; 4) Terra batida; 5) Oficina; 6) Porta da Oficina - Foto da Autora | 161 |
| Figura 269 | Fotos das Cavalariças. 1) Loja convertida em armazém; 2) Teto; 3) Pavimento; 4) Maçaneta; 5) Conversão de Loja em Garrafeira; 6) Porta de acesso à Garrafeira; 7) Porta de acesso ao armazém - Foto da Autora. | 163 |
| Figura 270 | Fotos da Casa dos Criados 2. 1) Contexto da Casa dos Caseiros; 2) Casa dos Caseiros e Lojas de animais; 3) Viga restante do pavimento; 4) Porta de acesso à Casa; 5) Cobertura; 6) Aparelhamento de Granito; 7) Janela - Foto da Autora | 163 |

1) INTRODUÇÃO

1.1 Objeto de Estudo

A Quinta da Casadeira (fig.1) é uma quinta vinícola do séc. XIX, localizada em Viseu, no Vale do rio Dão. É propriedade privada, está habitada e tem mantido praticamente os mesmos usos desde a altura em que foi construída.

O contexto paisagístico (fig.2) onde a quinta se insere transformou-se, ao longo do tempo, em contexto rural com a aproximação da sua estrutura aos limites da quinta em que resultou também em perda de área que a quinta tem sofrido ao longo do tempo. Mas nela estão presentes várias camadas temporais da ação do homem no território e das suas dinâmicas espaciais.

Por assentar na margem norte de um vale pouco profundo, a sua implantação acompanha a inclinação do terreno cujo escalonamento sobre a sua envolvente, permanece até hoje inalterado.

Na Quinta da Casadeira houve duas famílias de caseiros e criados domésticos, sendo estes os trabalhadores permanentes. Tendo em conta a migração sazonal de trabalhadores temporários, acredita-se que se começaram a estabelecer nas imediações desta Quinta. E que, assim, se tenha formado a aldeia da Encoberta, onde o traçado mais antigo é o que liga a quinta à Capela da Encoberta. A aldeia da Encoberta e a quinta não pertencem ao mesmo município, a quinta pertence ao município de Viseu e a aldeia Encoberta ao município de Penalva do Castelo.

1.2 A encomenda

Os proprietários pediram uma estratégia de salvaguarda e valorização da quinta que analisasse as pré-existências, de modo a inquirir sobre o valor patrimonial da mesma, ou seja, pretendem uma proposta de reabilitação que aumente o valor da Quinta da Casadeira, adaptando-a aos novos dispositivos de conforto, aumentando assim a sua rentabilidade.

Essa valorização teria de se enquadrar numa estratégia de intervenção que viesse futuramente a ser executada, e por essa razão, este trabalho devia ser feito por um arquiteto.

Programa base: querem que a Casa Senhorial (fig.3) tenha capacidade para reunir a família e que as Casas Vinícolas sejam atualizadas para produção de vinho registado e almejam, ainda, que a Casa Senhorial tenha 7 quartos, em que dois deles seja para os proprietários. Desejam, também, uma instalação sanitária para quem trata da vida agrícola e uma sauna comum.

1.3 A Questão da Tese

Como revelar o valor patrimonial de uma quinta em Viseu e definir estratégias para a sua valorização através do projeto arquitetónico?

1.4 A importância do Levantamento

A nossa abordagem ao problema, sendo naturalmente no âmbito da arquitetura, desde logo colocou a questão do levantamento e foi sobre ele que afinal se focou a dissertação. Propomos, portanto, estruturar esse processo de levantamento de edifícios pré-existentes como primeira ação de projeto, contextualizando-o numa visão e leitura arquitetónica sobre o pré-existente, de modo a traduzir-se num estudo-prévio do projeto de intervenção. Por essa razão, o levantamento visou reconhecer as condicionantes inerentes à estrutura espacial existente.

Então realizou-se um levantamento profundo, pois, quis-se ter em conta todas as valências disponíveis. O trabalho de campo realizado passou



Fig.1: Ortofotomapa da Aldeia da Encoberta com destaque para a Quinta da Casadeira



Fig.2: Aldeia da Encoberta com destaque para a Quinta da Casadeira



Fig.3: Quinta da Casadeira

por múltiplas fases e peripécias. Tudo serviu para procurar o valor do conjunto arquitetónico existente, para expressar e assimilar uma ideia de arquitetura, ou seja, ajustar um programa compatível com o pré-existente, adaptado para ter em conta o carácter e a identidade de quinta vinícola e agrícola.

A arquitetura é a transformação do meio de acordo com as várias filosofias sobre como atuar. Essas filosofias dependem de muitos fatores, desde a cultura onde se cresceu e se está incluído até às convicções pessoais. Já Stendhal dizia “Existem tantos estilos de beleza quanto visões de felicidade”¹.

A definição do que é a arquitetura é ininteligível pela sua abrangência, mas aquilo que ela representa para cada um de nós já é perceptível e qualificável, apesar de ser absolutamente pessoal e mutável.

O Homem move-se no espaço sentindo os sentidos do corpo e em conjunto com a sua cultura cria a sua perceção do mundo exterior. A informação recolhida pelos sistemas de perceção do Homem, os cinco sentidos, é, então, alterada com a cultura².

A informação que chega é tratada, filtrada de acordo com o sistema de códigos pessoais de cada um.³ Dificilmente se apreende de forma intacta, pura. A Cultura ajudará a que esses sistema de códigos seja aparentemente semelhante entre os Homens, mas nunca será igual. Até porque cada corpo, cada cérebro apesar de extremamente idêntico é diferente e percecionará o exterior de forma única.

Ou seja, essa informação é intrínseca a cada ser, a cada Homem. Daí que cada um tenha a sua visão e a sua perceção de tudo o que o rodeia. Poderá e haverá sempre pontos em comum com outras visões. No entanto, esta nunca deixará de ser pessoal, porque é aquela com a qual o Homem ao identificar-se, se relaciona.

A imaginação é fundamental para a interação humana com os diferentes espaços. Pois, o Homem tem a capacidade de criar relações metafísicas e psicológicas com o espaço.⁴ A imaginação é, sumariamente, a resultante do trabalho da cultura e dos 5 sentidos corporais que juntos formulam as ideias próprias de cada um.

Focando-me apenas no espaço em arquitetura, apesar de se poder fazer analogias para outros campos, este envolvimento pessoal cria formas e símbolos que o Homem abraça intimamente graças ao uso da imaginação, do devaneio e da fantasia.⁵ Por isso se achou fundamental estudar os símbolos encontrados na quinta.

Portanto, as características de um espaço estão correlacionadas com o Homem⁶. Porque o definem e complementam. Para o Homem em geral, este espaço é normalmente o espaço pessoal e privado. Para o Arquiteto, esse espaço poderá ser mais amplo, entrando no domínio público, semipúblico. Assim, deuse destaque ao primeiro proprietário porque esta quinta o define e representa.

Um espaço criado por um arquiteto será sempre um espaço que lhe é pessoal independentemente do grau de publicidade que lhe compete. Pois, corresponderá à sua perceção do mundo e ao que ele almeja para o mesmo.

1 BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço*, 1957, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1989

2 HALL, Edward, *A Dimensão Oculta*, 1966, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1986

3 BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço*, 1957, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1989

4 C.f. *idem* - BACHELARD

5 C.f. *idem* - BACHELARD

6 HALL, Edward, *A Dimensão Oculta*, 1966, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1986

Porque a arquitetura permite que o arquiteto sugira um modo de habitar, um modo de existir e de perceber o espaço.

A arquitetura para além da sua função prática na busca de abrigo e conforto, é, para o Homem, propulsora de sentimentos que poderão influenciar o seu comportamento em determinados espaços.

Esta característica da arquitetura permite que ela possa conter mensagens morais. Pois, para aqueles que se permitam poderá lembrar quem nós poderíamos idealmente ser.⁷

Evidentemente, quando é pedido a um arquiteto que desenhe uma casa para determinado cliente, esse cliente querará que a casa ressalte tudo o que de melhor o caracterize.

Compreende-se, portanto, que o Homem configura o espaço, mas que o espaço também configura o Homem⁸.

No entanto, a capacidade da arquitetura em influenciar o comportamento do Homem e o ele sente é inconstante, pois para tal o Homem tem de se permitir.⁹ A capacidade humana de criar símbolos representativos da apreensão do exterior está baseada na cultura e no sistema de valores em que está incluído.

A responsabilidade do arquiteto está na sua capacidade de passar uma “interpretação de valores fundamentais para o nosso desenvolvimento, uma transubstanciação dos ideais individuais num meio material”¹⁰.

Botton em “A Arquitetura da Felicidade” vai mais longe e reintroduz o conceito de Belo, dizendo que o Homem é atraído por aquilo que considera belo, em que o belo é a expressão material da ideia que cada indivíduo tem do que considera viver bem¹¹.

Portanto, apesar de atualmente haver algum receio do emprego da palavra Belo em arquitetura também ela devia fazer parte da funcionalidade da mesma. Porque o que o Homem sente que é belo, embora sem saber descrever absolutamente este conceito, ao admirá-lo experimenta o seu espírito a ser aprimorado moral e espiritualmente.¹²

Uma vez que se reconhece a capacidade da arquitetura em interferir com o nosso estado de espírito e sucessivo comportamento, pode-se procurar uma visão de felicidade. “O belo é a promessa de felicidade”¹³, ou seja, existe uma relação entre a visão de felicidade e o conceito de belo. E, sendo assim, cada arquiteto tem a sua visão pessoal, assumida ou não, que conscientemente ou inconscientemente passa para as suas obras. Embora tenha também a responsabilidade em compreender a visão pessoal do seu cliente e, como tal, a deva tentar integrar na sua, numa simbiose que permita aquela sensação de elevação do espírito descrita por Botton.

Essa é, e volto a repetir, a responsabilidade do arquiteto: construir um mundo baseado em “valores fundamentais para o nosso desenvolvimento”¹⁴. Em que se esse for o objetivo primordial de cada arquiteto, apesar das suas visões e percepções individuais e distintas, juntos se unam e trabalhem lado a lado, não tentando sobrepor-se uns aos outros, mas sim, completando-se uns aos outros!

7 BOTTON, Alain de, *A Arquitetura da Felicidade*, Editora Rocco, 2006

8 HALL, Edward, *A Dimensão Oculta*, 1966, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1986

9 BOTTON, Alain de, *A Arquitetura da Felicidade*, Editora Rocco, 2006

10 C.f. *idem* - BOTTON p.100

11 BOTTON, Alain de, *A Arquitetura da Felicidade*, Editora Rocco, 2006, p.72

12 C.f. *idem* - BOTTON p.117

13 STENDHAL em BOTTON, Alain de, *A Arquitetura da Felicidade*, Editora Rocco, 2006, p.98

14 C.f. *idem* - BOTTON p.100

A nossa percepção é o ponto de partida para todo o nosso levantamento e estratégia de intervenção. Procuramos o belo na *Quinta da Casadeira* assim como o que a descaracterizava para encontrar novas formas de criar espaços agradáveis com a nossa proposta, que a enaltecessem de acordo com a encomenda que foi pedida.

Qualquer linha de pensamento arquitetónico parte de um contexto ideológico, seja inconsciente ou conscientemente, e é por ele que o Homem se rege. Na área da arquitetura, para se conhecer e desenvolver esse pensamento arquitetónico é necessário que ele se torne consciente. O modo como o levantamento desta quinta foi feito, os temas que aborda e a proposta de intervenção mostram a linha de pensamento que existiu e lhe deu origem.

Segundo J. Hernandez Leon, a consciencialização do pensamento arquitetónico “conduzirá a novas tendências libertadoras da consciência coletiva”¹⁵. Consciência coletiva como o efeito da cultura e tradição no nosso modo de percepção das coisas. Quanto mais livres dessa consciência coletiva se estiver, mais pura e abrangente deverá ser a percepção do que nos rodeia. J. Hernández León acrescenta que tais tendências levam a uma “nova espiritualidade proposta que se encontra enraizada numa dimensão abstrata, em elementos como o contraste, o equilíbrio, o peso ou a medida. (...) chegar a uma nova ordem baseada no reconhecimento do ‘ritmo interior’ dos nossos materiais”. Chegar a uma ordem! Chegar à ordem! Eis algo que deve estar na base de qualquer intenção arquitetónica: ordem! Neste caso, essa ordem deve estar de acordo com a ordem pré-estabelecida na quinta e desse modo, procura-se usar os métodos construtivos tradicionais da quinta.

Martin Heidegger afirma que “perguntar é a devoção do pensamento”¹⁶. O nosso pensamento vai sendo definido pelas perguntas que vamos fazendo a nós próprios e é a partir da consolidação dessas respostas que a nossa linha de pensamento vai sendo definida. Perguntar leva-nos à construção de nós mesmos e das nossas ideias. Neste caso de estudo procurou-se respostas para questões como: ‘Como fazer a proposta de intervenção?’, ‘Será que se deve fazer exclusivamente o que o cliente pede? Será que não cabe ao arquiteto sugerir também o que fazer?’, ‘Será que as lojas de animais não poderiam ter outro uso?’, ‘De que maneira o levantamento se reflete na proposta?’

Estas perguntas representam uma pequena parte de muitas outras. As perguntas formuladas dependem de pessoa para pessoa e de equipa para equipa. Portanto, cada pessoa ou cada equipa teria uma linha de pensamento distinta, porque o modo de abordar o mesmo problema teria infinitas possibilidades.

A linha de pensamento construída e representada está intrinsecamente ligada à percepção pelos nossos sentidos, ou seja, da nossa sensibilidade, que neste caso, é arquitetónica. Essa sensibilidade é demonstrada no levantamento e na investigação de vários temas, tais como: alinhamentos; levantamento de pontos de água e árvores; ornamentos; proporções, acessos e materiais.

“Heidegger e Mies propõem-nos o questionamento poético como via para o conhecimento da essência técnica. O silêncio como aprofundamento do significado”¹⁷. Portanto, procurou-se ouvir o silêncio para chegar ao significado das coisas. Entendendo-lhes o significado, para uma melhor intervenção.

15 SOUTO MOURA, Eduardo, *Santa Maria do Bouro - Construir uma pousada com as pedras de um Mosteiro*, Selected Works White & Blue, Arquitectura Temática: Universidade de Aveiro, Arquitectura e Urbanismo, Janeiro de 2001

16 C.f. *idem* - SOUTO MOURA

17 J. HERNANDEZ LEON em SOUTO MOURA, Eduardo, *Santa Maria do Bouro - Construir uma pousada com as pedras de um Mosteiro*, Selected Works White & Blue, Arquitectura Temática: Universidade de Aveiro, Arquitectura e Urbanismo, Janeiro de 2001

“O sítio é um instrumento”¹⁸

A *Quinta da Casadeira* foi o instrumento para a expressão do nosso pensamento arquitetónico. Desencadeou interpretações de vários tipos: histórica, construtiva e funcional. Estas três interpretações formulam a interpretação arquitetónica do pré-existente.

Achamos necessário procurar integrar o significado autêntico do projeto para que a proposta de intervenção a ser feita permita a “aceitação do equilíbrio implícito entre os elementos que já existiam no meio”.¹⁹ Pretende-se que a estratégia de intervenção não só procure traduzir harmonia como também que a encontre nas pré-existências.

As requalificações exigem uma análise dos elementos concordantes e discordantes para o equilíbrio intuído da obra. Como tal, os discordantes devem ser eliminados para que o sítio, assim, exposto perca a “magia fenomenológica”²⁰ e permita que se faça uma nova reinterpretação, através do entendimento do contexto e da natureza da *Quinta da Casadeira*. Foram encontrados quatro elementos discordantes aos quais chamamos pontos críticos na *Casa Senhorial*, no *Alpendre dos criados*, no volume das lojas dos animais e na garagem.

É necessária reflexão. Essa reflexão deve ser apoiada no silêncio. Num estado meditativo que nos permita a lucidez e a consciência das causas e dos efeitos.

A ordem estabelecida quando a *Quinta da Casadeira* foi levantada perdeu parte do sentido, pois encontra-se desatualizada. Foi necessário apresentar uma “ordem corrigida”. Foram tidas em conta as exigências atuais nos três níveis albertianos: comodidade, necessidade e prazer. A requalificação é a transformação inevitável que o tempo exige às construções.

Neste caso, pretendemos que a proposta de intervenção não renuncie à unidade original, e sim que a complemente para que haja uma “convergência expressiva na articulação das partes”.²¹ Em que esse encontro entre o novo e o velho não se expresse numa colisão de estilos, mas sim na sua harmonia. Aliando, portanto, a técnica à poética. “É a intervenção poética, essa possibilidade desejada de pressionar os significados do oculto, que nos permite ir além da aparência do real”²². Ou, melhor dizendo, aliar a poética à técnica: porque primeiro o pensamento, depois a imagem e, então, a sua materialização na proposta de intervenção.

1.5 Metodologia

O levantamento veio a revelar-se muito importante porque foram feitas descobertas que vieram a valorizar a quinta, pois constituem um valor acrescentado do local. Separou-se o levantamento em três níveis: o documental, o métrico e o analítico. O levantamento fotográfico acompanha todo o trabalho, destacando-se no capítulo 4.

Antes de se incidir sobre as construções, recorreu-se à pesquisa iconográfica e bibliográfica de livros, artigos e revistas, e de documentos legais, quer para recolha de informação sobre os valores em arquitetura quer para testemunhos históricos reveladores do passado da *Quinta da Casadeira*. Para tal, recorreu-se a várias instituições, tais como, ao *Arquivo Distrital de Viseu*, ao *Arquivo da Torre do Tombo*, à *Biblioteca Municipal de Viseu*, à *Conservatória do*

¹⁸ SOUTO MOURA, Eduardo, *Santa Maria do Bouro - Construir uma pousada com as pedras de um Mosteiro*, Selected Works White & Blue, Arquitectura Temática: Universidade de Aveiro, Arquitectura e Urbanismo, Janeiro de 2001

¹⁹ SOUTO MOURA, Eduardo, *Santa Maria do Bouro - Construir uma pousada com as pedras de um Mosteiro*, Selected Works White & Blue, Arquitectura Temática: Universidade de Aveiro, Arquitectura e Urbanismo, Janeiro de 2001, p.16

²⁰ C.f. *idem* - SOUTO MOURA p.17

²¹ C.f. *idem* - SOUTO MOURA p.19

²² C.f. *idem* - SOUTO MOURA p.20

Registo Predial de Viseu, ao Igespar, Câmara Municipal de Nelas e ao Hotel Rural dos Paços dos Cunhas, em Santar.

Seguidamente, recolhida a informação gráfica quer da *Câmara Municipal de Viseu* e da *Câmara Municipal de Penalva do Castelo* houve necessidade de se conjugar a informação recolhida.

A partir daí, o levantamento métrico consistiu em fazer um trabalho de campo para desenhar os edifícios pré-existentes e o seu contexto através do uso de laser medidor, fita-métrica e mangueira de água. Em primeiro lugar, mediu-se os espaços exteriores, e seguidamente os interiores.

Foi primordial não só fazer o levantamento dos elementos arquitetónicos constituintes de cada espaço, como também, integrá-los entre si para compreender como se articulam e se conjugam com as outras volumetrias. Fez-se a reconstituição através das alterações arquitetónicas sofridas ao longo do tempo, apoiada por depoimentos dos proprietários.

No levantamento analítico foram considerados vários parâmetros como a sua evolução ao longo do tempo; a disposição dos espaços; os diferentes espaços de habitação e com eles as hierarquias sociais; e cada espaço em particular foi objeto de registo. Permitiu saber quais os espaços de valor histórico a serem preservados ou restaurados e quais aqueles que, por não serem reveladores de uma identidade de uma época, possam ser adaptados a novos usos e a novas estruturas.

Investiu-se na análise da vivência articulada dos espaços, fundamentalmente dos que compõem o jogo de recintos em torno do pátio agrícola, volume descoberto mas o grande agregador. Para tal, revelou-se necessário desenvolver uma análise através de diferentes abordagens, recorrendo muitas vezes a aproximações de temas trabalhados em escalas sucessivas, pois só assim seria possível relacionar os diferentes níveis do objeto de estudo com a profundidade que este impõe. Por conseguinte, para uma análise mais concreta averiguaram-se relações métricas, e outras mais abstratas, através de diagramas descritivos dos espaços.

A análise feita, simultaneamente em diversos níveis, acaba por se refletir, com alguma naturalidade, no modo como o próprio trabalho se organiza para uma montagem de um discurso linear.

Atenta-se por último ao espaço doméstico, a habitação e os diferentes modelos habitacionais que ressaltam a importância do espaço que define as diferenças do conceito de privado em vida doméstica.

Ao longo deste trabalho vai-se demonstrar como o levantamento arquitetónico realizado à *Quinta da Casadeira* favoreceu a estratégia de intervenção e realçou o seu valor e interesse patrimonial.

Procurou-se desenvolver uma estratégia de intervenção que se foi construindo ao longo da recolha e análise da informação. Desta forma o levantamento pode ser visto como uma primeira ação de projeto, uma vez que se indagou sobre o que o pré-existente representa e como devia ser intervencionado.

1.6 Os objetivos do Trabalho

Refletir sobre como o levantamento pode orientar a estratégia de reabilitação, guiando a evolução deste estudo para responder à questão de partida.

Porque a Quinta da Casadeira tem mantido o uso de quinta vinícola e agrícola desde a altura em que foi concebida, procura-se a perpetuação dessa memória que esta quinta integra no seu todo.

Através de um estudo consistente do seu potencial, a sua valorização e enaltação é o principal objetivo desta dissertação.

Pretende-se que a quinta seja uma mais-valia para Viseu como

património histórico, mostrando-se assim a viabilidade de realização de projeto de recuperação catalisador de novos capitais diretos e indiretos.

1.7 Delimitação do Universo de Estudo

Este estudo compreende o universo temporal que remonta à origem da Quinta da Casadeira, no início do século XIX até à atualidade. Centra-se essencialmente no complexo arquitetónico da quinta embora também se estude de forma mais abrangente a quinta e a aldeia com a qual a quinta comunica.

Estudam-se as valências sociais, históricas e arquitetónicas que poderão contribuir para a sua valorização. No entanto, o estudo foca-se essencialmente no levantamento da quinta e como isso se reverte numa proposta de intervenção.

Descobriu-se, na busca documental, haver poucos elementos sobre a quinta, sendo que toda informação recolhida foi a que integramos no trabalho.

1.8 A Procura de um Vocabulário do Mundo Agrícola

Sentiu-se uma grande falha de domínio do vocabulário relativo aos termos agrícolas. Não se sabia concretamente a função de cada edifício e quando se soube, não se sabia qual o termo usado para definir essa função. O registo predial e livros técnicos foram importantes para descobrir o nome das coisas agrícolas. Essa nomenclatura muda de região para região. A nomenclatura aplicada é essencialmente da Beira Alta.

2) LEVANTAMENTO DOCUMENTAL

2.2 Os Proprietários

A quinta é do final do século XIX, mas só foi registada a 10 de Outubro de 1914, no nome de *Dr. Joaquim Paes da Cunha e Clementina Pais da Cunha Fortes*, naturais de Santar, concelho de Nelas, Distrito de Viseu.²³

Naquela mesma data, metade da quinta foi doada por *Dr. Joaquim Pais da Cunha* a seu filho *Dr. António Álvaro da Cunha Fortes*, delegado do procurador da República²⁴. A 11 de Setembro de 1929, recebe, por óbito de sua mãe, a outra metade da quinta.²⁵

A 28 de Junho de 1933, a quinta é vendida a *António Bernardo Pinto* e sua esposa *Benvinda Cabral Pinto*, naturais de Penalva do Castelo e emigrantes nos EUA.²⁶

A 4 de Março de 1974, a quinta é comprada pelos atuais proprietários: *António Pires do Souto* e esposa, *Maria Lucília Girão Vilar*, tendo o negócio sido acordado a 29 de Janeiro daquele ano. No entanto, só a 20 de Março desse mesmo ano, é que a quinta foi registada.²⁷

2.2.1 Joaquim Pais da Cunha

O primeiro proprietário e impulsionador da construção da *Quinta da Casadeira* terá nascido na primeira metade do séc. XIX.

Tinha residência oficial no antigo *Paço dos Cunhas* (fig.4), de 1609, em Santar. Ao paço pertencia também o palacete anexo, a *Casa do Soito*²⁸ (fig.5).

Era produtor de vinho, autarca da Câmara Municipal de Nelas, onde foi responsável pela criação da região demarcada do vinho do Dão, em 1908²⁹ e foi, ainda, autor do livro “O monumento musical de Chopin”³⁰.

Em julho de 1910, a comissão de viticultores do concelho, liderada por *Joaquim Paes da Cunha*, não só produziu o regulamento para a produção e comercialização dos vinhos do Dão, a 25 de maio do mesmo ano, como também lutou pela publicação em decreto daquele regulamento.

Com esta decisão, o Dão tornou-se a primeira região de vinhos não licorosos a ser demarcada e regulamentada no nosso país. Beneficiou de diversos fatores para conseguir tal distinção, como a influência política do próprio *Joaquim Paes da Cunha*, como autarca, grande produtor e dirigente de associativismo agrícola.

Numa pintura de *Almeida e Silva*³¹ (fig.6), datada de 1904, Joaquim Paes da Cunha está condecorado com o grau de *Grã-Cruz de Mérito Agrícola*; as cores desta classe são o verde e o branco. A placa em forma de estrela de nove pontas esmaltadas, remete-nos para as *Ordens de Mérito* e o verde e o branco para o mérito Agrícola.



Fig.4: Entrada principal no Paço dos Cunhas em Santar



Fig.5: Casa do Soito - Santar



Fig.6: Joaquim Pais da Cunha . 1904. Óleo sobre Tela, situada no Paço de Santar

23 *Livro das Descrições Perdiais nº51:717*, Conservatória do Registo Perdial de Viseu.

24 *Livro de Inscrições Diversas*, Conservatória do Registo Perdial de Viseu

25 *Livro de Inscrições de Transmissão*, Conservatória do Registo Perdial de Viseu

26 *Livro de Inscrições de Transmissão*, Conservatória do Registo Perdial de Viseu

27 *Livro de Inscrições de Transmissão nº 94 262*, no livro nº 243, Conservatória do Registo Perdial de Viseu

28 COELHO, José, “*Memórias de Viseu (Arredores)*”, 1941, pág. 246 a 258

29 VEIGA, Carlos Jorge Mota, *Município de Nelas: Origens e Evolução: (dos princípios do século XIX à Revolução de 1974): Estudo Monográfico: Um contributo para a sua história*. Nelas : Câmara Municipal de Nelas, 2006. pág. 397

30 CUNHA, Joaquim Paes da, “*O monumento musical de Chopin*”, 1947, livreria Agir

31 Almeida e Silva, 1996, óleo sobre tela 1100*845 mm, Museu Grão Vasco, Viseu

Esta condecoração terá acontecido antes da implantação da República a 5 de outubro de 1910, pois a condecoração revela que foi feita por um dos últimos monarcas portugueses, D. Carlos ou D. Manuel II, pois o símbolo tem a coroa portuguesa a encimar a referida placa em forma de estrela e no seu interior onde atualmente figuram as 5 Quinas, a imagem em relevo/busto do monarca.

Joaquim Paes da Cunha veio a falecer em 1 de Setembro de 1915³².

Suspeita-se que fosse descendente da *Casa de Povolide*³³, por ter o mesmo sobrenome desta Casa, Cunha, por a *Quinta da Casadeira* se localizar em *Povolide* e por a sua residência oficial ser o *Paço dos Cunhas*, que se suspeita que tivesse pertencido aos *Condes de Povolide*.

32 *Livro de Inscrições Diversas*, Conservatória do Registo Predial de Viseu

33 TORRE DO TOMBO, Associação de Amigos - Casa de Povolide, acedido em: 14.10.2013, em: <http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=1656>

3) LEVANTAMENTO MÉTRICO

3.1 Os Desenhos

Sem levantamento fornecido pelos donos da quinta, foram utilizadas as plantas cartográficas das Câmaras Municipais de Penalva do Castelo e Viseu como base de apoio para o levantamento, feito através dos métodos descritos na metodologia.

Foi necessário que o levantamento fosse realizado edifício a edifício, por esse motivo, dividiu-se o complexo arquitetónico em quatro partes (Fig.8): Casa Senhorial (1); Adega, Lagares, Alpendre dos Criados e Garagem (2); Casa dos Lagares (3) e Casa da Tulha, Casa do Alambique; Casa dos Criados, Alpendre dos Fornos e Lojas de Animais (4).

Seguidamente, são expostos os desenhos do trabalho de campo das quatro peças, as fotomontagens e os desenhos técnicos de cada peça.

Posteriormente, integraram-se as partes para se analisar a quinta no seu conjunto e a articulação dos seus elementos. Esses desenhos são apresentados a uma escala maior.

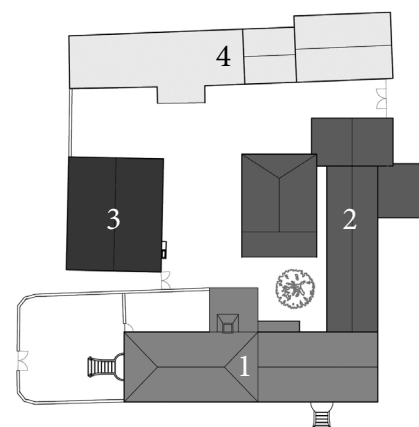


Fig.8: Divisão do complexo arquitetónico em quatro partes Escala 1/1000

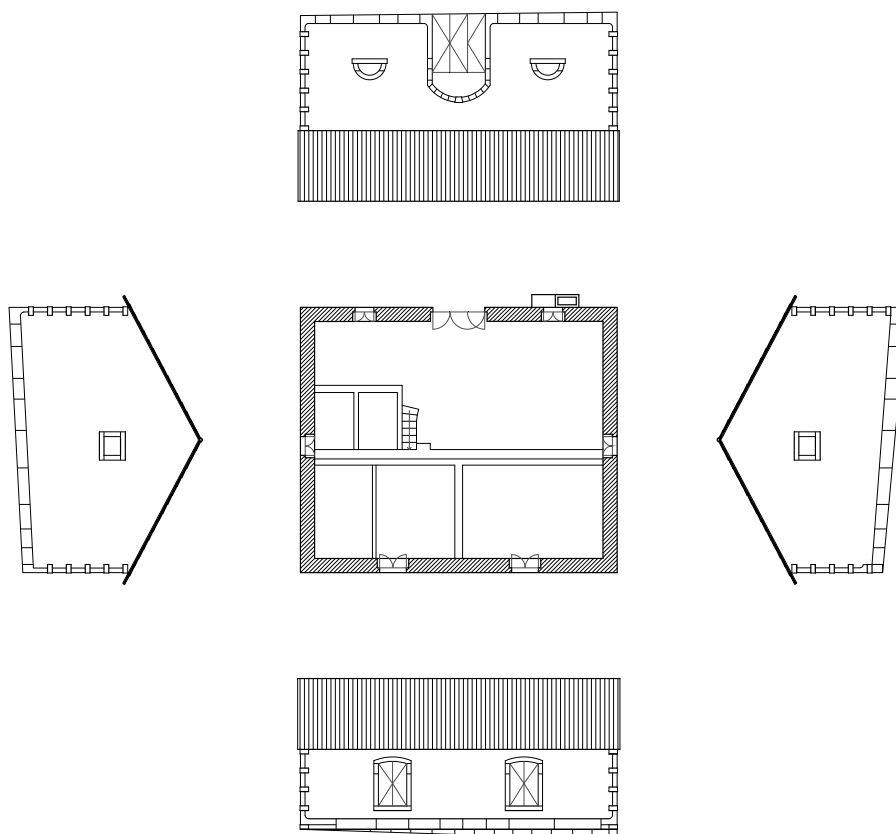


Fig.7: Planta e Alçados da Casa dos Lagares



Fig.11: Casa do Alambique; Casa da Tulha

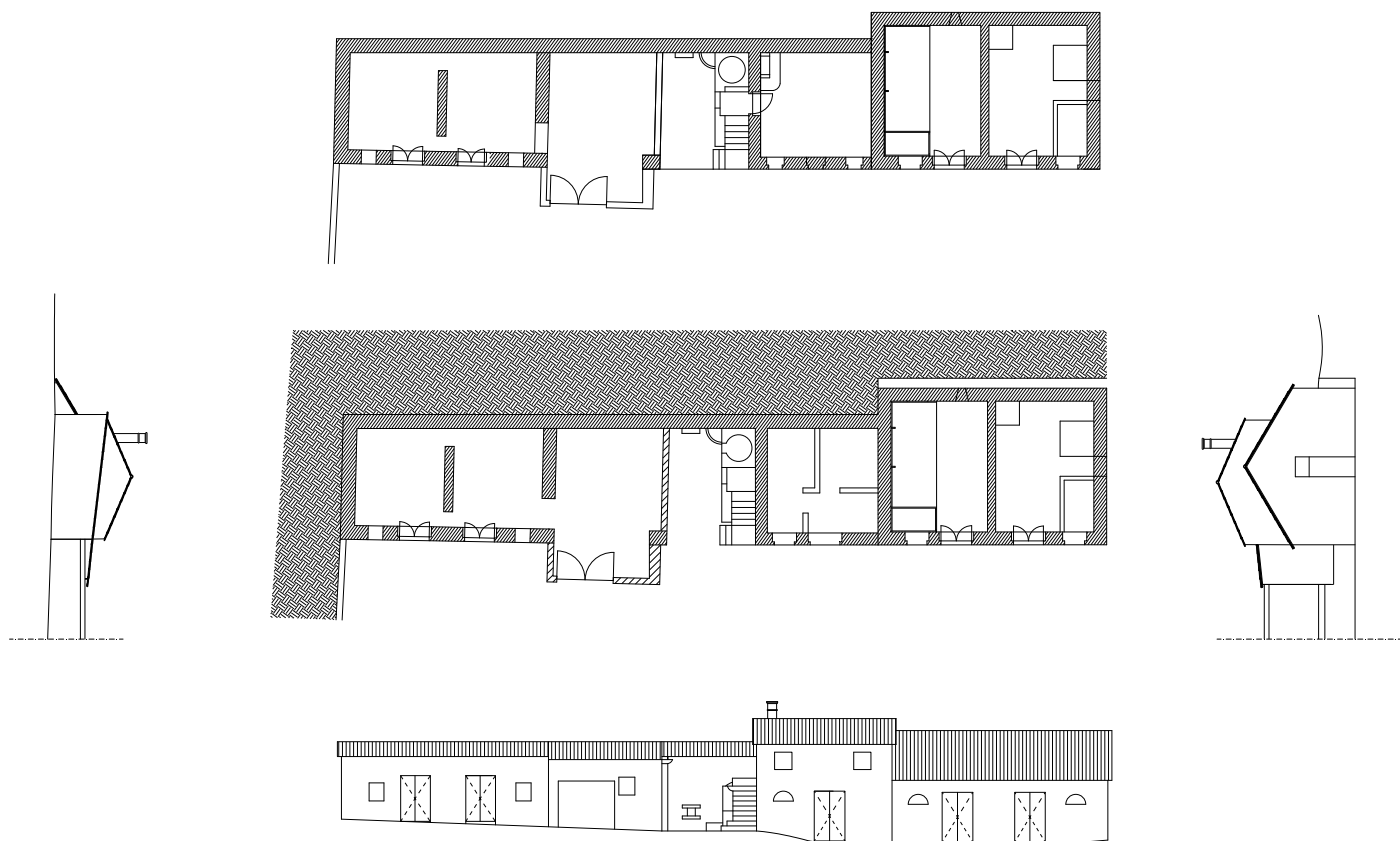


Fig.12:Planta e Alçados das Lojas dos Animais, Alpendre dos Fornos, Casa dos Caseiros; Casa da Tulha e Casa do Alambique

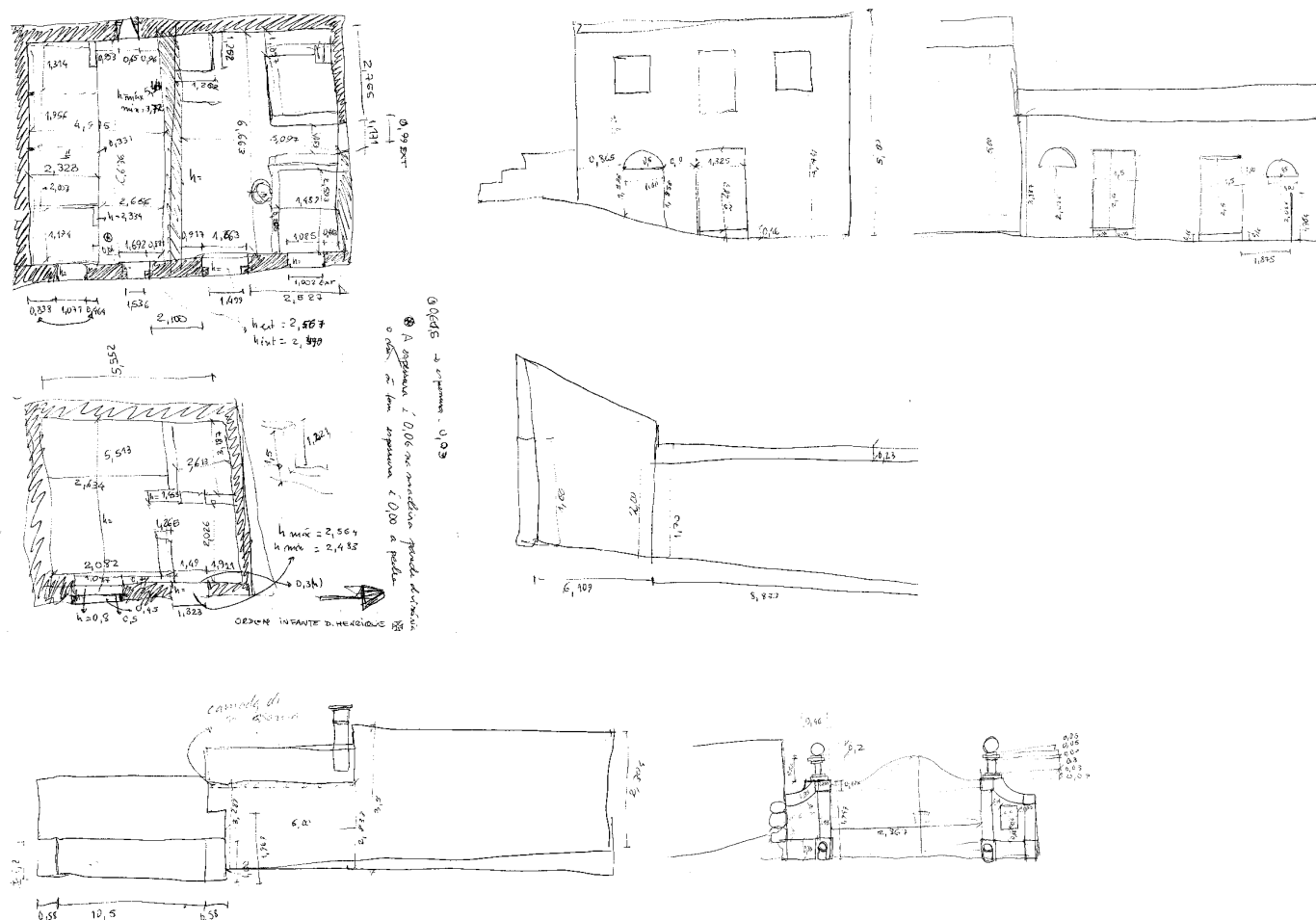


Fig.13: Esquissos - Levantamento Casa da Tulha/ Casa do Alambique/ Casa dos Caseiros/ Loja dos Animais

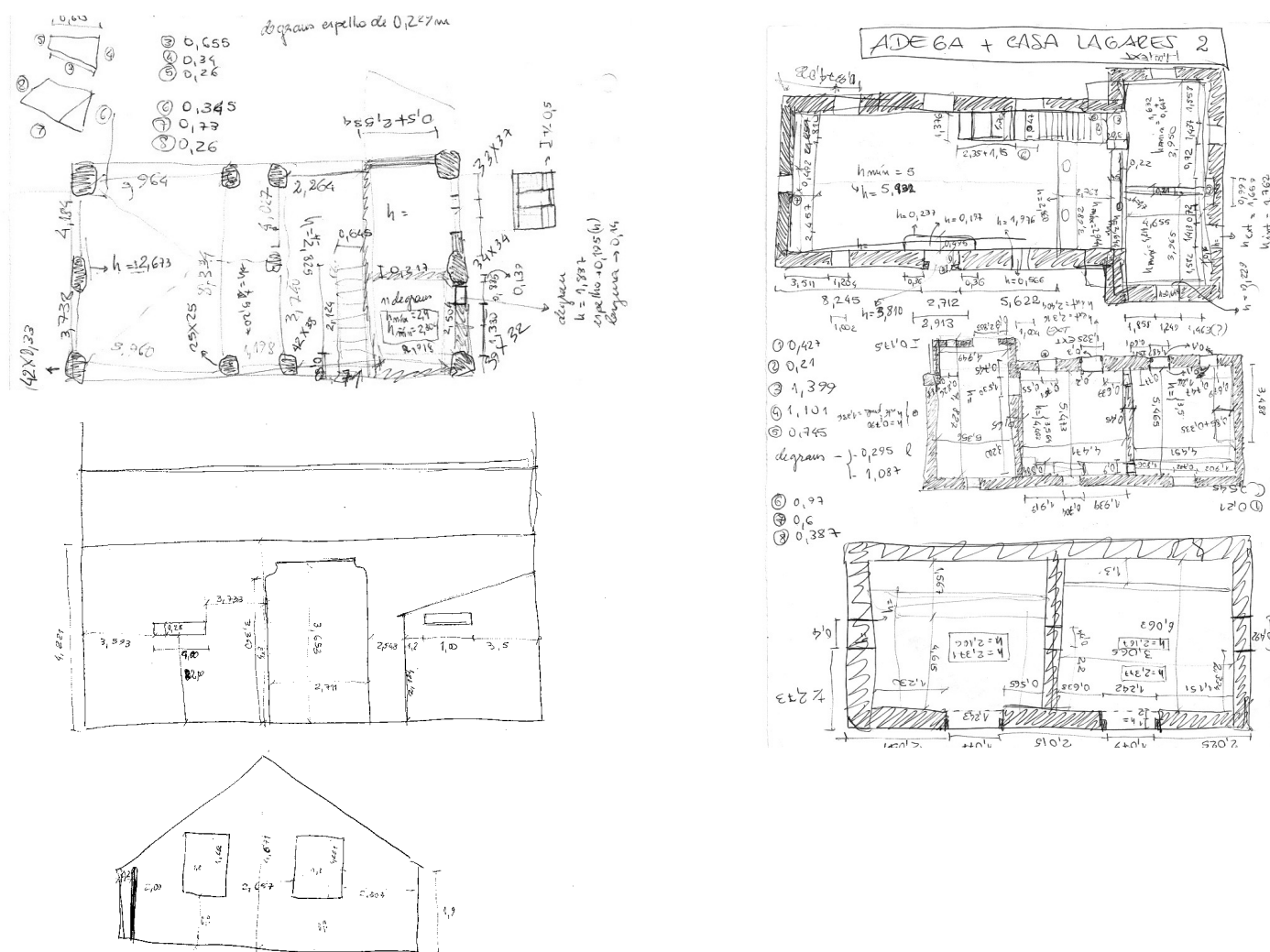


Fig.14: Esquissos - Levantamento Adega/Lagares/Alpendre dos Criados



Fig.15: Exterior Adega/Lagares/Alpendre dos Criados

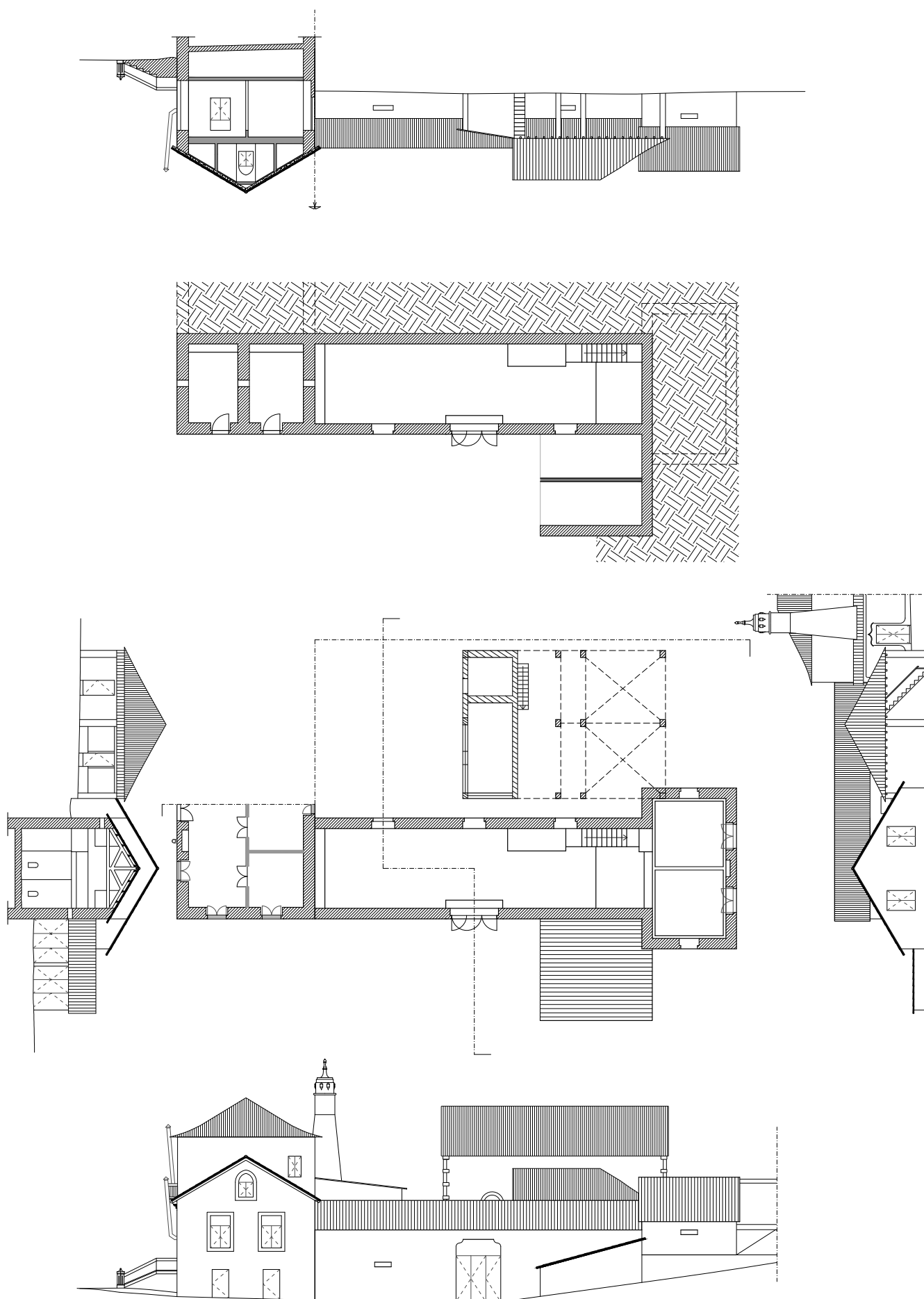


Fig.16: Planta, Cortes e Alçados da Adega, Alpendre dos Criados e Garagem

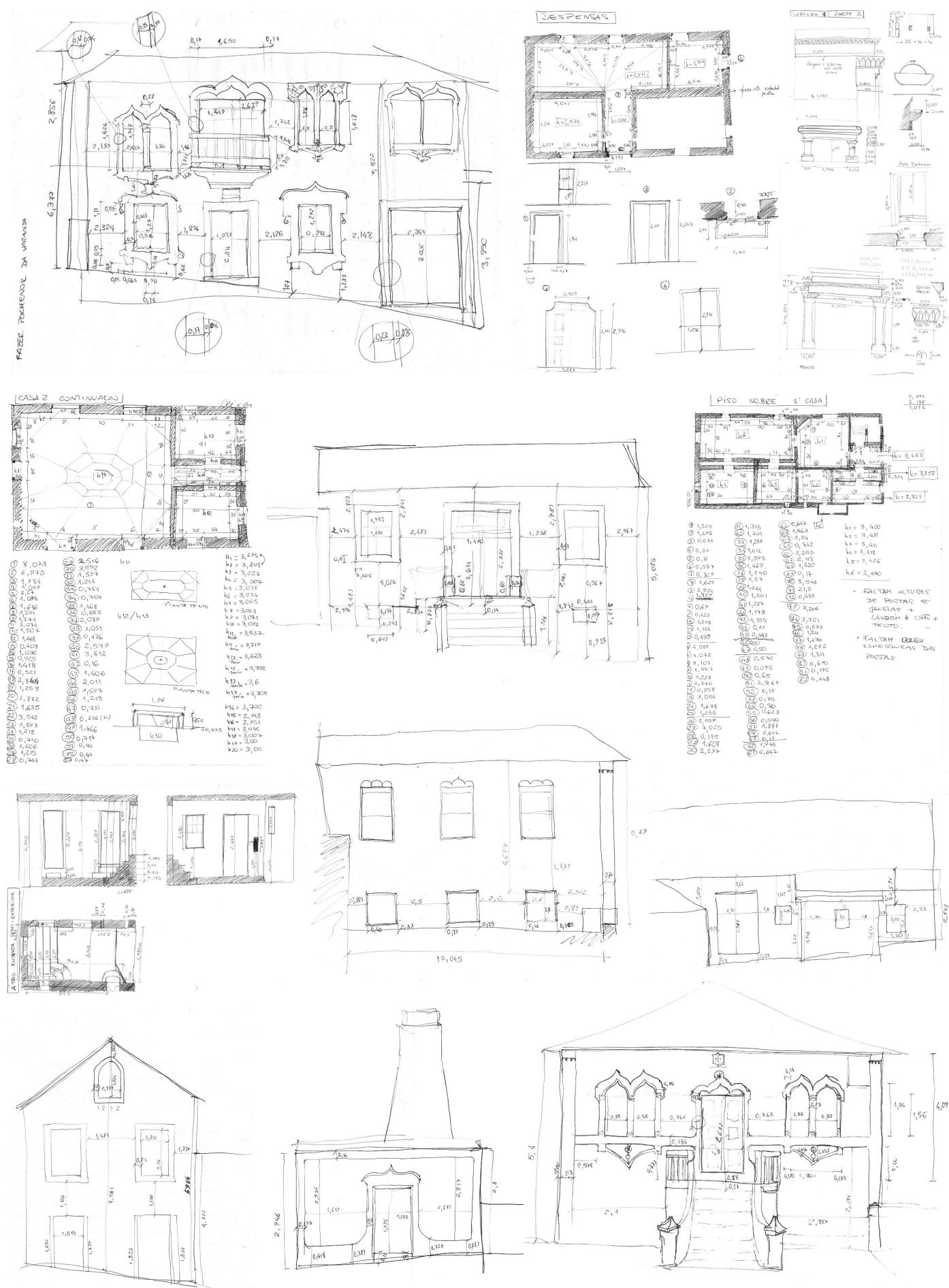


Fig.17: Esquissos - Levantamento Casa Senhorial



Fig.18: Exteriores da Casa Senhorial

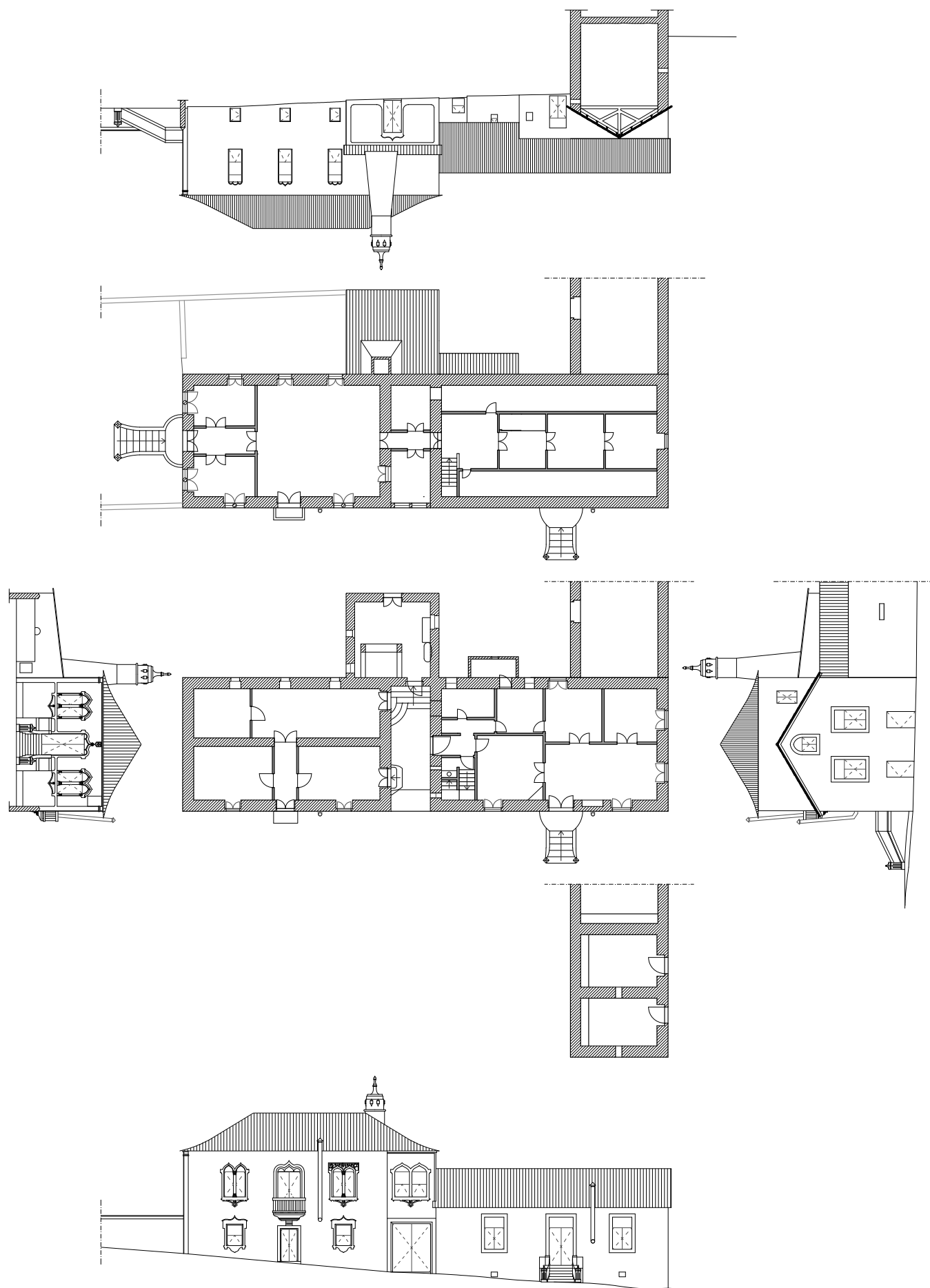


Fig.19: Planta, Alçados da Casa Senhorial

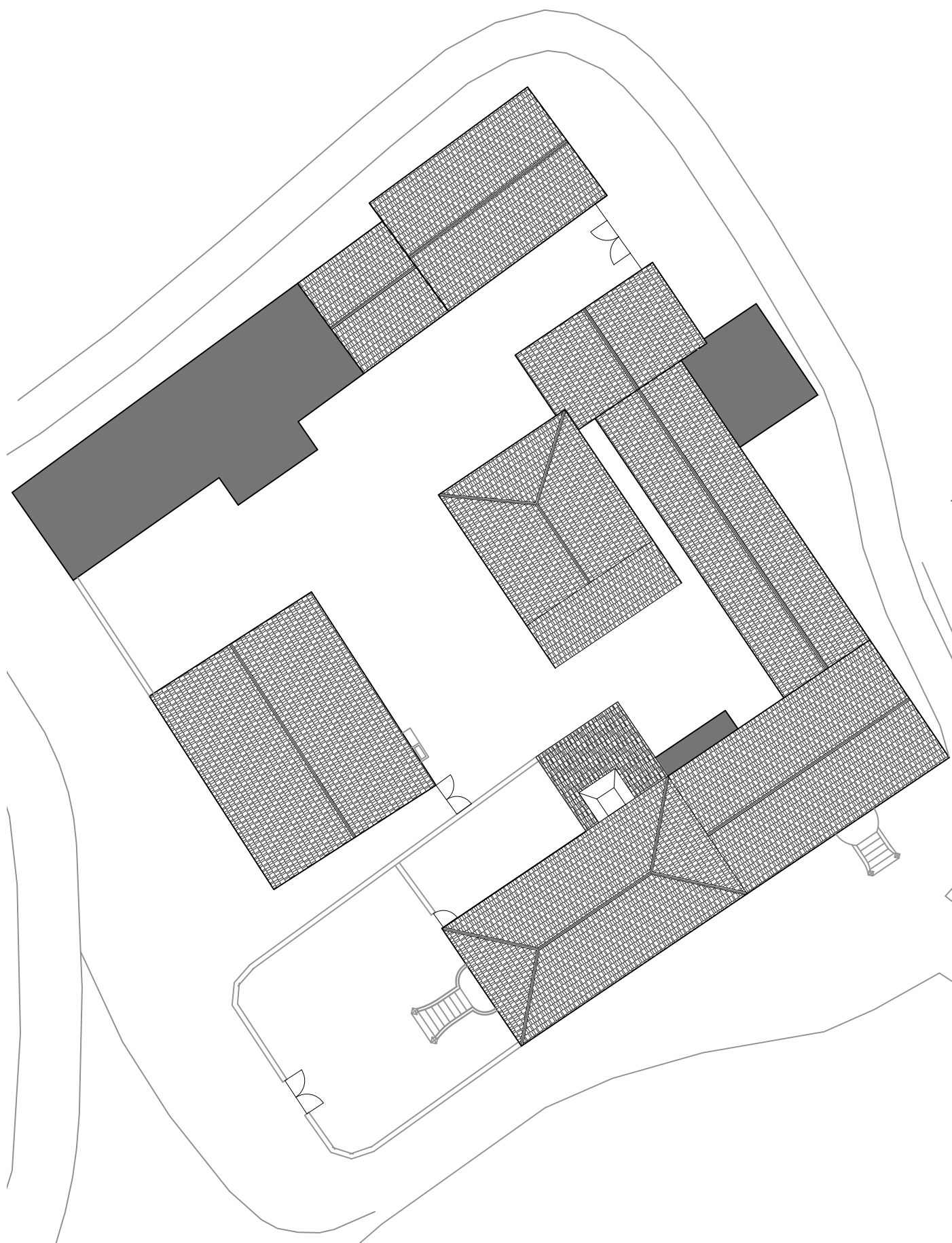


Fig.20:Piso 1 - Planta do Conjunto Arquitetônico





Fig.21: Piso 1 - Planta do Conjunto Arquitetónico



Fig.22: Piso 0 - Planta do Conjunto Arquitetônico

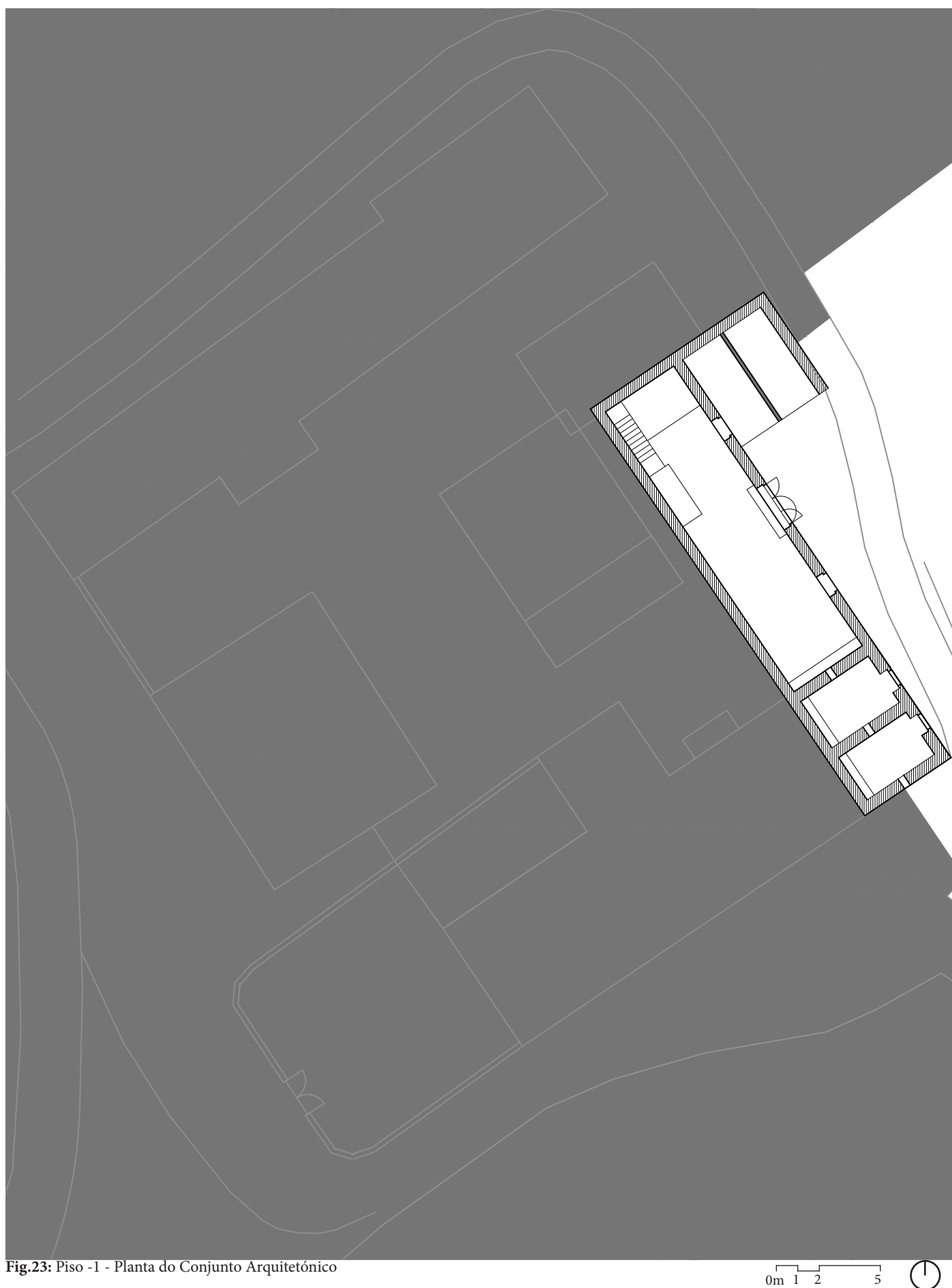


Fig.23: Piso -1 - Planta do Conjunto Arquitetónico

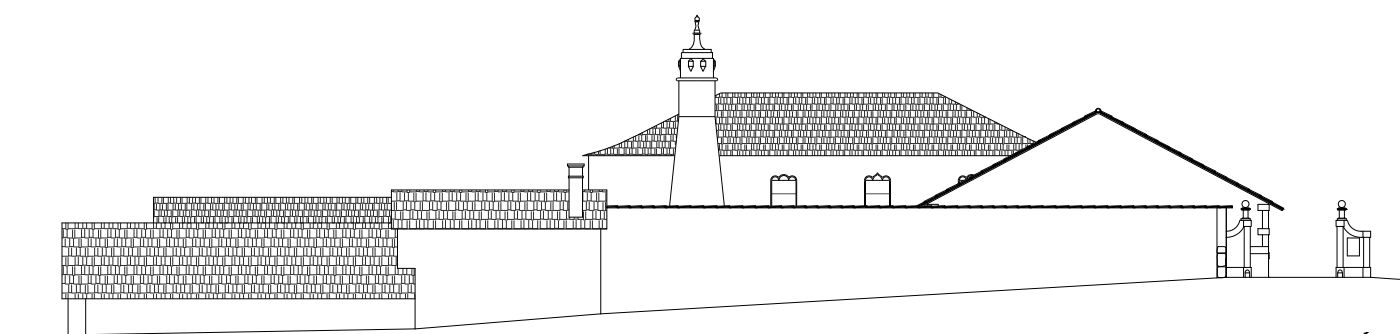


Fig.24: Alçado Oeste

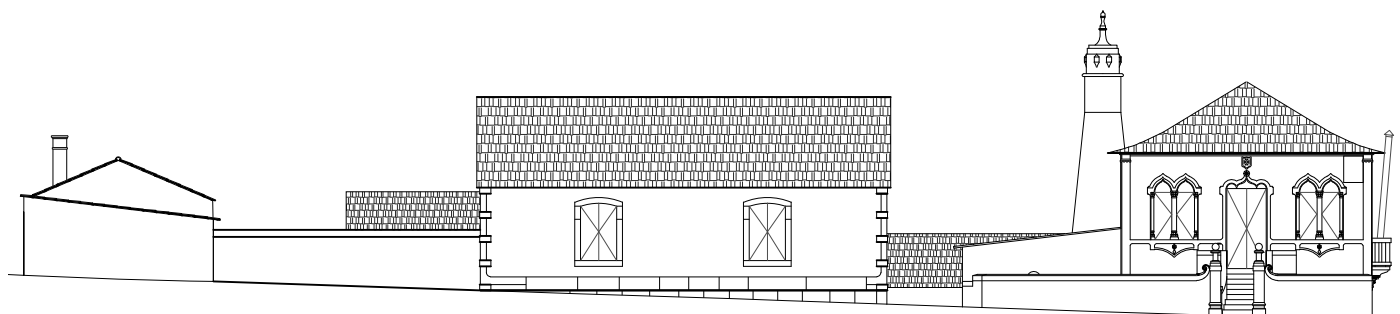
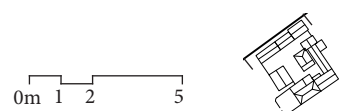


Fig.25: Alçado Sudoeste

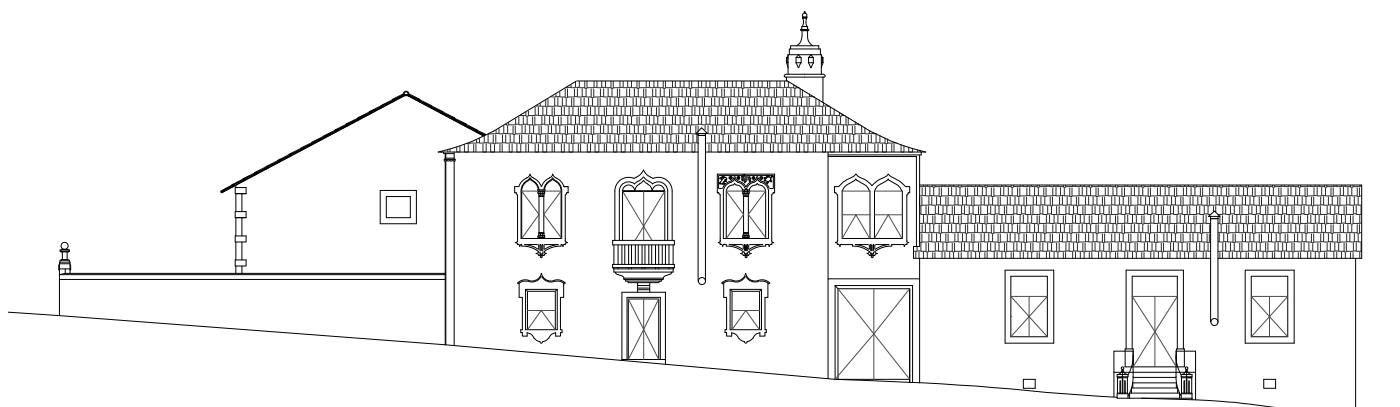
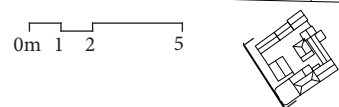
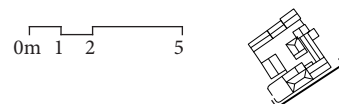
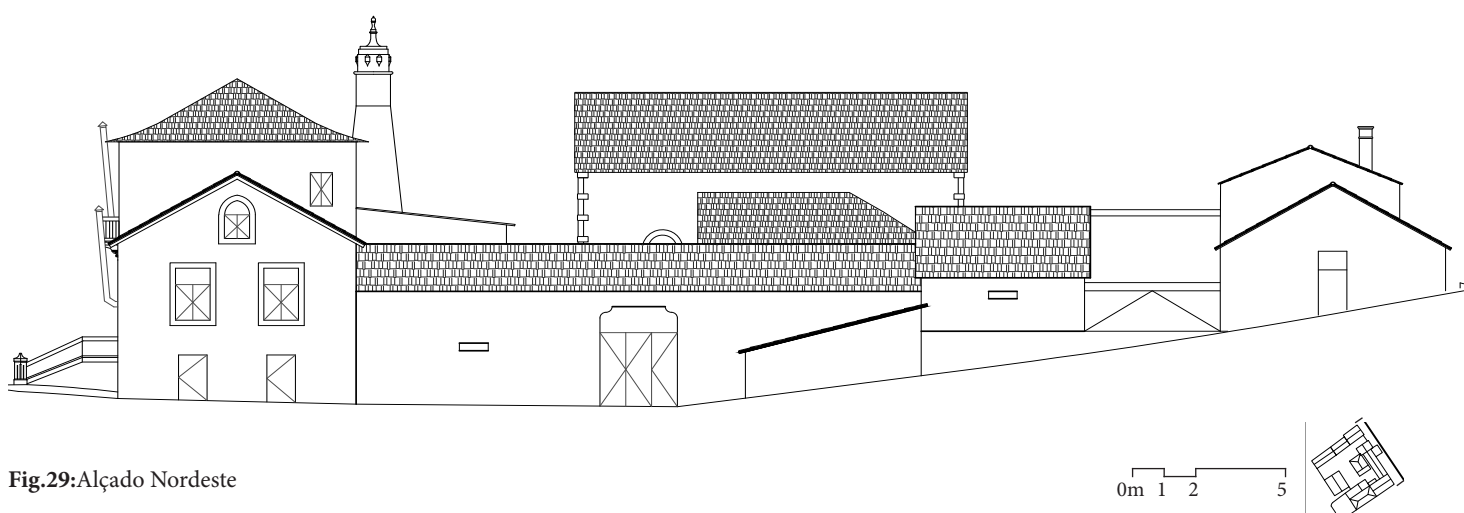
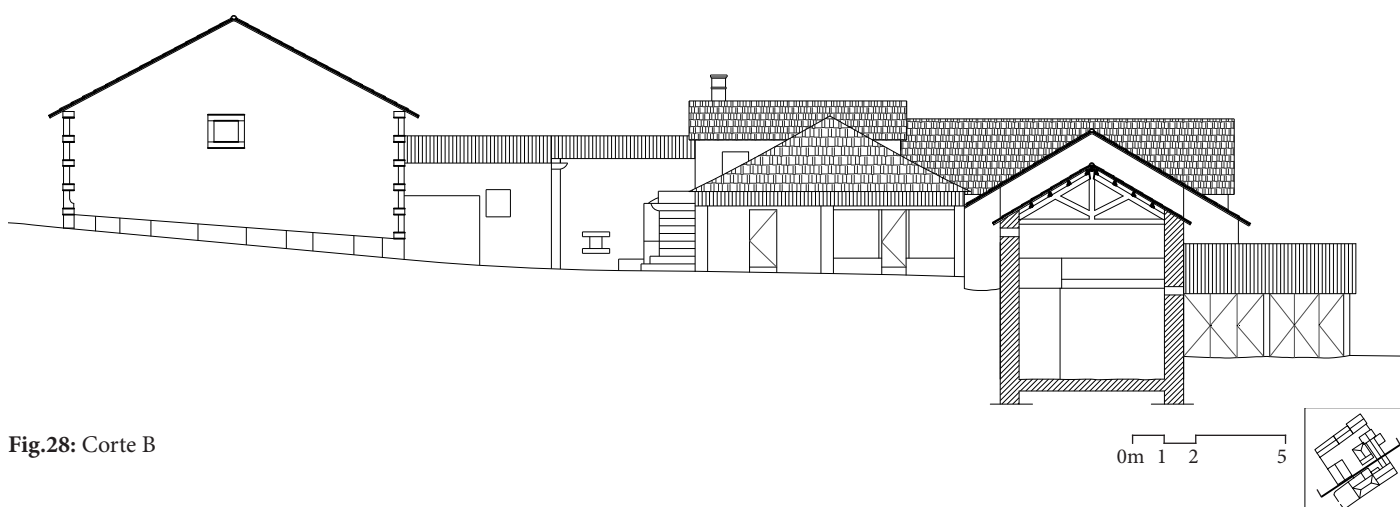
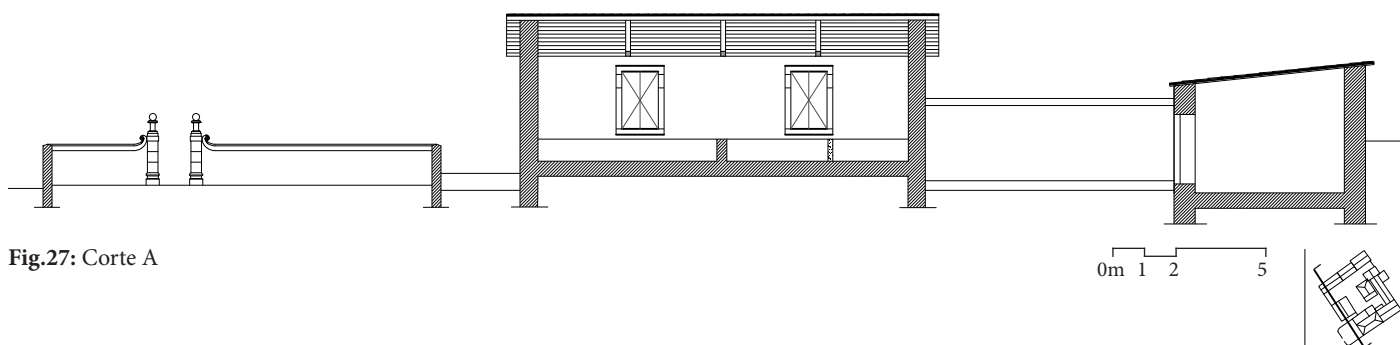


Fig.26: Alçado Sudeste





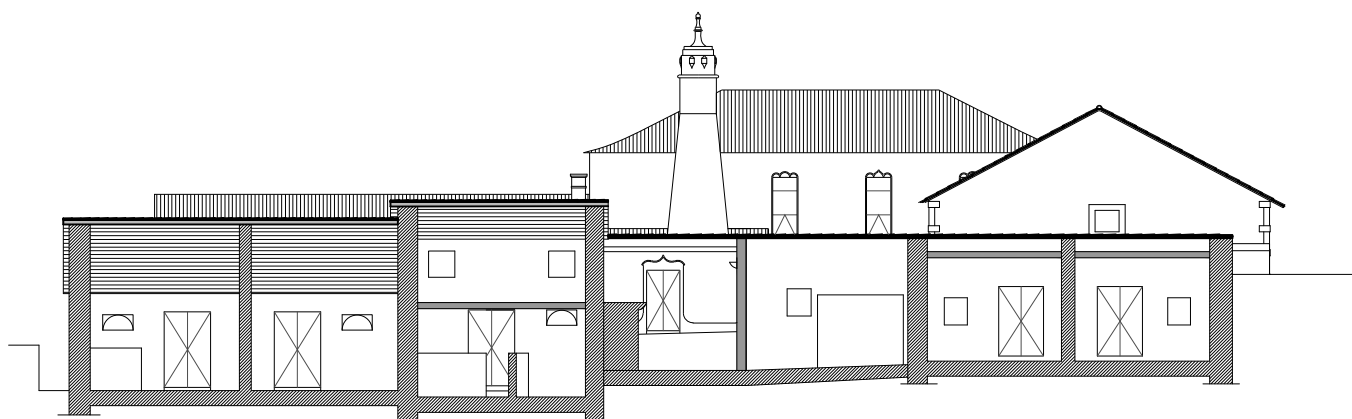


Fig.30: Corte C

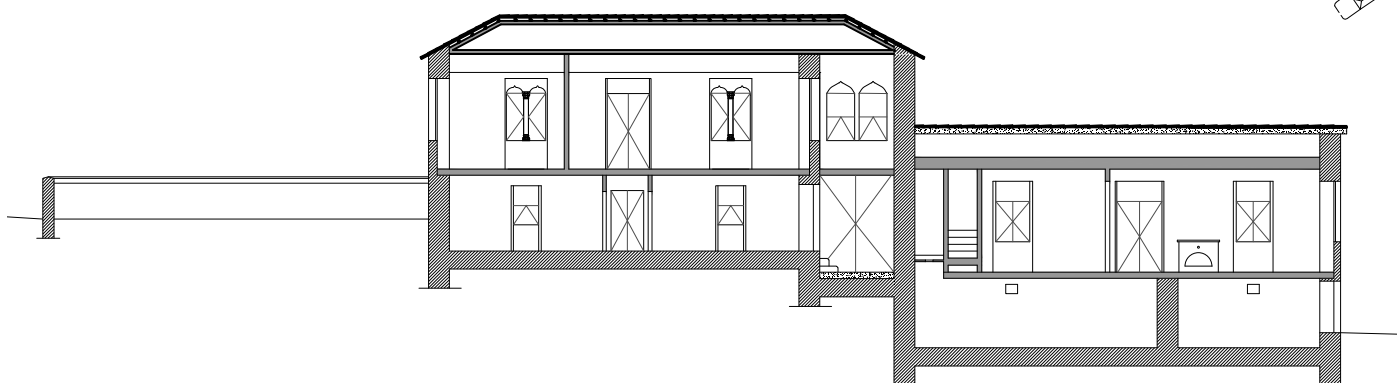
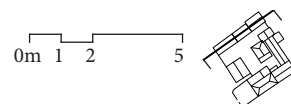


Fig.31: Corte D

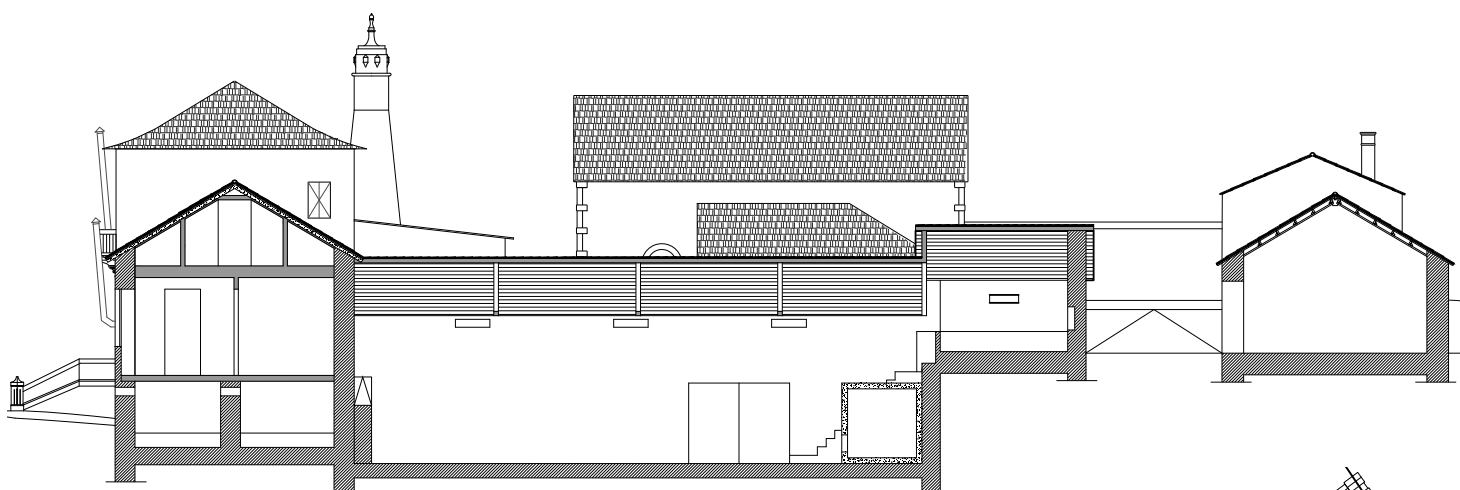
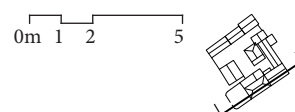
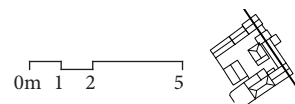


Fig.32: Corte E



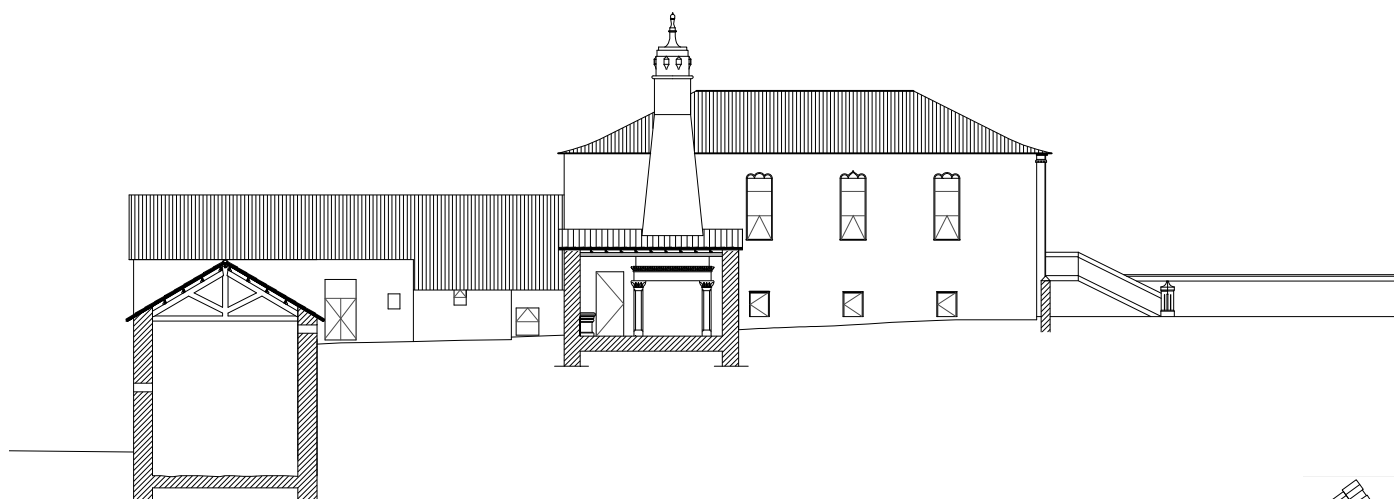


Fig.33: Corte F

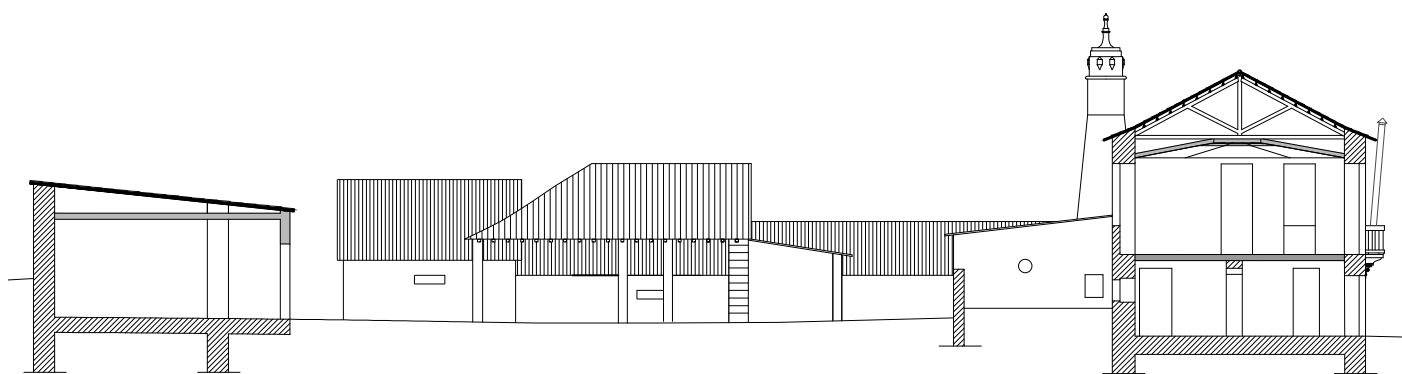


Fig.34: Corte G

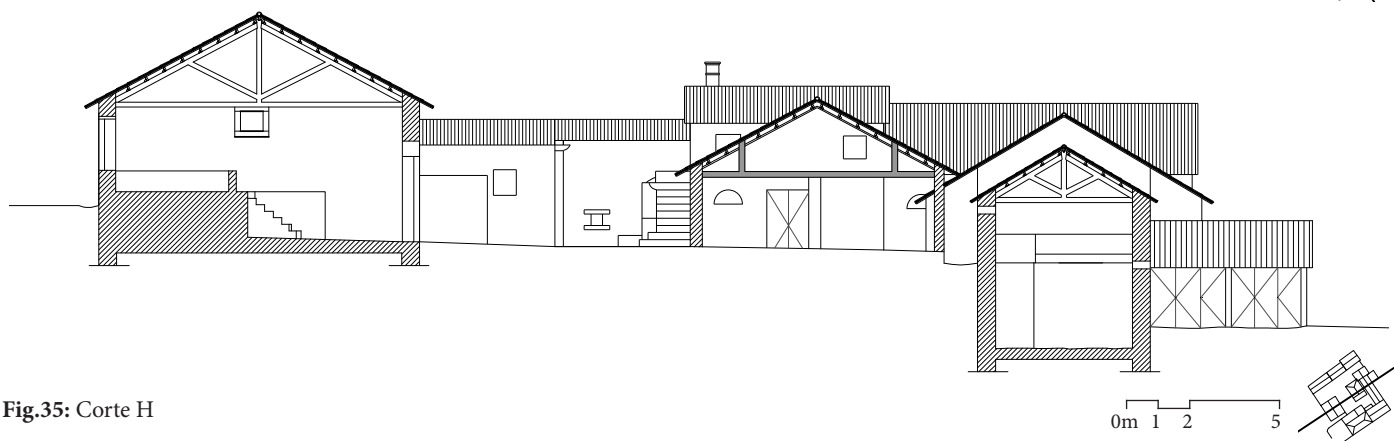


Fig.35: Corte H

3.2 As Maquetas

O levantamento das casas teve especial importância métrica e gráfica, mas também serviu para aprofundar o conhecimento sobre o objeto de estudo em causa nos seus detalhes e formas. Esse estudo foi aprofundado através da construção de maquetas em duas dimensões de ação: uma da aldeia e enquadramento do terreno da quinta, à escala 1/500 e outra do complexo arquitetónico à escala 1/100.

A maqueta 1/500 (fig.39) permitiu uma leitura na paisagem e enquadramento da aldeia e da quinta. Por outro lado, a maqueta 1/100 (fig.36-38) permitiu que se contrariasse uma visão fragmentada que possa decorrer dos trabalhos analíticos, assim, os elementos de conjunto estiveram sempre em interligação com as partes e vice-versa.

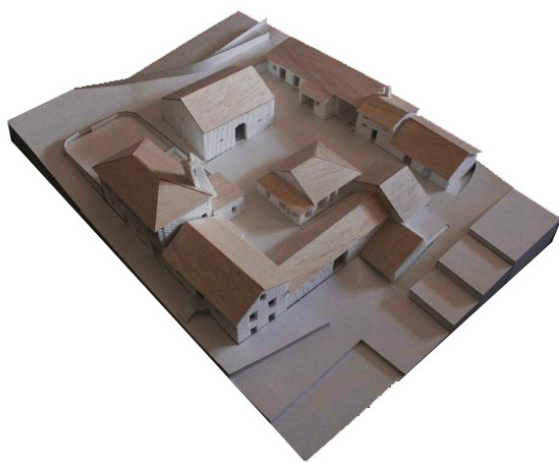


Fig.36: Maqueta do Complexo Arquitetónico à escala 1/100

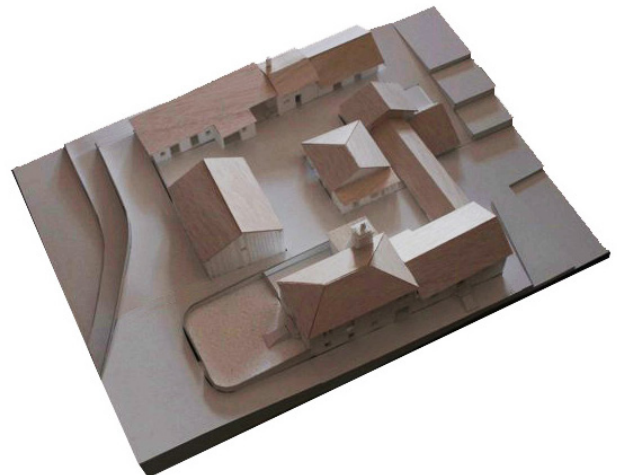


Fig.37: Maqueta do Complexo Arquitetónico à escala 1/100



Fig.38: Maqueta do Complexo Arquitetónico à escala 1/100



Fig.39: Maqueta da Aldeia da Encoberta à escala 1/500

4) LEVANTAMENTO ANALÍTICO



Fig.40: Vale do rio Dão a partir do ponto mais alto da Quinta da Casadeira.



Fig.41: Quinta da Casadeira e seus terrenos



Fig.42: Extrato da Carta Militar à escala 1/25 000.

4.1. As Implantações

Foi primordial não só fazer o levantamento dos elementos arquitetónicos constituintes de cada espaço, como também, integrá-los entre si. A análise e definição de cada espaço foi uma parte importante do levantamento, foram feitas fichas de análises que se encontram em anexo. Assim pode-se compreender como se articulam, se colocam na volumetria da casa, e fazer a restituição original através das alterações arquitetónicas sofridas ao longo do tempo e dos depoimentos dos proprietários.

4.1.1 Localização

A *Quinta da Casadeira* (fig.43), enquadrada na *Região Centro* (Beira Alta) de Portugal, pertence à freguesia de Povolide, concelho e distrito de Viseu. Esta região pertence à região demarcada do Vinho do Dão e a quinta encontra-se no vale deste rio (fig.41).

O *Vale do Dão* manteve-se até aos dias de hoje como área rural, em que após de um período de progressivo abandono agrícola tem havido um aumento do uso do solo novamente para fins vinícolas.

A acessibilidade a Povolide tem vindo a melhorar, com a conclusão da autoestrada A25, eixo de crucial importância nesta articulação, entre outros eixos viários também eles importantes.

A qualidade ambiental é uma mais valia por ter as condições ideais para a produção de vinho e ser reduzida a existência de indústrias neste vale.

O turismo tem sido uma aposta estratégica de grande importância como base económica da região, pois o património arquitetónico existente tem sido alvo de valorização e de desenvolvimento rural, onde têm sido feitos novos investimentos na produção e qualidade do vinho do Dão, estando o mesmo a acontecer com esta quinta.

Existe uma grande coerência interna em termos de usos no Vale do Dão que contribui fortemente para o desenvolvimento de uma identidade cultural nesta região.

Até ao séc. XIX, Povolide foi vila e sede de concelho e, ainda, a abadia dos condes de *Povolide*. No entanto, hoje em dia é uma freguesia do concelho de Viseu.

A aldeia da *Encoberta* situa-se a 20 km de Viseu e é uma aldeia de pequena dimensão, apesar de continuar a crescer. A quinta situa-se na sua periferia. A distribuição interna da população desta aldeia é organizada essencialmente de acordo com os eixos rodoviários (fig.42).

As quintas tinham grandes áreas e, muitas vezes, outras dependências fora do complexo arquitetónico principal. Suspeita-se que o mesmo se passasse aqui visto que a capela da aldeia é contemporânea da quinta, datada que é de 1888 e a quinta de 1892. Por isso, é provável que a Capela lhe pertencesse.

Acreditamos, então, que a *Quinta da Casadeira* tenha desempenhado um papel predominante na evolução do traçado rural neste território.

Por, na quinta, se encontrar um painel de azulejos com o nome “*Quinta de Povolide*”, desconfiamos que antigamente a quinta se chamava assim (fig.44).

Em conversa com as pessoas da aldeia, elas afirmam que a quinta foi erguida num local onde antes existia uma casa e uma eira³⁴ (fig.45), daí a origem do nome: *Casadeira*. Esta versão parece ter correspondência com a verdade, pois existe na quinta uma eira, com pedras de grande dimensão e delimitada por uma “moldura” em pedra.



Fig.43: Limites da Quinta da Casadeira



Fig.44: Painel de Azulejos na Casa dos Lagares virado para Oeste



Fig.45: Eira na Quinta da Casadeira

34 Local de malha, secagem e de limpeza dos cereais - o milho, em particular, nesta região e leguminosas

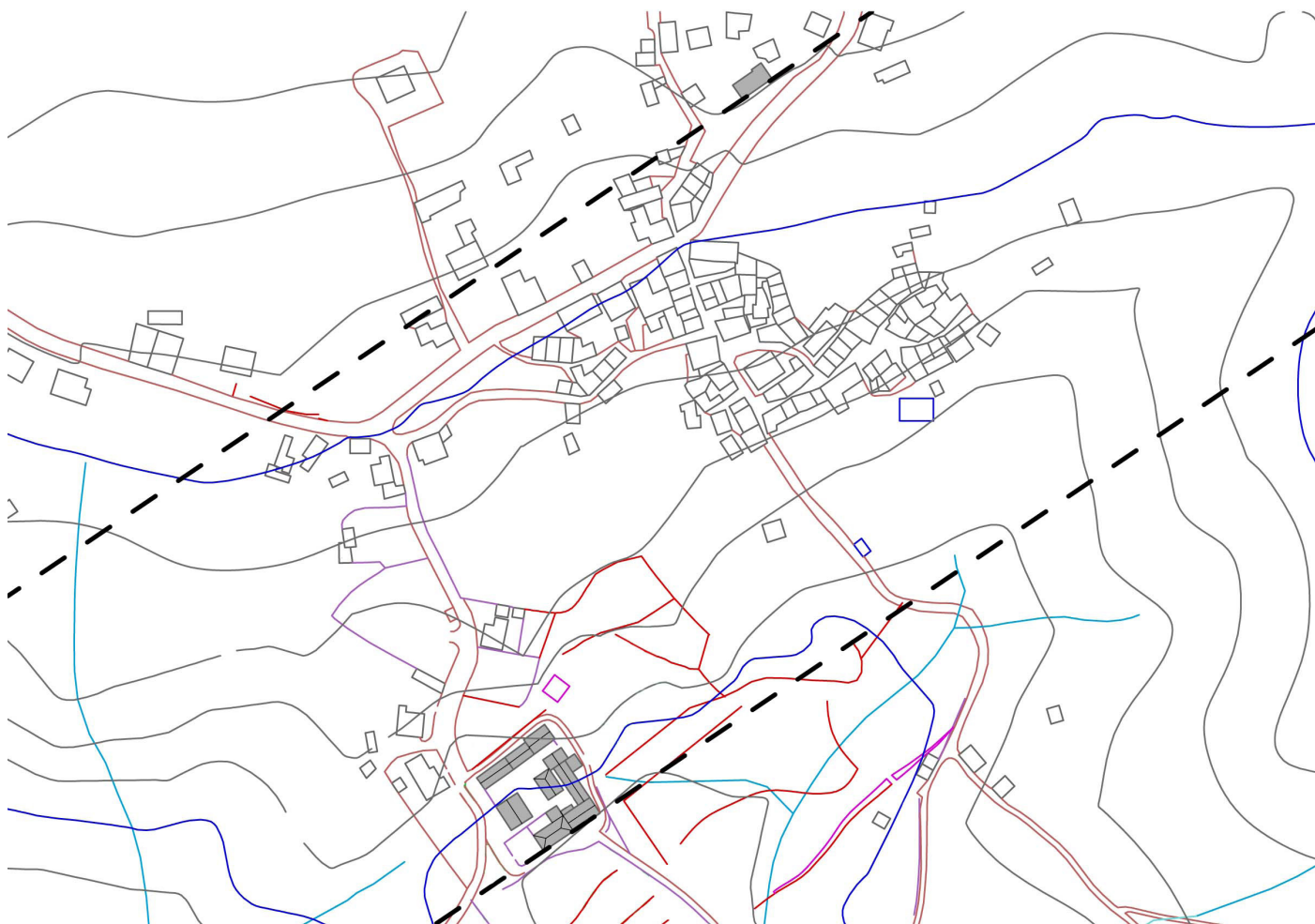


Fig.46: Alinhamentos entre a Capela e a Casa Senhorial

0m 20 40 100

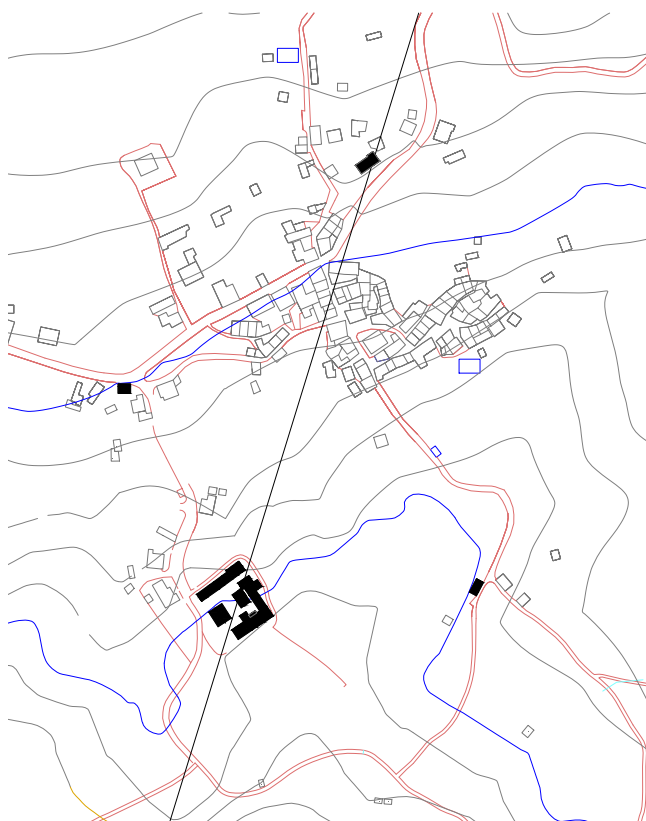


Fig.47: Alinhamentos entre a Capela e a Casa Senhorial

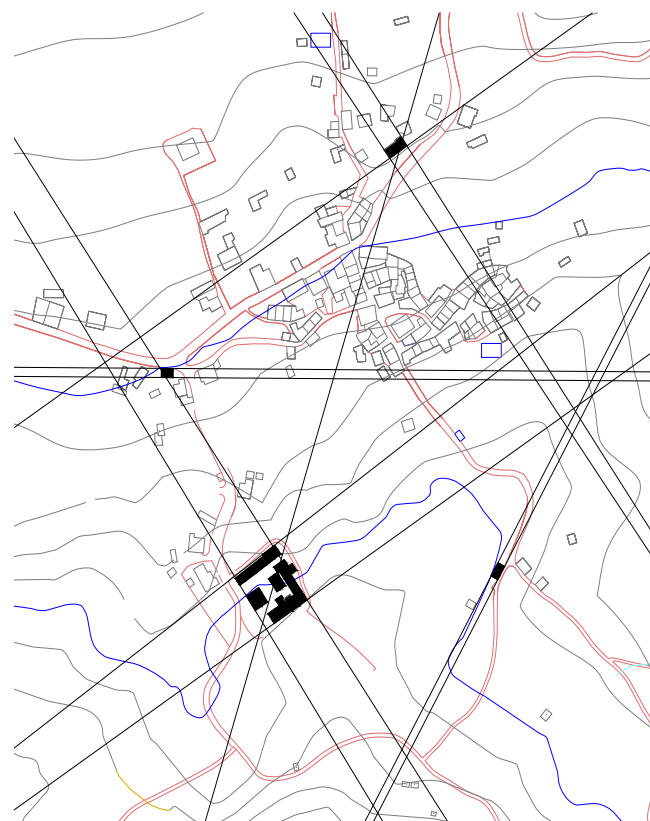


Fig.48: Alinhamentos Gerais entre a Capela, Complexo Arquitetónico, Cocheira e Casa dos Caseiros

4.1.2 Os Alinhamentos

Tentamos compreender o que levou o arquiteto anónimo a orientar a quinta nesta direção. Comparamos e constatamos que a *Quinta da Casadeira* e da *Capela da Encoberta* (fig.49) têm as mesmas orientações geográficas (fig.46). Para além disso, a fachada da *Casa Senhorial-Pública*, a Oeste, tem semelhanças com a capela, ou seja, ambas têm a porta do acesso principal virado a Sudoeste e ambas têm uma porta lateral virada a Sudeste (fig.50), embora no caso da *Casa Senhorial* dê para uma varanda, e ainda, ambas têm ornamentos referentes à religião Cristã. A análise desses ornamentos será detalhada mais à frente deste trabalho.

“Porque, assim como o relâmpago sai do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem. 28³⁵”

Por esta razão, muitas igrejas católicas estão orientadas com a porta principal virada para o ocidente, para que a entrada dos fiéis seja em direção à luz sugerida.

Procuramos ainda outras relações embora os resultados sejam mais reboscados: outra relação menos evidente é a ligação dos pontos das entradas exteriores no pátio do complexo arquitetónico e a capela; essa união numa reta interseta a *Capela da Encoberta* (fig.47); e as duas retas paralelas no sentido Nordeste-Sudoeste enquadram a antiga *Cocheira* da aldeia (fig.48). Era um equipamento muito importante, pois continha uma carruagem pública para transporte dos habitantes da aldeia. As pessoas da aldeia afirmam que a cocheira era responsabilidade dos proprietários da quinta e, por essa razão, os cavalos seriam guardados na *Quinta da Casadeira*.



Fig.49: Capela da Encoberta



Fig.50: Entrada Lateral da Capela da Encoberta



Fig.51: Antiga Cocheira na Encoberta

4.1.3 Os Acessos à Quinta

A quinta tem três entradas (fig. 52). Duas das quais dão diretamente para o complexo arquitetónico e uma outra numa das extremidades do terreno. Talvez por motivos de vigilância, essa entrada tem a segunda *Casa dos Caseiros* ao lado.

O acesso nobre fazer-se-ia pela entrada 1 (fig. 53), enquanto que a entrada 2 (fig. 54) e 3 (fig. 55) seriam acessos agrícolas.

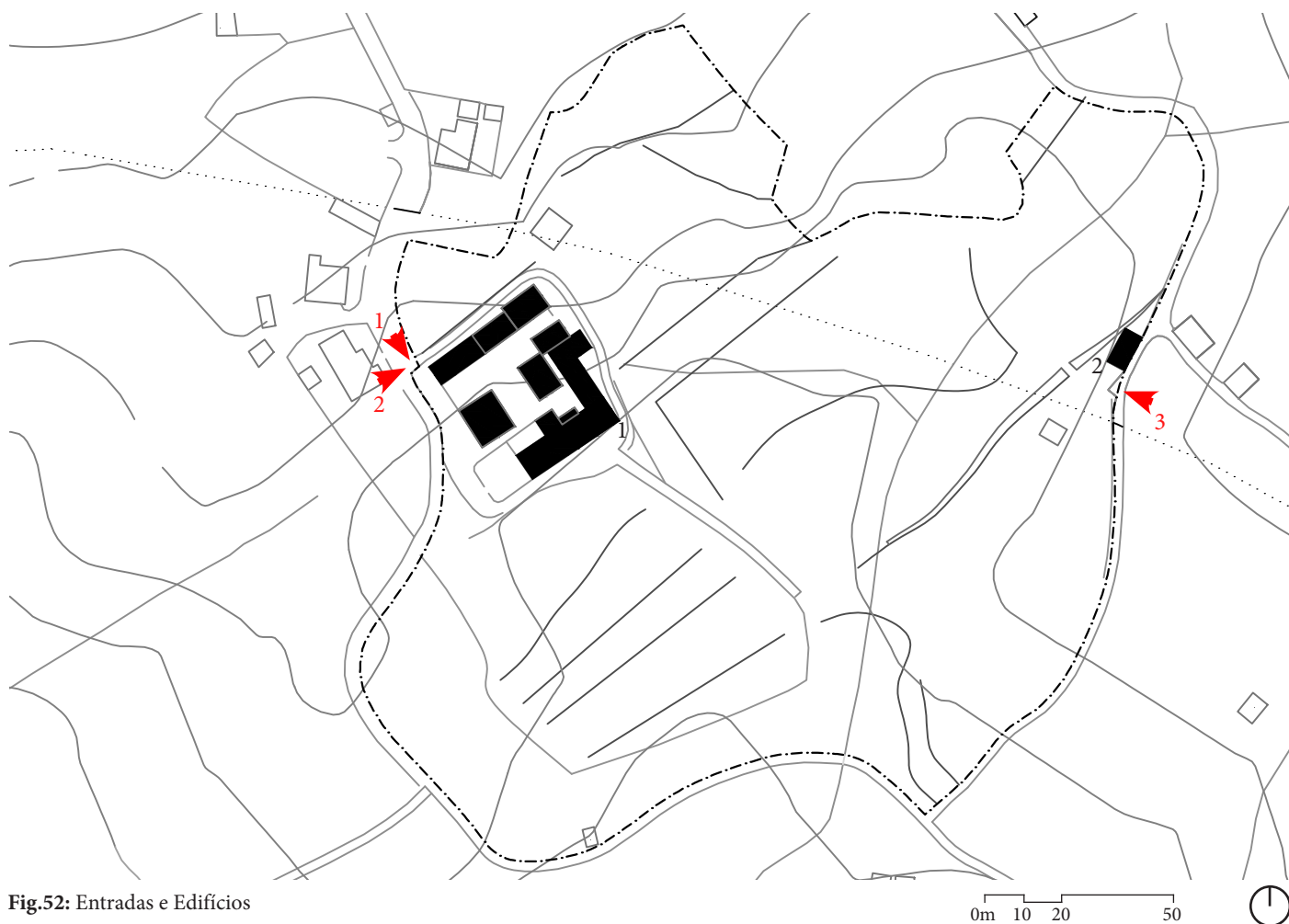


Fig.52: Entradas e Edifícios

LEGENDA:

— . — Limite do Terreno
 Divisão de Município

■ Edifícios
 ➤ Entradas

1 - Complexo Arquitetónico
 2 - Casa dos Caseiros 2



Fig.53: Entrada principal (1) da Quinta da Casadeira



Fig.54: Entrada secundária (2) da Quinta da Casadeira



Fig.55: Terceira entrada (3) da Quinta da Casadeira

4.1.4 A Carta de Usos do Solo da Quinta

Estudamos os usos do Solo na quinta (fig.56) e verificou-se que este é ocupado de sete modos: vinha; olival; jardim; caminhos; campos em pousio; campo com uso variável e represas de água. Este estudo foi realizado em paralelo com os proprietários.

Mais de metade dos campos de cultivo não estão a ser utilizados. A vinha ocupa um lugar predominante, seguindo-se do olival. Existe uma zona destinada a cultivo agrícola indiferenciado de maior dimensões que as hortas. A ribeira que atravessa a quinta é muito importante, na agricultura é usada naturalmente para rega e para alimentar represas de água. Os espaços de jardim, que preenche uma pequena parcela na ocupação dos terrenos, estão localizados perto da *Casa Senhorial*.

Uma vez que os proprietários querem produzir vinho para registo de marca própria, a maioria dos terrenos passariam a ter vinhas. Alguns terrenos, principalmente os mais secos, são ideais para vinha. Por nos restringirmos à estratégia de intervenção no complexo arquitetónico, não detalharemos como tal irá acontecer.










Fig.56: Carta de Usos do Solo da Quinta

0m 10 20 50



LEGENDA:

| | | | |
|--|---------------|---|---------|
|  | Vinha |  | Pousio |
|  | Jardim |  | Caminho |
|  | Usos Diversos |  | Água |
|  | Olival | | |

4.1.5 A Produção Agrícola

Como os proprietários desejam que estas infraestruturas, referentes à atividade agrícola, sejam atualizadas, estudou-se o seu funcionamento para que se pudesse pensar sobre a utilidade e a importância delas na quinta.

Hoje com cerca de 6 hectares, o uso agrícola praticado nos seus terrenos é, essencialmente, de exploração de uva (fig.57) e de azeitona (fig.58).

A produção do vinho³⁶, dependia da *Casa dos Lagares* e da *Ageda*. A *Casa dos Lagares* era constituída inicialmente por dois lagares de vinho em pedra. Atualmente, um deles foi dividido em dois lagares; por dois tanques profundos para o cangaço; e por uma prensadora que já não existe.

A *Ageda* está virada a Nordeste para garantir as condições ideais para a produção de vinho. Tem mais dois lagares de vinho em pedra com o mesmo funcionamento dos que existem na *Casa dos Lagares*, também eles num nível superior, que subdivide a *Ageda* em dois volumes.

Na quinta, a *Casa dos Lagares* e *Ageda* têm ligações subterrâneas entre os lagares e as cubas, para a transição do produto. A *Ageda* era constituída por quatro cubas fixas, uma para cada lagar original, e tunéis em madeira, atualmente apenas existem dois. Tem 7 janelas de pequenas dimensões para garantir o mínimo de iluminação interior e ventilação necessária.

A produção de aguardente³⁷, dependia da *Casa dos Lagares* e da *Casa do Alambique*. A *Casa dos Lagares* tem dois tanques profundos para guardar o cangaço depois de prensado, para ser levado para a *Casa do Alambique* tem também um tanque para o cangaço e atualmente é esse o lagar em uso. Tinha alambique com forno em tijolo burro. O alambique foi vendido e atualmente restam apenas as ruínas do forno, o que descaracteriza totalmente a *Casa do Alambique*.

Os Cereais³⁸ eram secos na *Eira* e guardados na *Casa da Tulha* que era constituída por quatro tulhas em madeira sobreelevadas e com respiradores (fig.59), com um mecanismo na entrada que permitia fechar com tábuas de madeira que deslizavam até ao pavimento. Apenas resta uma tulha. Para além da porta e janela para o pátio agrícola, tinha uma outra janela alinhada com a porta de entrada que, entretanto, foi fechada. Com este desmantelamento, a *Casa da Tulha* também perdeu importância.

Pensamos que a estratégia de intervenção possa incluir o restauro e adaptação destas infraestruturas para o mesmo uso. Ou seja, atualizar as estruturas vinícolas, reconstruir o forno e comprar um alambique, reconstruir as tulhas e compor as pedras de remate em volta da eira.



Fig.57: Vinha pertencente à Quinta da Casadeira



Fig.58: Olival da Quinta da Casadeira

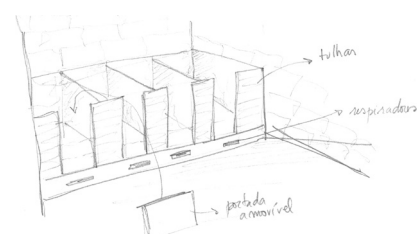


Fig.59: Desenho das Tulhas na Quinta da Casadeira

36 Após as vindimas, as uvas, levadas para os lagares, passam num esmagador, são pisadas com os pés e após o “vinho erguer” (quando o *bagaço* sobe), nos 2 a 3 dias seguintes, volta a ser novamente pisado. Posteriormente o *mosto* “vinho” passa diretamente por canalizações subterrâneas, para as cubas da *Ageda* da Quinta. A cada lagar corresponde uma cuba profunda. Daí que as Cubas tenham posições diferentes relativamente ao lagar a que correspondem. Atualmente, as velhas e volumosas cubas de cimento da quinta, estão a dar lugar a cubas de inox. Em seguida, o líquido vai ferver cerca de 1 mês, processo durante o qual vai expelindo impurezas pelo que é necessário ir acrescentando com mais vinho “mosto”, até que o vinho fique sem impurezas. Quando o vinho deixa de ferver, reserva-se.

37 Depois de extraído o vinho, ao resíduo das uvas depois de pisadas dá-se o nome de *bagaço*, que seguia para a Prensadora para o pressionar e retirar o vinho restante. Posteriormente, ia para o Alambique onde através de uma caldeira de água a ferver se produzia a aguardente.

A caldeira do Alambique funcionava como uma panela de pressão e tinha uma “bailarina” no telhado, para expelir o excesso de vapor. A força do vapor de água a ferver, ao passar pelo *bagaço*, bem escoado, permitia através de processos de condensação, a formação de um líquido, chamado de aguardente bagaceira.

38 Depois da sua completa maturação em que se apresentam secos nos terrenos, eram colhidos e transportados até à *Eira*, onde eram “malhados”. Eram estendidos na eira enquanto se retiravam os desperdícios de maior volume, no caso do milho, eram depois limpos (levantados ao vento).



Fig.60: Represa de água 1 (3)



Fig.61: Represa de água 2 (4)



Fig.62: Poço 1 (1)



Fig.63: Represa de água 3 (5)



Fig.64: Poço 2 (6)



Fig.65: Curso de água e ponte (2)



Fig.66: Tanque 1 (7)



Fig.67: Queda de água (8)



Fig.68: Curso de água (9)



Fig.69: Tanque 3 (11)



Fig.70: Tanque 4 (12)



Fig.71: Tanque 2 (10)

Realizamos o levantamento e das árvores e dos pontos de água na quinta (fig.72). A água é muito importante para o uso agrícola. Assim sendo, muitos são os elementos de água na quinta. Pela quinta corre uma ribeira e uma nascente convergentes (fig.72). Estão maioritariamente subterrados embora um deles encontre à superfície. Deles resultam uma queda de água, imersa novamente pelo solo.

A quinta tem dois poços de água corrente, um atual e outro antigo e danificado que foi fechado. Existem quatro tanques de água em pedra, três deles estão desativados. Na ribeira foram feitas três represas de água para cultivo de agrião. Os proprietários já não utilizam a represa nº3 (fig.68) por ser a de mais difícil acesso.

É pena que dos quatro tanques apenas um esteja em funcionamento, principalmente quando os proprietários dizem que é muito raro a ribeira secar no verão. E mesmo quando isso acontece, os lençóis de água que alimentam os poços não deixam a quinta sem água. Por esse motivo, os três tanques deveriam ser novamente ativados.

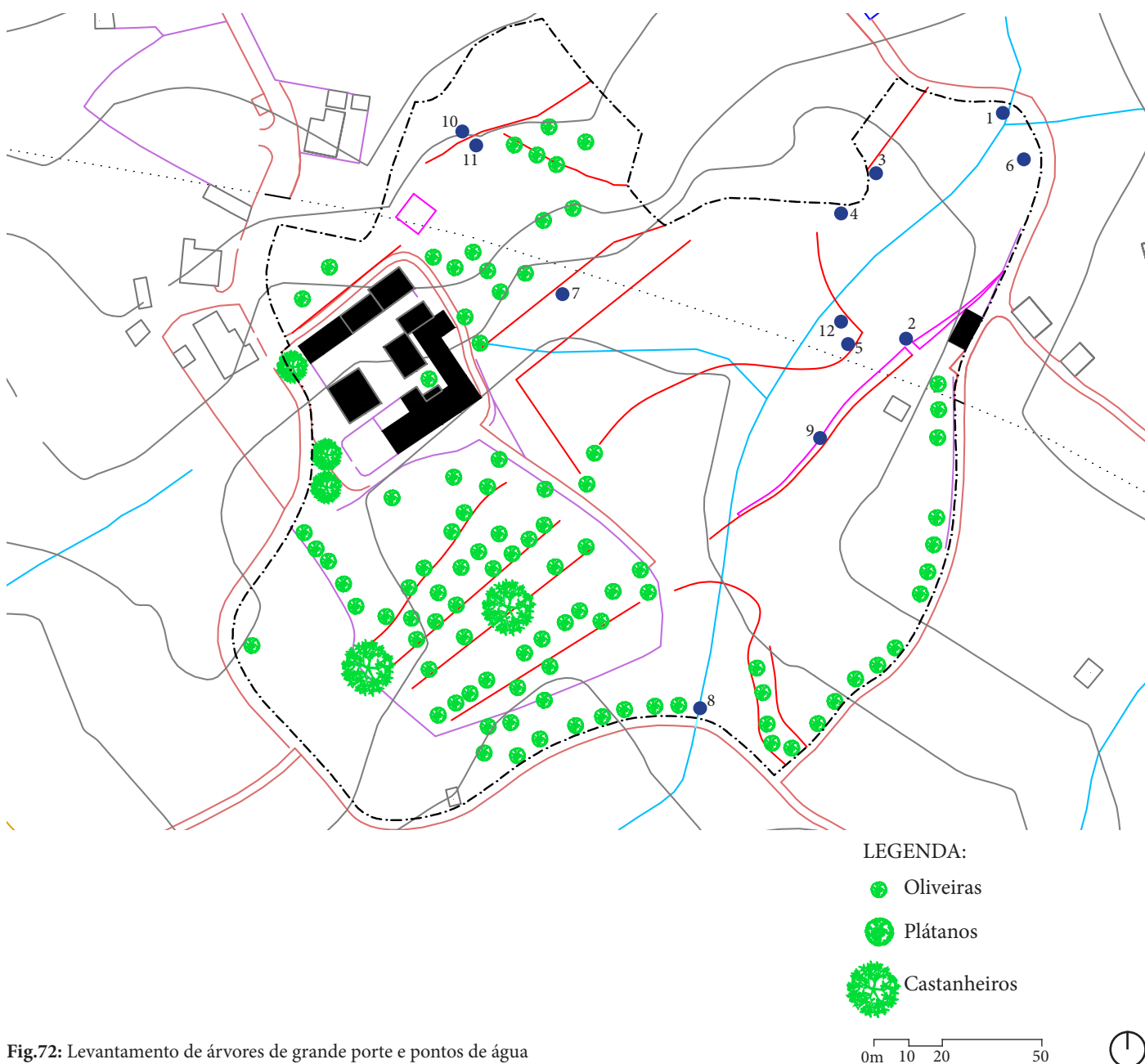


Fig.72: Levantamento de árvores de grande porte e pontos de água

Esquema de Disposição dos Espaços



Fig.73: Piso 1



Fig.74: Piso 0

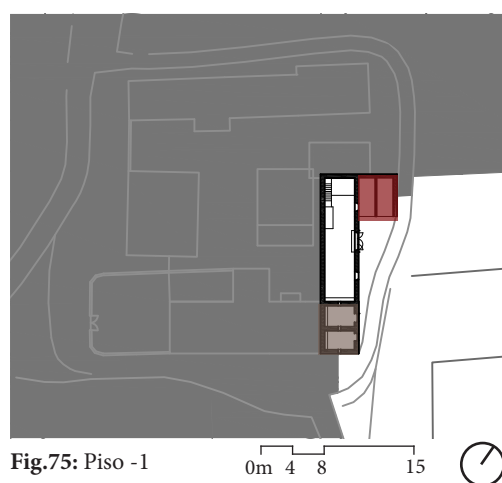


Fig.75: Piso -1

LEGENDA:

| | | | |
|--|-------------------|--|----------------------|
| | Casa Senhoria | | Dormitório Criados |
| | Adega | | Casa dos Lagares |
| | Casa do Alambique | | Casa dos Caseiros |
| | Casa da Tulha | | Alpendre dos Criados |
| | Lojas de animais | | Alpendre dos Fornos |
| | | | Garagem |

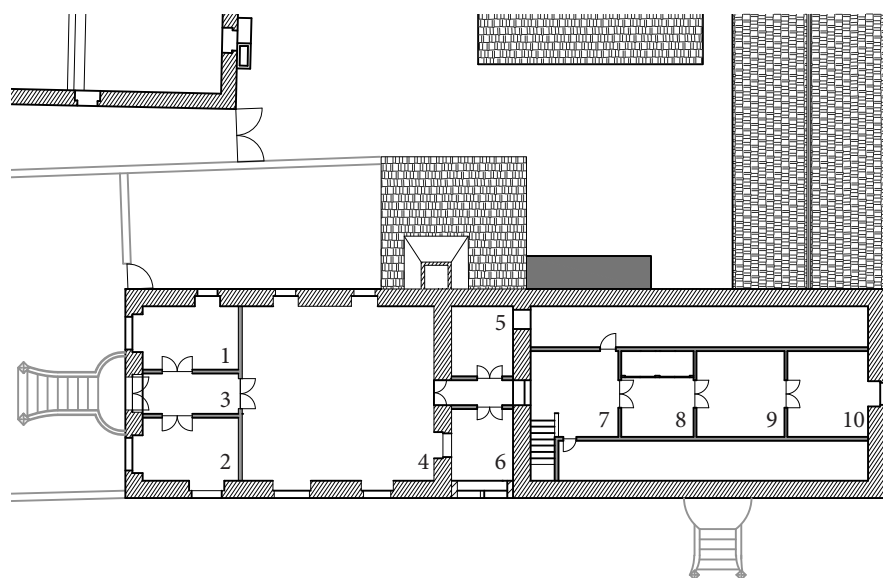


Fig.76: Casa Senhoria Piso 1

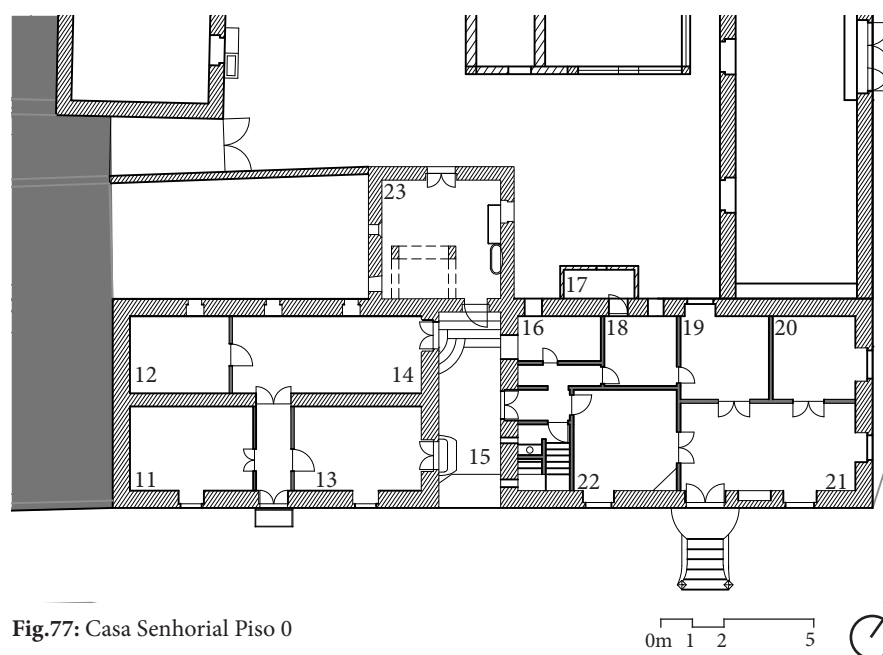


Fig.77: Casa Senhoria Piso 0

LEGENDA:

| | |
|---------------------------|-------------------------------------|
| 1 - Quarto 1 | 12 - Despensa |
| 2 - Quarto 2 | 13 - Cozinha Nova |
| 3 - Corredor/Hall Entrada | 14 - Sala de Jantar (Despensa) |
| 4 - Salão Nobre | 15 - Hall de Entrada |
| 5 - Casa de Banho 1 | 16 - Casa de Banho 2 (Copa) |
| 6 - Sala de Costura | 17 - Casa de Banho 3 |
| 7 - Hall do Sótão | 18 - Quarto 6 (Sala do Banho) |
| 8 - Quarto de Roupas | 19 - Quarto 7 |
| 9 - Quarto 3 | 20 - Quarto 8 |
| 10 - Quarto 4 | 21 - Sala da Lareira |
| 11 - Quarto 5 (Salgueira) | 22 - Sala de Estar (Sala de Jantar) |
| | 23 - Cozinha Velha |

4.2 A Disposição dos Espaços

O complexo arquitetónico está distribuído em forma de um quadrado com um pátio agrícola interior (fig.74). A *Casa Senhorial* (fig.76-77) ocupa um lado virado a Sudeste, com a melhor vista sobre o vale, enquanto que as *Casas Agrícolas* ocupam os restantes lados consoante a melhor orientação para a sua função.

O *Alpendre dos Fornos* tem uma relação de perpendicularidade com a *Cozinha* da *Casa Senhorial*. Por outro lado, a *Casa dos Lagares* também tem uma relação de perpendicularidade com a *Adega* que está virada a Nordeste e encastrada em parte para manter uma temperatura estável, como já foi referido.

Os edifícios destinados aos animais, estão a Norte com abertura para Sul de modo a se localizarem o mais distante possível da *Casa Senhorial*. Os espaços dos animais foram colocados por baixo dos espaços de habitar, pois, tradicionalmente, era mais uma maneira de aquecer um pouco as casas. Desta forma, na *Casa Senhorial*, os dois quartos da Casa e Sala de Estar têm uma loja de animais no piso inferior. Por uma questão de conforto e higiene, a *Casa Senhorial* tem a sua localização e as suas entradas afastadas dos espaços destinados aos animais, ou seja, noutra fachada.

Da *Casa Senhorial* sai um outro volume para o pátio: a Cozinha. Fora da zona de habitação mas suficientemente perto para permitir uma eficaz deslocação da comida para a sala de refeições. Tem uma enorme chaminé que se destaca na paisagem.

A *Casa Senhorial* divide-se em duas casas (fig.78-79), cada uma com dois pisos, inicialmente, unidas por espaços exteriores cobertos. A união volumétrica desses dois corpos é consagrada pela cozinha que se encontra alinhada com as paredes exteriores das duas casas. A casa a Este tem o seu piso nobre no nível térreo. A casa a Oeste tem o seu piso nobre no segundo piso, sem contacto com o piso inferior. O fato de não haver ligação nobre entre as duas casas senhoriais fortalece a ideia de que a de carácter social não se destinava a fins habitacionais.

A casa a Este tem a data de 1892 (fig.80). A casa a Oeste no seu muro de jardim tem a data de 1903 (fig.81). No entanto, segundo os atuais proprietários, esta pedra datada é originária da Casa dos Lagares e situava-se na antiga prensadora, que infelizmente também foi vendida e a sua estrutura desmantelada da qual se aproveitou a pedra datada.

A *Casa Senhorial* dispõe de dois espaços de estar exteriores, um de aparato e outro mais intimista. São zonas ajardinadas delimitadas por muros.

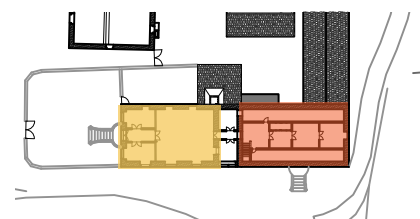


Fig.78: Piso 1

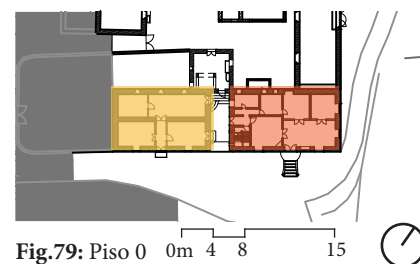


Fig.79: Piso 0 0m 4 8 15

LEGENDA:

- Casa Senhorial - Privada
- Casa Senhorial - Pública



Fig.80: Data na Casa Senhorial



Fig.81: Data no muro da Casa Senhorial

4.3 Os Ornamentos Arquitetónicos

4.3.1 A Cruz de Cristo sob Escudo

Existem duas cruzes da *Ordem de Cristo* sob escudo na quinta (Fig. 82). Uma em pedra na fachada Oeste acima de porta da entrada da *Casa Senhorial – Pública*, outra em madeira no teto da *Antiga Sala de Jantar*. São os símbolos que mais representam a *Ordem de Cristo*.

Estes símbolos suscitaram-nos muito interesse, pois, na altura em que a quinta foi construída já a *Ordem de Cristo* tinha sido extinta. Por a ordem ter sido novamente legalizada em 2007, assumem que desde a sua extinção, em 1834, no reinado de D. José³⁹, até essa data, manteve um grupo secreto. Há uma forte possibilidade de a quinta ter sido também usada por esta ordem. O que justificaria o porquê da Casa Senhorial estar dividida em duas partes. Os Condes de Povolide, anteriores a essa proibição eram comendadores desta ordem. Como suspeitamos que Joaquim Paes da Cunha pudesse pertencer a esta família, também suspeitamos que tivesse ligações com esta ordem.

Estes dois ornamentos vêm, portanto, conferir muito interesse histórico à quinta.

4.3.2 Flor de 6 Pontas

A *Flor de 6 Pontas* encontra-se nas sacadas das janelas na Fachada Oeste (fig.83), é alusiva à *Semente da Vida* (fig.84). Com a extensão deste padrão de 6 chega-se à *Flor da Vida*. Este símbolo aparece em vários contextos religiosos por todo o mundo e de forma muito geral significa o padrão da criação e da vida e todo o conhecimento está contido nesta forma geométrica.

4.3.3 Flor de 8 Pontas

A *Flor de 8 Pontas* (fig.85) alusiva ao octagrama é um símbolo muito recorrente na Catedral de Santiago de Compostela (fig.86). O octagrama ou estrela de oito-pontas é um símbolo de plenitude e regeneração.

4.3.4 Escadaria Exterior

A escadaria exterior de acesso à *Casa Senhorial-Pública* tem duas espadas de cada lado do corrimão. Do ponto de vista de quem a usa pode ser vista como extensão à mão que defende algo.

Do lado de dentro (Fig.88) encontra-se hasteada, poderá ser sinal de proteção e atenção, do lado de fora (Fig.87) tem o sentido contrário e está combinada com um utensílio agrícola. Esta espada pode ser vista como aviso de precaução a quem pela escada subir, uma vez que a espada se encontra hasteada. A espada do lado exterior do corrimão está conjugada com um ancinho. A leitura que se fez foi a seguinte: a espada é usada pelas mãos, no entanto, quando não há necessidade de defesa, a mão deve trabalhar para algo.

Esta entrada para a *Casa Senhorial*, para além de outros ornamentos, é composta por um escudo e por uma espada. Será coincidência que este exato escudo e espada nos remetam para os objetos principais usados nas Cruzadas?



Fig.82: Cruz de Cristo sob Escudo, em pedra (exterior) e em madeira (interior), respectivamente, na Quinta da Casadeira.



Fig.83: Flor de 6 Pontas nas sacadas das janelas da Fachada Oeste.

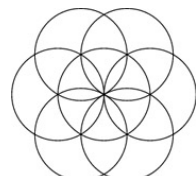


Fig.84: Semente da Vida.



Fig.85: Flor de 8 Pontas na porta de entrada da Fachada Oeste.



Fig.86: Estrela de 8 Pontas na Catedral de Santiago de Compostela



Fig.87: Espada em bainha.



Fig.88: Espada em Haste.

4.3.5 Nossa Senhora da Conceição

Na fachada principal (fig. 89), encontra-se um azulejo com a *Nossa Senhora da Conceição*. Foi proclamada *Padroeira de Portugal* pelo Rei D. João IV, que se comprometeu a doar em seu nome e dos seus sucessores à Santa Casa da Conceição, em Vila Viçosa, “*cinquenta cruzados de oiro em cada ano*”, dando assim continuidade à devoção de D. Afonso Henriques para quem a Nossa Senhora era tomada como sua advogada e dos seus sucessores.

Esse ato de proclamação sucedeu-se no dia 25 de março de 1646 e a partir daí, nunca mais a Casa Real ostentou usar coroa, passando esta a pertencer exclusivamente à “*Excelsa Rainha, Mãe de Deus*”.

Em 1654, o rei D. João IV ordena que em todas as cidades, vilas e lugares do reino sejam colocadas inscrições em pedra alusivas à Imaculada Conceição.⁴⁰

Sente-se, pelo primeiro proprietário, a vontade de perpetuar a vontade do Rei para com a N. Sra. da Conceição, com o pedido “*Rogae por Nós*”, como um símbolo divino de proteção.

4.3.6 Verga de Janela

Na verga de uma das janelas viradas a Sul da *Casa Senhorial – Pública* encontra-se um Cristograma, uma lebre e uma tartaruga salientes na pedra e 4 flores (Fig. 90).

O Cristograma é um monograma (fig.91) simbólico usado pela Igreja Católica composto pelas letras gregas: iota; eta e sigma que são as primeiras três letras do nome *Iesous*, nome grego para Jesus, que corresponde também às iniciais da expressão latina *Iesous Hominem Salvator*: Jesus Salvador do Homem.

Este símbolo aparece com os primeiros cristãos, embora tenha sido popularizado no séc. XV como símbolo da paz. Também eram as iniciais usadas para representar Baco, o Deus do Vinho, que os primeiros cristãos identificavam com Cristo, sendo curioso aparecer numa quinta vinícola⁴¹.

Lebre está associada à fertilidade enquanto a Tartaruga à longevidade, também nos remete para a Fábula de Esopo da Lebre e da Tartaruga.

Pode interpretar-se como intenção de fertilidade e longevidade. Encontraram-se semelhanças entre a janela da *Quinta da Casadeira* (fig.92) e a porta do terraço na *Casa dos Arcos de S. Comba Dão*⁴² (fig.93). Daí podermos concluir que a verga em pedra de uma das janelas mais emblemáticas da *Quinta da Casadeira* tem origem religiosa e medieval. A diferença para a casa de Santa Comba Dão, está que em vez de um peixe do lado esquerdo, tem uma lebre ou Coelho que parece apunhalada.

Este é mais um ornamento muito forte de caráter religioso. Revisitamos o *Paço dos Cunhas*, em Santar, mas, no entanto, não encontramos nenhum ornamento deste tipo.

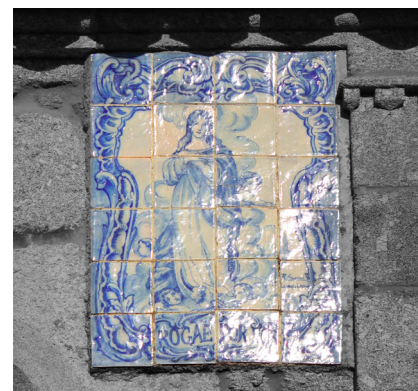


Fig.89: Azulejos da N.Sra. Conceição na fachada Oeste

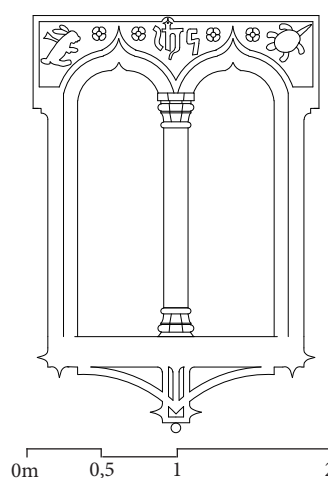


Fig.90: Desenho da sacada da janela



Fig.91: Cristograma na torsa de uma das janelas da Casa Senhorial



Fig.92: Torsa de uma das janelas da Casa Senhorial com monograma e Lebre e Tartaruga



Fig.93: Torsa de uma das Portas da Casa dos Arcos de S. Comba Dão

40 MARTINHO COSTA, Soledade, *Nossa Senhora da Conceição – Padroeira de Portugal*, Sabaral, acedido em: 23.11.2013, em: <http://sarrabal.blogs.sapo.pt/27209.html>

41 IHS Monogram, SymbolDictionary.Net – A Visual Glossary, acedido em: 14.10.2013, em: <http://symboldictionary.net/?p=2090>

42 COELHO, José, “*Memórias de Viseu (Arredores)*”, Edição de Autor, Viseu, 1941, pág. 21/22

2.4 As Proporções

A partir do sistema original, verificou-se que houve medidas e formas geométricas base que se repetiram noutros volumes. As formas geométricas privilegiadas foram o quadrado, o retângulo “quadrado-duplo”, o retângulo de ouro.

As proporções do número de ouro foram as mais usadas na definição da quinta, encontradas em vários locais. É o caso do edifício da *Casa Senhorial*; do volume do Lagar e do Celeiro; da *Casa dos Lagares*, que é definida num retângulo constituído por vários retângulos de ouro e do *Alpendre dos Criados* em que os dois retângulos de ouro definem um “corredor” central.

A *Casa Senhorial - Pública* é definida pelo número de ouro (Fig.94), tanto no interior como no exterior. A *Casa Senhorial - Privada* é definida pelo retângulo do duplo quadrado. No seu interior o retângulo de ouro também define a antiga sala de jantar e o vão de escadas (Fig.98). Enquanto que, a *Casa da Tulha* e a *Casa do Alambique* também são definidas pelo retângulo de ouro (Fig.94).

O quadrado está na base da *Cozinha* e na *Casa do Caseiro*, e respetiva Loja que fica por baixo. O retângulo “quadrado-duplo” também define parte da *Casa Senhorial* (fig.95), também na divisão interna do seu espaço interior e nas lojas dos animais a Norte. A *Cozinha* da *Casa Senhorial* tem por base um quadrado que comparando com a *Adega* infere-se que a sua planta é um retângulo que é 4 vezes o quadrado da cozinha, ou seja, 4 quadrados ou 2 retângulos “quadrado-duplo”.

Os espaços em que se registaram estas relações proporcionais são espaços que valorizam a quinta, pois mostram-nos o cuidado com que a quinta foi planeada. Nesse sentido, a estratégia seria preservá-los, assim como aos ornamentos.

O facto do complexo seguir a proporção áurea, principalmente na *Casa Senhorial - Pública* quer na definição do seu exterior como do seu interior, veio vincar a suspeita que a quinta para além de ter a função de produzir bens agrícolas, pudesse ter uma outra função relacionada com a Ordem de Cristo.

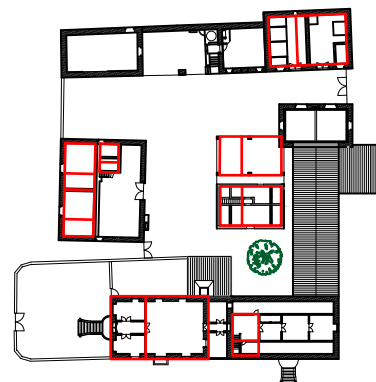


Fig.94: Retângulo de Ouro Piso 1 | Escala 1/1000

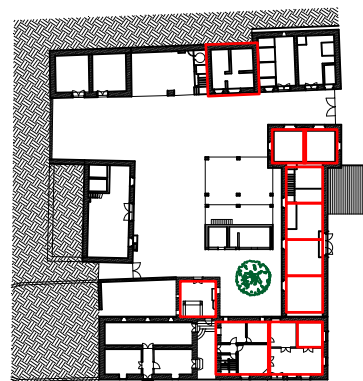


Fig.95: Duplo Quadrados e Quadrado Simples Piso 0 | Escala 1/1000

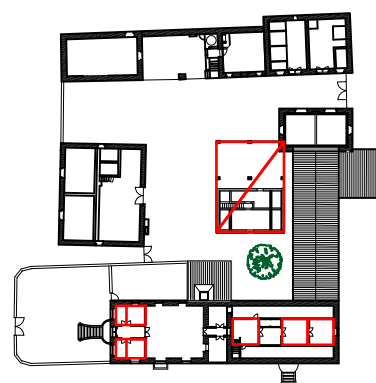


Fig.96: Retângulo de Ouro, Quadrado | Piso 0 | Escala 1/1000

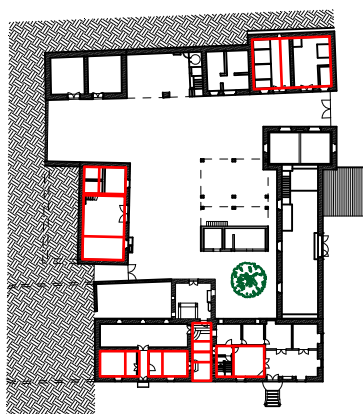


Fig.98: Retângulo de Ouro | Piso 0 | Escala 1/1000

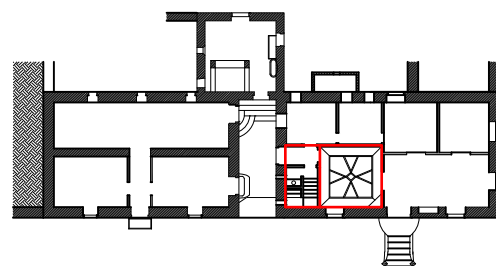


Fig.97: Retângulo de Our | Piso 0 | Escala 1/500

4.5 A Distribuição

4.5.1 As Entradas

As entradas para o complexo arquitetónico (fig.99) tinham funções específicas. Desse modo, dividiam-se em três tipos: nobres; comerciais e de serviço.

As **entradas nobres** destinavam-se exclusivamente à *Casa Senhorial* e aos seus espaços nobres. Por estar dividida em duas partes, reflete-se em duas entradas nobres.

As **entradas comerciais** permitiam o acesso direto aos bens alimentares na quinta. A entrada na *Casa Senhorial* dá acesso aos antigos espaços de apoio à *Cozinha*, pois haveria bens alimentares lá produzidos que saíam (queijo, alheiras, etc) e bens alimentares adquiridos (sal, peixe, etc). As outras duas entradas estavam relacionadas com o comércio do vinho e aguardente, na *Adega* e *Casa do Alambique*, respetivamente.

As **entradas de serviço** também estão relacionadas com a sua função. A entrada no *Celeiro* era exterior, porque assim a palha, vinda dos terrenos, arrumava-se diretamente. Os proprietários afirmam que a janela do *Celeiro* para o *Alpendre dos Fornos* tinha uma escada por onde se subia a fim de trazer a palha para as lojas dos animais.

As entradas pela *Casa do Alambique* e *Celeiro* estão hoje fechadas. Existem, ainda, duas entradas exteriores para o Pátio Agrícola para veículos agrícolas e trabalhadores.

Hoje em dia, continua a fazer sentido que haja uma divisão por tipo: entradas habitacionais, todas as da *Casa Senhorial*; entradas de serviço agrícola; e entradas comerciais, uma vez que os proprietários querem implementar a produção de vinho registado.



Fig.99: Esquema das entradas exteriores ao complexo arquitetónico Escala 1/1000

LEGENDA:

- Entrada Nobre
- Entrada Comerciais
- Entradas de Serviço



Fig.100: Esquema dos espaços habitacionais Escala 1/1000

LEGENDA:

■ Espaços de habitação

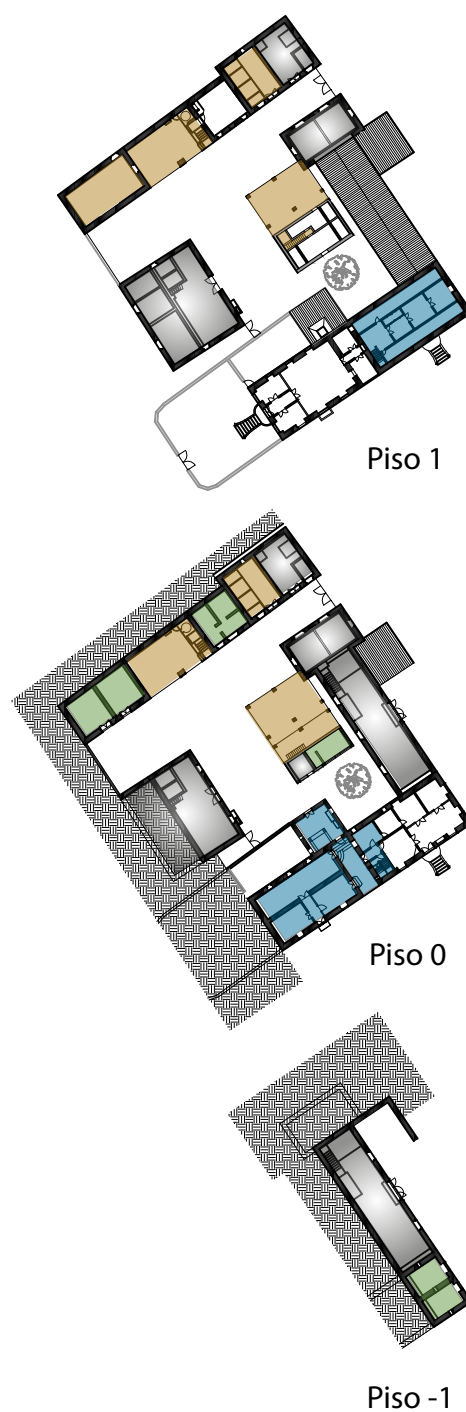


Fig.101: Esquema de actividades Escala 1/1000

LEGENDA:

■ Espaços de Serviço na Casa Senhorial
 ■ Espaços Vinícolas
 ■ Espaços dos Animais
 ■ Espaços dos Animais

4.5.2 A Hierarquia Social, as Atividades e Habitação Original

A quinta apresenta três modos de habitar (fig.100) que, no final do séc. XIX, refletiam três estatutos sociais. Hierarquicamente, esses estatutos correspondiam: aos *Senhores*; aos *Caseiros* e aos *Criados*. Em que os Criados representavam a posição social mais baixa.

A *Casa dos Caseiros* pertencia a uma família e tinha maior independência da *Casa Senhorial*. A *Casa dos Criados*, de trabalhadores apenas destinados a servir na *Casa Senhorial*, não dispunha de espaço de refeições pois alimentavam-se na *Cozinha* da *Casa Senhorial*. A sua habitação estava dividida em duas alas: Feminina e Masculina.

Na sua origem, a atividade laboral (fig.101) no complexo arquitetónico dividia-se em quatro tipos: atividades vinícolas, que se utilizavam da *Casa dos Lagares*, *Casa do Alambique* e *Adega*; trabalho dos cereais na *Casa da Tulha*, *Celeiro* e *Alpendre dos Fornos*; cuidar dos animais nas várias lojas de animais; e, por último, trabalhos de serviço na *Casa Senhorial*.

A atividade na *Casa Senhorial* destinava-se a trabalhos culinários, de apoio aos Senhores e limpezas. O trabalho dos criados estendia-se ao *Alpendre dos Fornos*.

Como hoje em dia esta hierarquia já não existe e os proprietários pretendem continuar a viver na Casa Senhorial, os outros espaços de habitação ficam sem função. Por isso, para se aumentar o potencial das infraestruturas pré-existentes, a todas as estruturas às quais a função original não se adequa (nestes casos as *Lojas de Animais*, *Casa dos Caseiros* e *Alpendre dos Criados*), tem de ser atribuída outra. Pois, a demolição de qualquer volume iria enfraquecer a coerência e a forma deste complexo, desvalorizando-o. Pensamos, então, em agro-turismo.

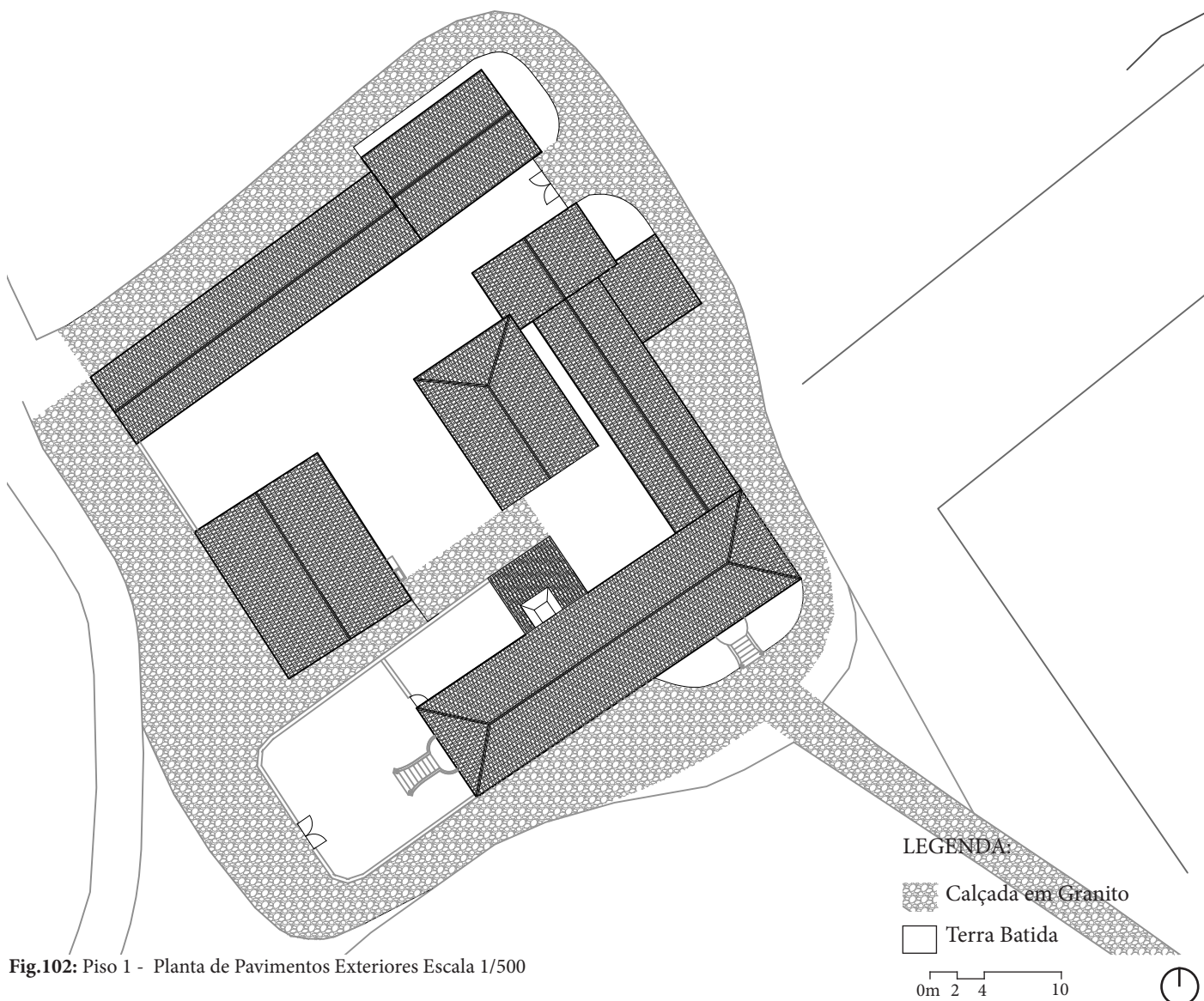


Fig.102: Piso 1 - Planta de Pavimentos Exteriores Escala 1/500



Fig.103: Cobertura em madeira



Fig.104: Cobertura em Fibrocimento na Lojas dos Animais



Fig.105: Cobertura de apenas uma água em estrutura de madeira no Galinheiro



Fig.106: Cobertura em Pannel Sandwich na Casa dos Caseiros fora do complexo arquitetónico



Fig.107: Transição de Cobertura com interligação de duas asnas na Adega



Fig.108: Cobertura em armação de asna de nível simples na Adega

4.6. Sistemas Construtivos

4.6.1 Exteriores

4.6.1.1 Pavimentos Exteriores

A quinta apenas tem dois tipos de pavimentos exteriores: terra batida (fig.110) e calçada em granito (fig.109). A calçada originalmente existia ao redor do complexo arquitetônico. Porém, hoje em dia, nos lugares mais inclinados onde a terra não estava bem compactada a calçada começou a desprender-se.

A calçada original que está degradada tem de ser reparada. Foi aplicada nos locais de maior necessidade da época. No entanto, atualmente deveria ligar os espaços do pátio agrícola entre si.

4.6.1.2 Coberturas

Na quinta, as coberturas (fig.102) originalmente eram estrutura de madeira, em que quando a distância o justificava tinham armação em asna de nível simples, revestido por telha marselha. No entanto, as coberturas das *Lojas de Animais*, *Alpendre dos Fornos* foram substituídas por coberturas de fibrocimento de apenas uma água. A cobertura da Casa dos Caseiros fora do complexo também foi alterada para cobertura em painel “sandwish” (fig.106), mantendo uma água como era na sua concepção original.

As coberturas são maioritariamente de duas águas (fig.103), embora na *Casa Senhorial - Pública* seja de quatro águas e no *Alpendre dos Criados* seja de três. Os proprietários rebaixaram parte da cobertura do alpendre mantendo parte da estrutura original da cobertura. Essa cobertura rebaixada é em madeira e tem apenas uma água (fig.105).

O telhado na *Casa Senhorial* é em *Beirado à Portuguesa*, com eira, beira e beirado (fig.111-112).

As coberturas originais eram em telhado sob estrutura de madeira e na sua maioria ainda se mantém assim. No entanto, encontram-se conflitos de interação e integração de umas coberturas com as outras, pois o valor da quinta aumentaria se todas entrassem em coerência e a melhor opção para isso seria restituir as coberturas originais.



Fig.109: Pavimento Exterior - Calçada em Granito

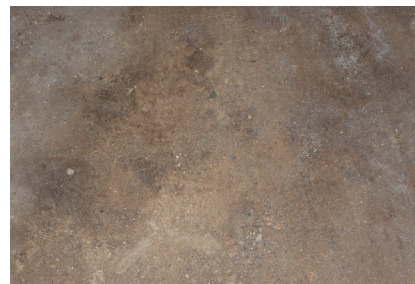


Fig.110: Pavimento Exterior - Terra Batida



Fig.111: Beirado à Portuguesa Casa Senhorial



Fig.112: Beirado à Portuguesa Casa Senhorial

PAREDE EXTERIOR DE GRANITO À VISTA COM JUNTA RECUADA



Fig.113: Parede Exterior em Granito com parte da argamassa pintada na Casa do Alambique com dois tipos de aparelho e de assentamento.



Fig.114: Parede Exterior em Granito à vista com diferente tipo de argamassa recuada. Transição entre Casa Senhorial e muro



Fig.115: Parede Exterior em Granito à vista
Transição entre Lojas de Animais e muro

PAREDE EXTERIOR DE GRANITO REVESTIDA



Fig.116: Parede Exterior em Granito com regularização com pedras menores e argamassa branca na Casa do Alambique.



Fig.117: Parede Exterior em Granito com reboco regularização com pedras menores na Casa dos Caseiros, Alpendre dos Fornos e Lojas dos Animais.



Fig.118: Parede Exterior em Granito Rebocado na Casa dos Lagares

PAREDE EXTERIOR DE GRANITO À VISTA COM JUNTA SALIENTE



Fig.119: Parede Exterior da Casa dos Caseiros em Granito à vista com argamassa saliente.



Fig.120: Parede Exterior da Casa da Tulha em Granito à vista com argamassa saliente.



Fig.121: Parede Exterior das Lojas dos Animais em Granito à vista com argamassa saliente.



Fig.122: Parede Exterior da Adega em Granito à vista com argamassa saliente.

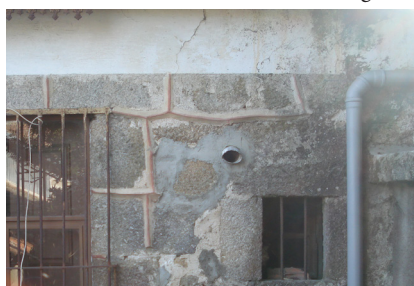


Fig.123: Parede Exterior em Granito à vista com argamassa saliente e pintada de vermelho na Casa Senhorial.

4.6.1.3 Paredes Exteriores

As paredes exteriores podem, então, dividir-se em dois grupos: as de alvenaria de granito (fig.113-123) e as de bloco de betão (fig.124-126). As paredes exteriores são quase todas em pedra, exceto no *Alpendre dos Criados*, em que a estrutura originalmente era em madeira, no acrescento às *Lojas dos Animais* e na Garagem, que atualmente têm paredes exteriores de tijolo.

As paredes de granito subdividem-se em três grupos: granito à vista com junta recuada; granito em vista com junta saliente; granito revestido.

Com argamassa recuada temos os muros, a fachada nordeste da *Casa do Alambique* e as fachadas da *Casa Senhorial*. No entanto, na *Casa Senhorial* há vestígios de argamassa saliente pintada de vermelho, o que indica que muito provavelmente a *Casa Senhorial* já teve argamassa saliente em toda a sua extensão.

Com argamassa saliente e já a apresentar alguma degradação temos as fachadas sudeste da *Casa dos Caseiros*, *Casa da Tulha*, *Casa do Alambique* e *Lojas dos Animais*. Em toda a sua extensão e um pouco melhor conservada está a argamassa da Adega.

As paredes de granito revestido estão nas fachadas noroeste da *Casa da Tulha*, *do Alambique*, *dos Caseiros*, *do Alpendre dos Fornos* e *Lojas dos Animais*. A *Casa dos Lagares* também tem as paredes de granito rebocadas, no entanto, o desenho projetado, traz destaque a algumas pedras em sacadas, como no encontro da parede com o pavimento exterior, nas esquinas das paredes e nos vãos.

Mais uma vez, por questões de coerência formal, quer-se que as paredes exteriores se integrem nos métodos construtivos tradicionais, ou seja, em madeira ou pedra. O *Alpendre dos Criados* era originalmente construído em estrutura de madeira integrada com pilares de pedra, numa solução muito mais harmoniosa que a atual.

PAREDE EXTERIOR EM BLOCO DE BETÃO



Fig.124: Parede Exterior de Bloco de Betão Rebocado no antigo Alpendre dos Fornos.



Fig.125: Parede Exterior da Garagem com fundação em Granito à vista e bloco de betão.



Fig.126: Parede Exterior em bloco de betão parcialmente rebocado no Alpendre dos Criados, atual Galinheiro e Lavandaria

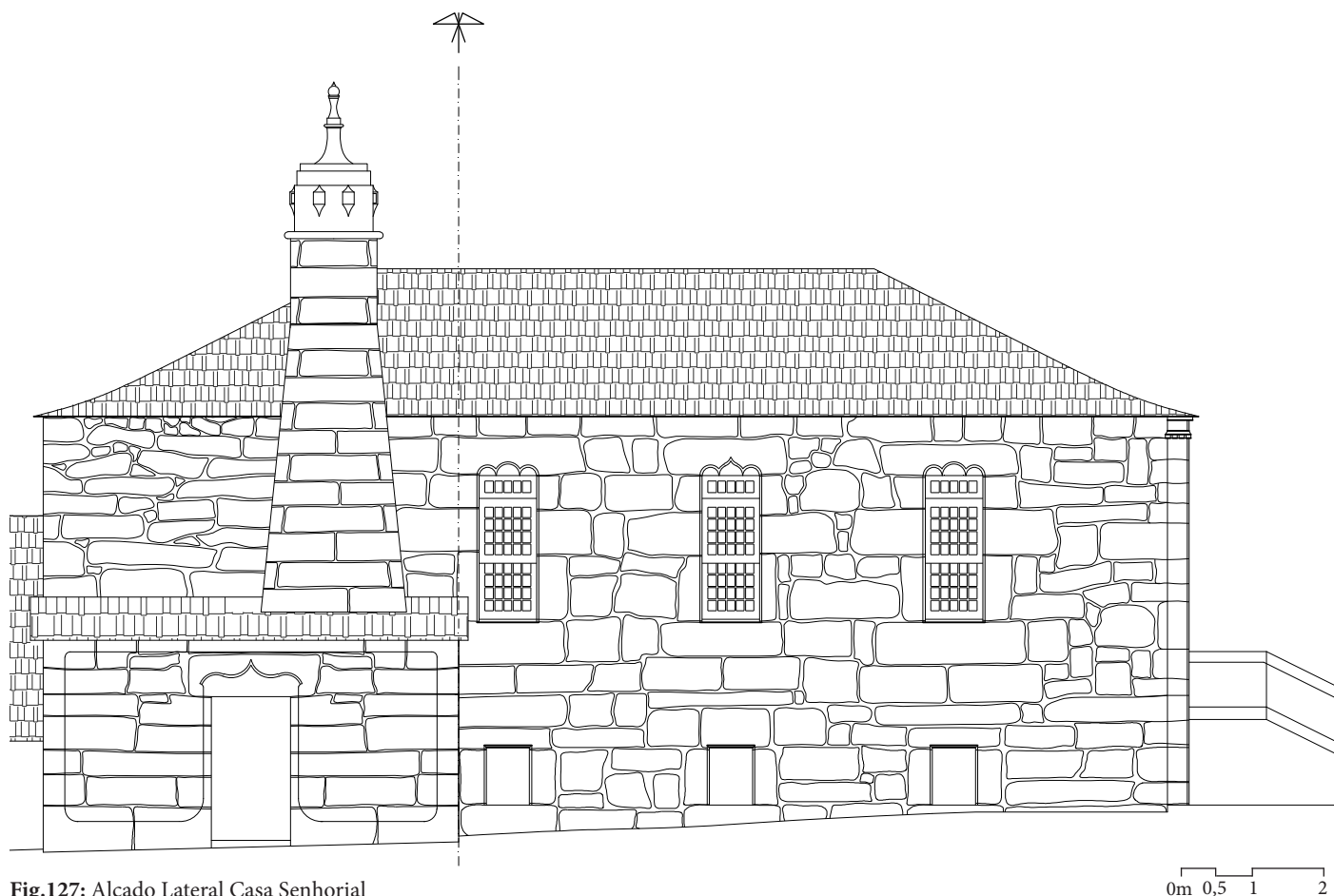


Fig.127: Alçado Lateral Casa Senhorial

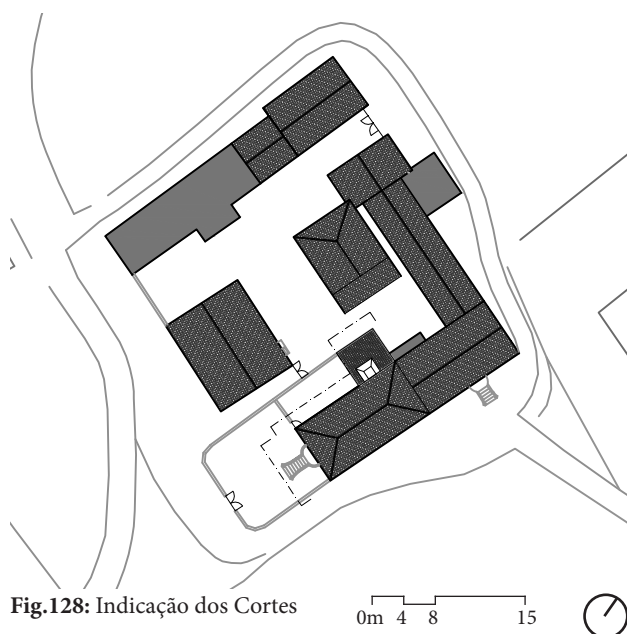


Fig.128: Indicação dos Cortes

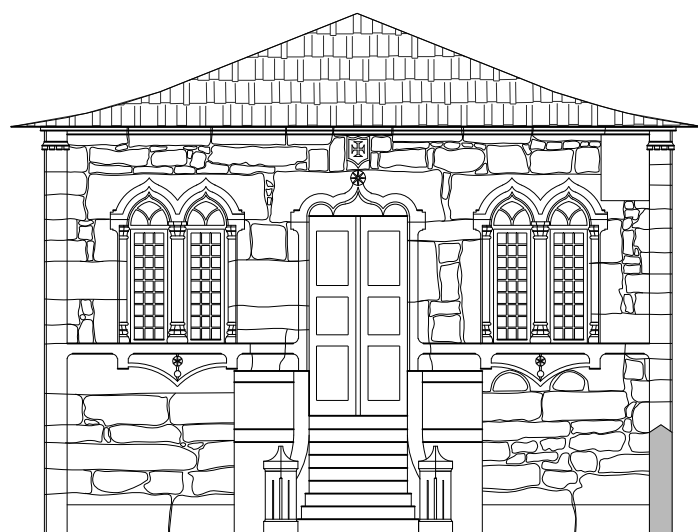


Fig.129: Alçado Frontal Casa Senhorial

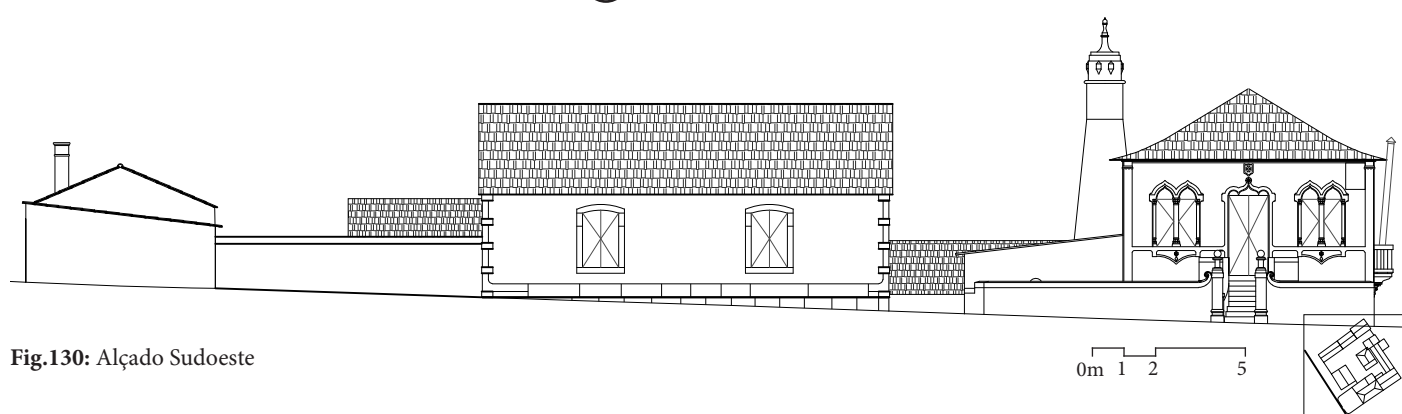


Fig.130: Alçado Sudoeste

4.6.1.3.1 O Tipo de Aparelho

São geralmente aparelhos⁴³ de grandes dimensões e regulares. Verifica-se um trabalho mais cuidado nas pedras que fazem os cantos, os vãos e as pedras de avental⁴⁴, mas principalmente nas fachadas principais. No entanto, na fachada Noroeste e nos muros de suporte a cantaria⁴⁵ é misturada com pedra miúda.

O uso de sacadas restringue-se à *Casa Senhorial* e à *Casa dos Lagares*. O percurso principal para a entrada dos espaços nobres contorna a *Casa dos Lagares* e essa deverá ser a razão que determinou um desenho de sacadas delicado para esta casa.

Recriámos, então, o tipo de aparelho na *Casa Senhorial* (fig.127 e 129) e na *Casa dos Lagares* (fig.130). O aparelho na *Casa dos Lagares* distingue-se do usado na *Casa Senhorial*, embora ambos demonstrem atenção ao encontro da fachada com o solo, à ligação entre fachadas nos cantos e às sacadas usadas para os vãos.

Em Portugal, a influência da Revolução Industrial na arquitetura foi tardia com pequenas “importações fomentistas sem que produzam uma modificação do tecido essencialmente rural do país”⁴⁶.

Construía-se, portanto, com reminiscências de um manuelino tardio. A *Casa Senhorial* é prova disso, pois este revivalismo perdurou até às primeiras décadas do séc. XX e expressa-se maioritariamente pelo tratamento das suas sacadas (fig.131-134).

Nas paredes a serem reconstituídas, deverá ser empregue o tipo de cantaria de acordo com o aplicado no volume em causa.

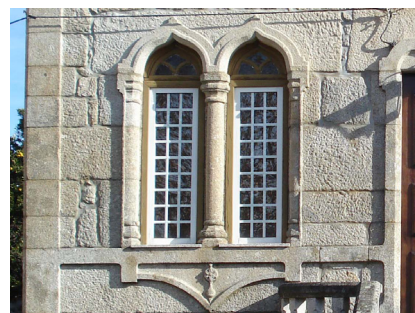


Fig.131: Vãos da fachada principal da Casa Senhorial



Fig.132: Janela da Casa Senhorial



Fig.133: Janela 2 da Casa Senhorial



Fig.134: Janela da Casa Senhorial

43 Técnica para assentar as pedras ou outro material numa parede, muro, arco ou cúpula.

44 Pedra de melhor qualidade aplicada por baixo da janela.

45 Arte de talhar pedra bruta em formas paralelepípedicas

46 PERREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa – História Essencial*, 7678, Círculo de Leitores, Junho de 2011, p.781



Fig.135: Teto de Estuque Sala da Lareira

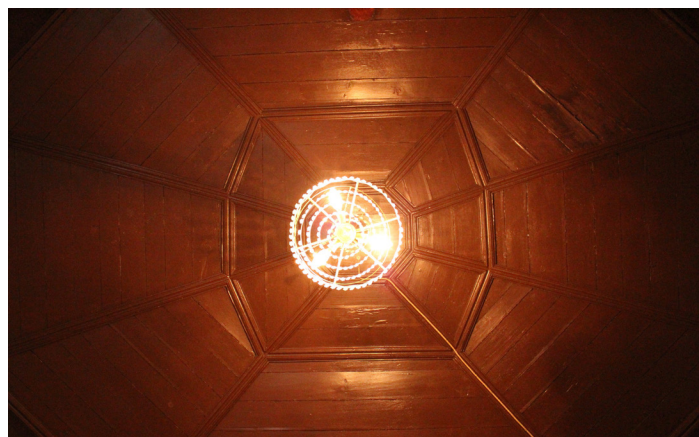


Fig.136: Teto de Maseira no Quarto



Fig.137: Teto plano encabeirado na Sala de Costura

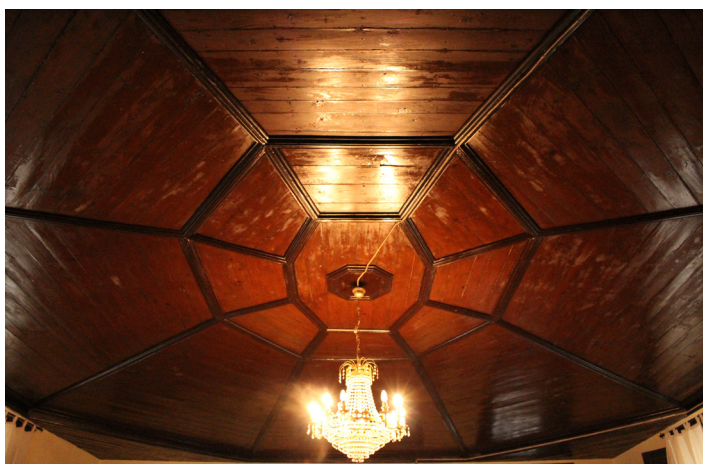


Fig.138: Tetos do edifício semi-público da casa Senhorial são em maseira oitavados de sete panos

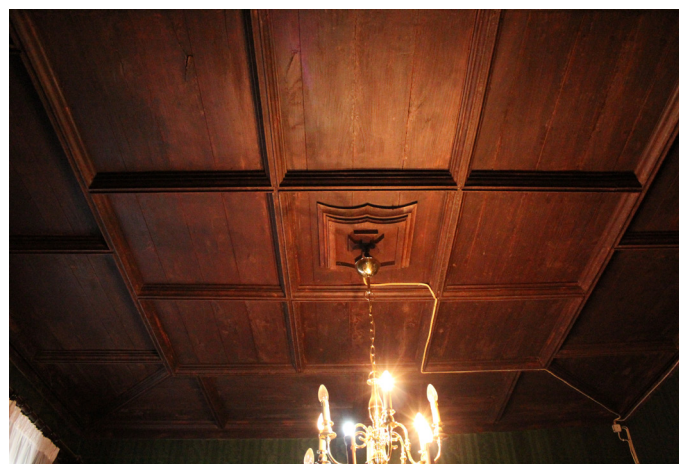


Fig.139: Azulejos da N.Sra.Conceição na fachada Oeste da Quinta da Casadeira



Fig.140: Teto tripartido encabeirado no Sótão

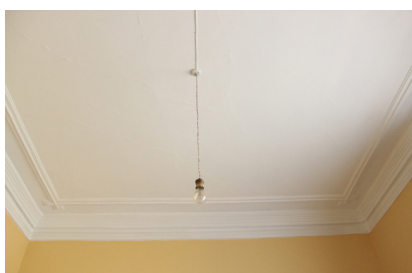


Fig.141: Teto plano encabeirado em estuque no quarto

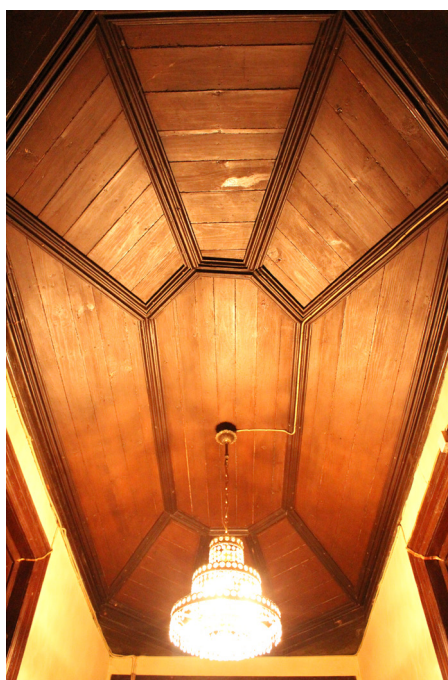


Fig.142: Teto de Maseira no Corredor ao Salão Nobre



Fig.143: Teto plano encabeirado na Sala de Costura

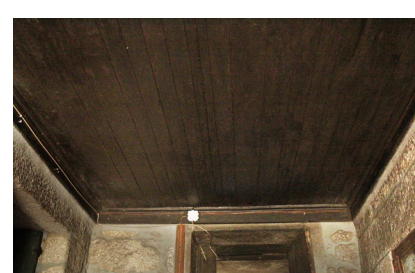


Fig.144: Teto plano encabeirado na Sala de Costura

4.6.2 Interiores

4.6.2.1 O Vigamento

O vigamento na *Casa Senhorial* (fig. 145) é constituído por vigas dispostas paralelamente entre si e encastradas nas paredes de pedra. Portanto, é um vigamento simples. Não houve necessidade de fazer *cadeias*⁴⁷ para as lareiras mas houve lugar para as fazer para as escadas. Por esta razão, as chaminés são metálicas e saem pelas paredes exteriores e as escadas são feitas num compartimento fechado não comprometendo os vãos principais (fig. 148). No entanto, o vigamento na Casa dos Caseiros (fig. 146) do complexo arquitetónico tem uma cadeia para a lareira (fig. 147).

Pretendemos manter o tipo de vigamento tradicional em madeira em toda a proposta de intervenção.

4.6.2.2 Os Tetos

Na *Casa Senhorial-Pública*, as coberturas são de armação de asna de pendural e escoras com teto de masseira adossado, embora não esteja integrado na asna, e armação de asna de nível simples diferenciando na ligação do sistema de contenção da estrutura. Estes tetos não resistentes são uma espécie de forro essencialmente decorativo, pois estas asnas suportam o telhado e a estrutura do teto (fig. 136).

Os tetos na *Casa Senhorial - Pública* (ver anexo planta de tetos - Casa Senhorial) são tetos masseira oitavados⁴⁸ de sete panos, ou seja, com oito ângulos iguais, inscritos num retângulo, são exemplos disso, a sala do salão nobre (fig. 138), o corredor central (fig. 142) e as duas salinhas de apoio do mesmo (fig. 136). Uma vez que a sala é retangular, o remate do teto de masseira com as paredes de apoio é feito por 4 trompas, pequenos remates triangulares horizontais que se encontram na extremidade dos tetos. Nestes panos, existe um pano central horizontal e outros 6 laterais. O teto de masseira no *Salão Nobre* tem apenas 50 cm de altura, a existência de 7 panos faz com que a diferença dos seus planos inclinados seja pouco acentuada.

Os tetos planos são tetos em que o forro é feito pelo intradorso, em que tábuas de madeira são pregadas à estrutura de suporte. São tetos de base iguais à planta que cobrem. Os tetos planos da Casa Senhorial são essencialmente tetos planos encabeirados, para zonas de serviço, e tetos apainelados e emoldurados, para a antiga Sala de Jantar (fig. 139).

Os tetos planos encabeirados⁴⁹ são tetos de forro simples, revestidos por tábuas de madeira no sentido do comprimento da sala que têm a particularidade de terem um remate encabeirado em toda a volta, encontra-se no hall de entrada exterior; nas zonas de apoio à cozinha.

Outro tipo de teto mais trabalhado, é o teto apainelado e emoldurado⁵⁰ da antiga sala de jantar, atual *Sala de Estar* é um teto que forma painéis em que são separados por molduras de grande relevo, simulando tetos de caixotões.



Fig.145: Vigamento Casa dos Senhoriais.



Fig.146: Vigamento Casa dos Caseiros



Fig.147: Vigamento Casa dos Caseiros, com pormenor de cadeia para lareira

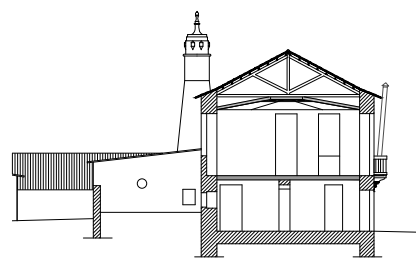


Fig.148: Armação de asna de nível simples com teto de masseira adossado na Casa Senhorial - Pública

47 “Viga transversal ao vigamento, colocada entre duas outras de forma a limitar o espaço do obstáculo, deixando passar a chaminé, a escada, etc” SANTOS SEGRADO, João Emílio dos, Trabalho de Carpintaria Civil, Biblioteca de Instrução Profissional, Livraria Bertrand, Lisboa, pág.117

48 S. MARTINS, João Carlos, Tectos Portugueses do séc. XV ao séc. XIX, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Recuperação e Conservação do Património Construído, IST-UTL, 2008, pág. 97 a 99

49 C.f. *idem* - S. MARTINS, João Carlos, pág. 95

50 C.f. *idem* - S. MARTINS, João Carlos, pág. 96 a 97

PAVIMENTOS EM MADEIRA



Fig.149: Solho Espinhoso na Sala de Estar (antiga sala de jantar)



Fig.150: Soalho típico na Casa Senhorial



Fig.151: Pavimento em soalho na Casa dos Caseiros

PAVIMENTOS CERÂMICOS



Fig.152: Pavimento de mosaico cerâmico 1



Fig.153: Pavimento de mosaico cerâmico 2

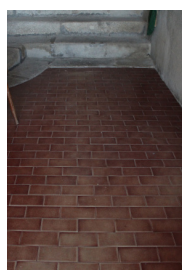


Fig.154: Pavimento de mosaico cerâmico 3



Fig.155: Pavimento de mosaico cerâmico 4



Fig.156: Pavimento de mosaico cerâmico 5

PAVIMENTOS EM CIMENTO



Fig.157: Pavimento de betonilha afagada na Despensa

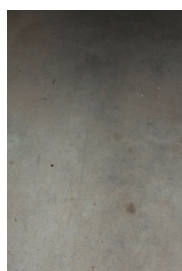


Fig.158: Pavimento de betonilha afagada na Casa da Tulha

PAVIMENTOS EM PEDRA



Fig.159: Pavimento lajeado de pedra Cozinha Velha



Fig.160: Pavimento em Calçada Casa do Alambique

PAVIMENTOS EM TERRA BATIDA



Fig.161: Pavimento em terra batida na Adega

Os tetos da *Casa Senhorial*, por estarem tão bem conservados, serão mantidos, exceto no Sótão que desperdiça muita área útil com a inclinação da cobertura, esse segundo piso da *Casa Senhorial - Privada*, terá de ser repensado.

4.6.3 Paredes Interiores

Na *Casa Senhorial*, as paredes divisórias são em tabiques rebocadas (fig.162) mas também em granito.

O acabamento deste variava consoante a função da sala em questão. Se fosse um espaço nobre, seria revestido por lambril de madeira e papel de parede. Os quartos nobres não eram tão trabalhados e em vez de lambril tinham rodapé.

O lambril é um revestimento realizado em vários materiais que é aplicado até uma determinada altura das paredes interiores⁵¹. Na casa nobre, os lambris têm superiormente uma cimalha e um rodapé na base. A *Casa Senhorial - Pública* tem em todos os espaços interiores um lambril com 1,00 metro de altura e é um lambril almofadado (fig.163-164). Na antiga sala de jantar, o lambril tem 1,45 metros de altura, também é almofadado, mas mais trabalhado e com um remate horizontal que permite que alguns objetos sejam lá expostos (fig.166). Também existe um lambril em reboco no atual *Hall de Entrada*, antigo espaço exterior (fig.165).

Todos os lambris em madeira se encontram num ótimo estado de conservação e, por isso, serão preservados. No entanto, o lambril em reboco, em nada favorece o espaço em que se encontra, *Hall de Entrada*, e por essa razão, será removido.

O reboco foi o revestimento mais usado nas paredes interiores. Atualmente, no interior da *Casa Senhorial*, isso só se verifica o predomínio do reboco como revestimento das paredes porque o papel de parede foi retirado nos espaços nobres. No entanto, a *Antiga Sala de Jantar* ainda mantém o papel de parede original (fig.167).

Pretendemos que as paredes divisórias a ser integradas na intervenção, sejam também de tabiques, estrutura de madeira. Para haver reintrodução do papel de parede, este teria de procurar as texturas e as relações cromáticas da época.

4.6.4 Pavimentos Interiores

Os pavimentos interiores do complexo arquitetónico são de cinco tipos: terra batida, cimento, pedra, cerâmicos e em madeira. Em terra batida (fig. 161) são os pavimentos da *Garagem*, da *Adega*, da *Casa dos Lagares* e de algumas *Lojas de Animais*; em pavimento de cimento afagado (fig. 157-158) estão os pavimentos de outras *Lojas de Animais*, na *Casa da Tulha*, na antiga despensa da *Casa Senhorial*; os pavimentos em pedra (fig. 159-160) são em calçada de granito na *Casa do Alambique* e em granito de pedra bem talhada na *Cozinha*; os pavimentos cerâmicos (fig. 152-156) encontram--se na *Casa Senhorial*, nas instalações sanitárias e no *Hall de Entrada*, *Cozinha* nova e na antiga *Salgadeira* e, por último, os pavimentos em madeira (fig. 149-151) são soalhos que foram aplicados nas zonas de habitação.

Os pavimentos em soalhos de madeira são constituídos por solhos, as tábuas. Os solhos na *Casa dos Caseiros* e no *Dormitório dos Criados* suspeita-se que sejam de Solho de Junta, o mais simples. Na *Casa Senhorial*, por outro lado, acreditamos que os solhos sejam à inglesa ou macho-fêmea.

O soalho da antiga sala de jantar foi desenhado peça por peça para ser aplicado posteriormente, exigiu um trabalho minucioso e atento. É um Solho



Fig.162: Paredes de tabique degradada



Fig.163: Lambril Salão Nobre



Fig.164: Lambril Quarto de Costura



Fig.165: Lambril em reboco

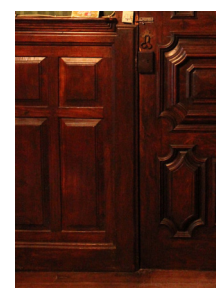


Fig.166: Lambril antiga Sala de Jantar

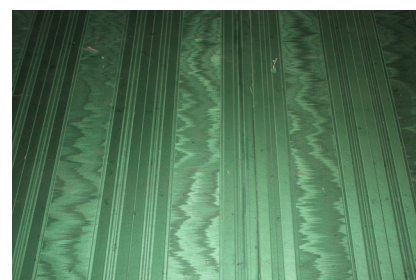


Fig.167: Papel de Parede da Antiga Sala de Jantar

51 SANTOS SEGRADO, João Emílio dos, Trabalho de Carpintaria Civil, Biblioteca de Instrução Profissional, Livraria Bertrand, Lisboa, pág.396 a 399

Espinhado⁵², com encabeirado, emolduramento à volta do espinhado (fig.149). Por a sala ser quadrada, foi feito um desenho de planta centrada, com o solho espinhado em Parquets, cujas tiras são de pequenas dimensões e, também, com ligação macho-fêmea. O desenho é realçado por filetes de nogueira e tem um losango ao centro. Esse losango está no mesmo eixo vertical que a Cruz da Ordem de Cristo sob Escudo, no teto.

Como os pavimentos interiores em soalho da *Casa Senhorial*, estão em bom estado de conservação, também serão mantidos. No entanto, todos os cerâmicos já são intervenções posteriores, onde em muitos casos têm sobreposição de camadas finais. É possível que nas antigas zonas de apoio à cozinha e no *Hall de Entrada* coberto que o pavimento fosse em pedra, tal como na Cozinha. Por esse motivo, o ideal seria retirar todos esses pavimentos sobrepostos e confirmar qual o pavimento inicial. No caso de ser em pedra, esse seria esse o pavimento final.

52 SANTOS SEGRADO, João Emílio dos, Trabalho de Carpintaria Civil, Biblioteca de Instrução Profissional, Livraria Bretrand, Lisboa, pág.135

4.7 A Evolução ao longo do tempo

O espaço mantém praticamente a génese inicial observando-se algumas alterações pontuais (fig.79).

A cobertura do *Alpendre dos Fornos*, *Lojas de Animais* e *Casa dos Caseiros* inicialmente era contínua, de duas águas, em estrutura de madeira com telha lusa. A cobertura da *Casa dos Caseiros* manteve-se igual ao original, enquanto que a cobertura do *Alpendre dos Fornos* e das *Lojas de Animais* adjacentes foi rebaixada, transformada, e passou a ser de uma só água, em fibrocimento. Por este motivo, teve de se fechar o piso superior das *Lojas de Animais* que servia de palheiro; fechou-se a porta de acesso pelo exterior ao complexo arquitetónico e foi inutilizada a janela virada para o alpendre. Esta informação foi relatada pelos atuais proprietários.

O *Alpendre dos Fornos* foi dividido a meio. Uma das metades foi transformada em espaço interior aumentando o espaço de alojamento de animais. As *Lojas de Animais* alinhadas com este alpendre foram ligadas entre si por portas e foram também abertas janelas para o exterior.

Na parte do alpendre que se manteve exterior, inutilizou-se um dos fornos, prevalecendo o maior que ainda hoje funciona.

Esta alteração desvalorizou a quinta e consiste no **primeiro ponto crítico do complexo arquitetónico** que precisa de ser resolvido. Pois, a cobertura original, de telhado em estrutura de madeira de duas águas, foi mudada para cobertura de fibrocimento de uma água. Para tal, a parede em granito a noroeste foi subida em blocos de cimento e descida a sudeste, inutilizando-se o piso superior. Quando os proprietários sentiram a necessidade de aumentar o número de lojas de animais, dividiu-se e fechou-se metade do alpendre dos fornos. As lojas de animais foram interligadas internamente e foram abertas janelas nessas mesmas lojas que não tiveram em conta o desenho das fachadas. Para além disso, nem houve cuidado na escolha dos materiais pois, o anexo foi feito em parede de bloco de cimento, nem no alinhamento deste anexo às pré-existências.

O *Alpendre dos Criados* também foi alterado. O piso superior estava destinado ao dormitório dos criados da *Casa Senhorial*. No piso térreo, a sudeste, existia um galinheiro e uma loja de apoio de materiais agrícolas. Esta construção era essencialmente em madeira com os pilares em pedra granito. No entanto, devido a problemas de conservação a madeira foi removida e substituída por blocos de cimento à vista. Esta alteração prolongou-se também para o piso superior em que foi reduzido o espaço do dormitório. Consiste no **segundo ponto crítico** da quinta, porque o alpendre tinha uma unidade que se perdeu, restando apenas duas partes que teimam em não se misturar, pois, há conflito de materiais, de relações e de alturas.

O **terceiro ponto crítico** está na *Casa Senhorial*. Houve a ânsia de unir as duas partes. Nesse sentido, os espaços exteriores que permitiam essa transição e diferenciação foram fechados: fechou-se a varanda e o acesso por veículos. A varanda, que foi convertida a *Sala de Costura*, falha na escolha dos materiais exteriores, embora nos interiores esteja em tudo bem enquadrada. A parede exterior também foi realizada em blocos de cimento embora tenha havido o cuidado em que o revestimento exterior imitasse o aparelho da pedra, no entanto, não resulta. O vão que foi aberto embora procure seguir a linguagem dos que existem na *Casa Senhorial - Pública*, não respeita as suas proporções. No piso térreo, a intervenção perde por não se enquadrar com a morfologia inicial, aparenta ter sido pensada a partir das portas escolhidas para fechar o local. Após um pequeno “nartex” que permite abrir os portões de ferro, subiu-se um degrau onde as portas já referidas foram encaixadas. No entanto, essas portas são maiores que a largura do espaço. Esta intervenção descarateriza fortemente

este espaço.

Os proprietários, sentindo necessidade de arranjar garagem para os novos veículos, anexaram um volume à Adega. A localização deste volume é inteligente, pois para além de se enquadrar bem no conjunto arquitetónico, também é construído num espaço residual que certamente serviria para guardar os veículos agrícolas. O problema surge na escolha dos materiais, anotando-se o **quarto ponto crítico do complexo**. Também a cobertura é em fibrocimento e embora só tenha sido necessário construir uma parede exterior, o seu arranque é em pedra, devido ao muro pré-existente, mas foi subida também em bloco de cimento até à altura necessária, criando conflitos de materiais.

A reconstituição do original mostrou-nos a matrix original do planeamento da quinta e como ela veio a perder valor nos pontos críticos assinalados. Concluiu-se que na matrix original, as relações entre volumetrias estavam bem pensadas e o terreno foi modelado nesse sentido.



5) PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

5.1 Reformulação do Programa

Ponderamos sobre a flexibilidade tipológica da quinta: quando o velho dá lugar ao novo em que este confronto modernidade-ruralidade entra em coexistência, ou seja, qual o novo tipo de função que as lojas de animais e espaços de habitação poderiam ter que se conseguisse ajustar às pré-existências. Acima de tudo, refletimos sobre o compromisso cultural que a *Quinta da Casadeira* deve assumir, interpretando o tempo atual para que se possa sugerir soluções, pois o levantamento mostrou que a quinta pelo seu caráter histórico e patrimonial revela-se um imóvel de interesse público. Uma vez que esta região tem sido fortemente usada para turismo, e porque o levantamento serviu para aumentar o valor de interesse patrimonial da quinta, propusemos aos proprietários transformar as *Lojas de Animais* e a *Casa dos Caseiros* em espaços de turismo de habitação rural, enquanto que o *Alpendre dos Criados* e o piso nobre da *Casa Senhorial - Pública* seriam para eventos, ao que eles aceitaram.

O levantamento foi, portanto, um fator determinante para a estratégia de intervenção, porque, depois de toda a informação recolhida e analisada, sentiu-se a necessidade de acrescentar elementos à encomenda, definida na introdução.

Sugerimos a adaptação desses espaços a quatro apartamentos de tipologia pequena e a reformulação do *Alpendre dos Criados* para um espaço multifunções e de uma parte da *Casa Senhorial* para aluguer.

A reabilitação da *Quinta da Casadeira* para agroturismo e para produção de vinho registado é coerente em termos dos usos no Vale do Dão, que hoje em dia contribui para o desenvolvimento de uma identidade cultural nesta região.

A sua privacidade e o facto de não ter sido considerada, ainda, como património histórico, permitiu-nos uma certa liberdade na intervenção. Embora o estudo sobre o valor do existente nos tenha levado a encontrar algumas condicionantes que definiram o tipo de intervenção que seguimos.

5.2 Turismo de Habitação em Área Rural

Para se converter as *Lojas de Animais* e a *Casa dos Caseiros* em casas para turismo, estudou-se a legislação referente ao turismo de habitação em área rural.

O turismo de habitação pode ser dividido em empreendimentos turísticos ou alojamento local, quando estes, apesar de autorização, não reúnem os requisitos para serem empreendimentos turísticos. Estes empreendimentos podem ser de turismo de habitação; de turismo no espaço rural ou turismo de natureza.

*“São empreendimentos de turismo no espaço rural os estabelecimentos que se destinam a prestar, em espaços rurais, serviços de alojamento a turistas, preservando, recuperando e valorizando o património arquitetónico, histórico, natural e paisagístico dos respetivos locais e regiões onde se situam, através da reconstrução, reabilitação ou ampliação de construções existentes, de modo a ser assegurada a sua integração na envolvente.”*⁵³

Os empreendimentos de turismo em espaço rural dividem-se em três grupos: Casas de campo; Agroturismo; Hotéis Rurais.

Tendo em conta estas três opções, exclui-se automaticamente o Hotel Rural por essa hipótese apenas poder ser na *Casa Senhorial*. As outras duas opções serão incluídas em duas fases diferentes: numa fase inicial, enquanto a quinta não reunir as condições agroturísticas serão apenas Casas de Campo, porém, numa fase final, seriam consideradas habitações de agroturismo, onde os turistas podem acompanhar a atividade vinícola.

É permitido que as unidades de alojamento em empreendimentos de turismo de habitação no espaço rural possam integrar-se num edifício ou num conjunto de edifícios. Portanto, existem três edifícios disponíveis para turismo de habitação rural, dois no complexo arquitetónico e o último, uma das *Casas dos Caseiros*, numa das extremidades da quinta. Esses espaços com dois pisos podem ser divididos em seis unidades de alojamento. No entanto, como nos restringimos apenas ao complexo arquitetónico não detalharemos a tipologia na outra *Casa dos Caseiros*, situada fora deste conjunto.

5.3 A Estratégia de Intervenção

De acordo com o “Guia Técnico de Reabilitação Habitacional”, são explorados alguns conceitos básicos, referenciados na “Carta Italiana de Conservação e Restauro dos Objectos de Arte e Cultura”, tais como, a Conservação que corresponde às ações preventivas com a finalidade de manter a configuração inicial do objeto em causa; a Prevenção aos procedimentos de conservação determinados pelo estudo do objeto; o Restauro, implicando uma intervenção que restitua o potencial do objeto; e a Reabilitação apresentando-se como o «(...) conjunto de operações dirigidas à conservação e ao restauro das partes significativas – em termos históricos e estéticos – de uma arquitetura, incluindo a sua beneficiação geral, de forma a permitir-lhe satisfazer a níveis de desempenho e exigências funcionais atualizadas»⁵⁴.

A salvaguarda do património foi evoluindo até aos dias de hoje em Portugal, partiu de um nível puramente estético em obras arquitectónicas isoladas que aborda questões sociais, económicas, ambientais, estéticas, históricas e funcionais com o objetivo de preservar os valores patrimoniais e a qualidade de vida das pessoas.

«A reabilitação urbana, tal como hoje é entendida – recuperação e beneficiação geral de áreas urbanas degradadas (históricas ou não) nos seus vários aspetos (do físico e morfológico, à revitalização socioeconómica e funcional) – constitui-se (...) ainda como uma política de intervenção na cidade relativamente inovadora e com um passado ainda demasiado recente, sobretudo em Portugal.»⁵⁵

Propomos uma estratégia de intervenção que restituia a sua configuração inicial e que maximize o seu potencial. Dadas as características levantadas neste trabalho sobre a *Quinta da Casadeira*, concluímos que a sua história devia ser divulgada e ela devia assumir um compromisso cultural. Posto isto, procuramos a integração dos edifícios para a vida atual e com uma função socialmente útil, turística, em que os seus elementos de interesse cultural e este tipo de arquitetura rural fiquem assegurados. Assim, ressalva-se a identidade e o carácter da quinta, que contribui para a coesão social e territorial da Beira Alta no Vale do Dão.

Apesar de termos analisado estes conceitos, apercebemo-nos de que a nossa proposta inclui e combina quase todos eles (fig.169-170).

A nossa proposta de procurámos que a *Casa Senhorial*, através da união das duas partes da casa senhorial, ganhe força e seja consolidada (fig.171). Os espaços nobres terão pequenos restauros que se vejam necessários. A casa de banho de serviço é projetada no piso nobre da Casa Senhorial - Privada, na antiga copa e sala do banho. Nos antigos espaços de apoio à cozinha, a morfologia original é respeitada. Projeta-se uma sala de estar, a sala de costura que a proprietária quer manter, casa de banho, despensa e uma cozinha atualizada que dê para o pátio privado (fig. 172), para o qual as duas cozinhas, a nova e a velha, se abrem. Esse pátio é rebaixado mas mantém a ligação ao jardim no nível superior por umas escadas em pedra que projetamos. Ao Hall de Entrada, são retiradas as portas que tornam o espaço interior e retirada a subida de nível. Aos

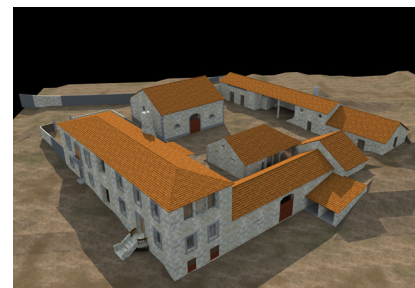


Fig.169: Proposta geral do complexo arquitetónico



Fig.170: Proposta geral do complexo arquitetónico



Fig.171: Proposta Casa Senhorial



Fig.172: Proposta Pátio Privado

54 PAIVA, José; AGUIAR, José e PINHO, Ana, *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*. Volume I. 1ª edição, 2006, p.16.

55 C.f. *idem* - PAIVA, José; AGUIAR, José e PINHO, Ana

portões de ferro é integrado um pano de vidro que o proteja da ação do vento e da chuva.

No piso superior, seguimos a mesma lógica de preservação dos espaços nobres, podendo ser alugadas para eventos. Para tal, desenhamos uma casa de banho dividida em mulheres e homens e a varanda é reaberta, criando uma zona de fumadores. O sótão é transformado no andar dos quartos: desenhamos 5 quartos e duas casas de banho, em que os dois quartos virados a sul seriam os quartos dos proprietários com partilha de casa de banho. A casa de banho que existe em anexo é demolida, porque assim a volumetria da casa senhorial passa a ser clara: um longo retângulo com espaços exteriores a meio que divide duas naturezas diferentes, onde está encaixado o volume da antiga cozinha.

A união das duas casas ganha muito mais força por a *Casa Senhorial - Privada* subir as suas paredes até ao nível da *Casa Senhorial - Pública* (fig.173). A casa nobre é então unificada e a diferenciação das sacadas dos seus vãos é harmoniosa pela reintrodução da varanda e da aparente reabertura do Hall de Entrada.

No Alpendre dos Criados restituímos a volumetria original em estrutura de madeira e pilares de pedra (fig.175). No entanto, o alpendre é fechado por panos de vidros e o seu pavimento deixa de ser em terra batida para ser em pedra. É transformado num espaço multi-usos (fig. 174) com cozinha, tendo casa de banho, chuveiro e todas as zonas de confeção, preparação e copa localizadas numa cave que é acrescentada. Teria duas entradas, uma principal no centro do pátio agrícola e uma secundária, de serviço, no corredor exterior agora com função entre o alpendre e a *Adega*. As duas casas de banho do salão multi-usos estão preparadas para pessoas com mobilidade reduzida. No piso superior criou-se ainda uma sala de menores dimensões de apoio a esse salão.

Nas lojas de animais (fig. 176) manteve-se a parede interior que antigamente as dividia em duas. Assim sendo, colocou-se a instalação sanitária e a kitchenette em cada lado da parede interior, funcionando como ilha (fig. 177), pois permite a deambular à volta. Do lado da instalação sanitária cuja entrada é lateral, situámos o quarto, enquanto que do lado da kitchenette situámos a sala de estar. Esta tipologia volta-se a repetir no piso superior. No entanto, o acesso a esta habitação é feito por uma escadaria oposta à escadaria de acesso à *Casa dos Caseiros* que projetamos no *Alpendre dos Fornos*, agora totalmente reaberto como no passado.

No volume da Casa dos Caseiros, a tipologia é mais pequena que a anterior mas fizemos com que o espaço resultante fosse mais amplo. A habitação varia do piso superior para o inferior. Pois, pretende-se manter a lareira original dos caseiros (fig.178). Deste modo, a tipologia sofre uma rotação de acordo com a localização da entrada. Na habitação inferior, essa rotação pareceu-nos a mais indicada para melhor aproveitar a luz que entra pelos vãos. No piso superior, a rotação da tipologia permite que a cama fique alinhada com a lareira.



Fig.173: Proposta Casa Senhorial e Garagem

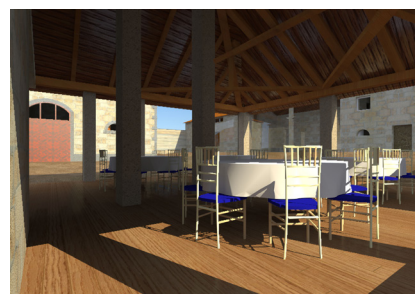


Fig.174: Proposta Alpendre dos Criados



Fig.175: Proposta Alpendre dos Criados



Fig.176: Proposta Lojas dos Animais



Fig.177: Proposta tipologia grande

Especificamente, dividimos o grau de reabilitação nos 4 níveis sugeridos pelo Guia Técnico de Reabilitação Habitacional⁵⁶. Embora seja mais focado para a habitação também serve a reabilitação em geral. O nível de reabilitação proposto na quinta varia consoante o edifício e respetiva função em causa.

O **primeiro nível** corresponde a reabilitação ligeira, ou seja, reparações das instalações e equipamentos já existentes. Normalmente são edifícios em bom estado de conservação e, por essa razão, não é necessário reparar elementos estruturais ou transformar espaços.

A *Casa dos Lagares* e a *Adega* integram-se neste nível, pois propõe-se a limpeza, a manutenção geral da cobertura, a reparação ou eventual substituição de alguns elementos dos sistemas vinícolas que necessitem e a beneficiação das instalações elétricas, como é o caso da prensadora.

O **segundo nível** abrange os trabalhos do primeiro nível, porém inclui ainda reparações ou substituições parciais de elementos de carpintaria, reparação e/ou reforço de alguns sistemas estruturais, realizações de ligeiras alterações nas formas existentes de organização dos espaços e melhoria das suas condições funcionais e ambientais.

Propõe-se que a *Casa da Tulha* e a *Casa do Alambique* sofram este nível de reabilitação uma vez que se pretende que seja feita limpeza e reconstituição do que existia. Na *Casa da Tulha* apenas 1 tulha se encontra intacta, enquanto que as outras 3 foram desmontadas; na *Casa do Alambique*, o forno do alambique está em péssimo estado, sendo necessário adquirir um novo e reconstruir a chaminé. Limpeza, manutenção geral da cobertura e beneficiação das instalações elétricas são também necessárias.

O **terceiro nível** já envolve uma reabilitação profunda. Para além de englobar os dois níveis anteriores, permite a introdução de alterações profundas na distribuição, na organização interior dos espaços e alterações tipológicas. Abrange, também, a reparação de elementos construtivos deteriorados e a introdução de equipamentos em falta. Implica novos materiais e novas soluções construtivas. Implica diálogo harmónico entre a pré-existência e a nova intervenção.

No *Alpendre dos Criados* optou-se por uma reabilitação profunda que restituísse a morfologia original embora esta seja adaptada para outra função. Ou seja, implica demolição e reconstituições significativas. Pretende-se a remoção das paredes divisórias em bloco de cimento e a realização de estrutura de madeira tal como existia originalmente; a reestruturação das comunicações verticais e acrescimento de cave.

As antigas *Lojas dos Animais* e *Casa dos Caseiros* serão então convertidas em pequenas casas de campo. Foram definidas 2 tipologias, TO e T1, onde se cria os equipamentos necessários, instalação sanitária e kitchenette. No edifício onde se insere a tipologia T1, restituem-se os dois andares iniciais, reformulando-se a fachada para o pátio agrícola e a cobertura, em estrutura de madeira de duas águas em telha lusa.

A *Garagem* seria desmontada e reconstruída em estrutura de madeira nas paredes e cobertura.



Fig.178: Proposta tipologia pequena

Na *Casa Senhorial*, as partes nobres serão apenas restauradas e preservadas, enquanto que nas antigas áreas de serviço e sótão, a intervenção será mais profunda na sua organização interior. Nesse sentido, é feita a comunicação entre a casa e o pátio/jardim mais pequeno do complexo. O sótão seria transformado em zona de quartos, fazendo com que a cércea seja a mesma e a cobertura entre as duas casas senhoriais seja comum, subindo-se a parede em pedra. No piso superior, reabre-se o pequeno terraço que antigamente existia.

O **quarto nível** é para reabilitação excecional, em que a intervenção é muito profunda com custos muito elevados em que ultrapassa os três níveis expostos, sofrendo intervenções na envolvente do edifício e no seu interior. Normalmente destina-se a edifícios para padrões elevados e superiores aos preexistentes.

Em seguida, mostramos o estudo prévio do projeto, com a conjugação do pré-existente com a nossa proposta.



Fig.179: Planta de Cobertura do Conjunto Arquitetónico - Antes e Depois

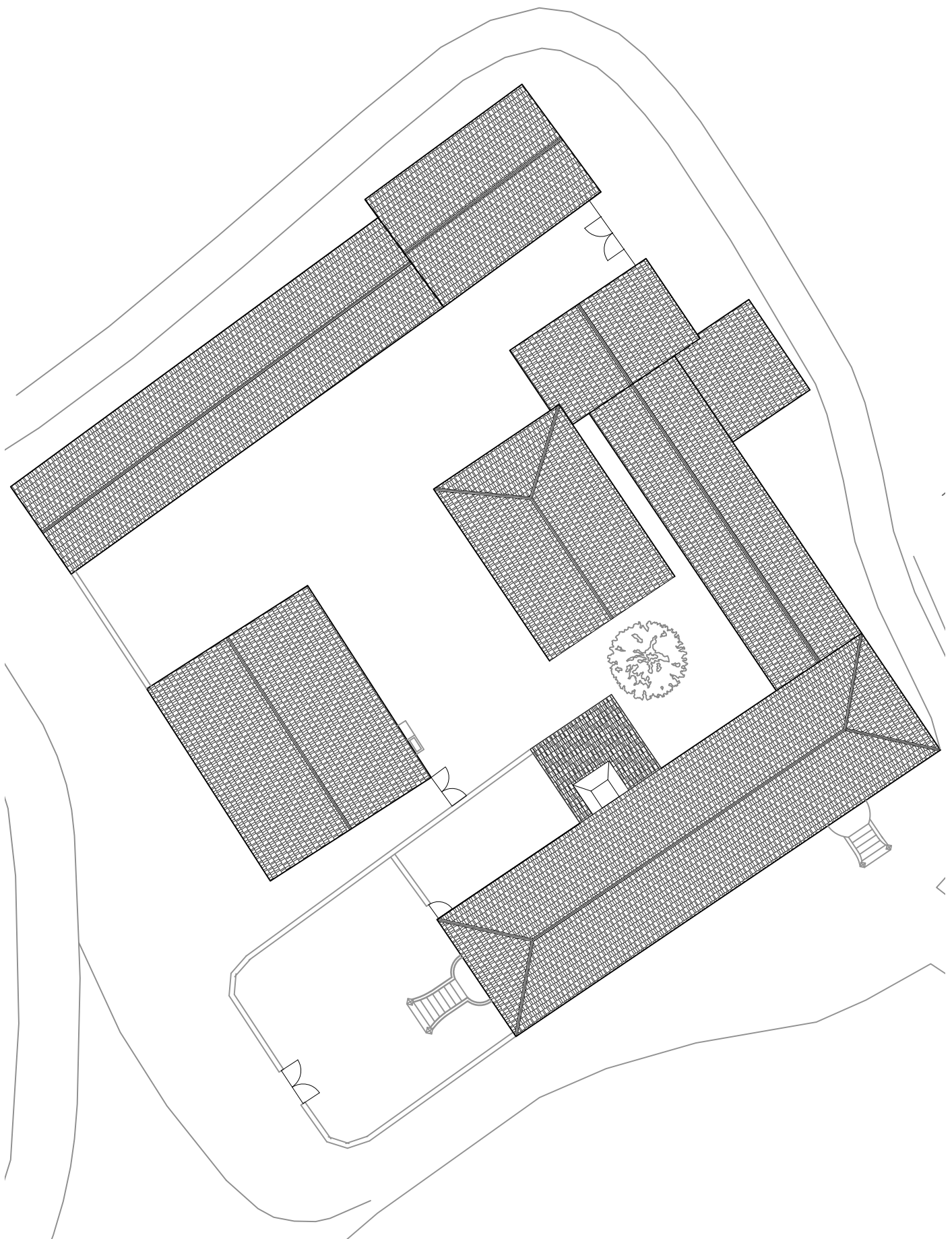


Fig.180: Piso 1 - Planta de Cobertura do Conjunto Arquitetônico



Fig.181: Planta do Piso 1 do Conjunto Arquitetónico - Antes e Depois

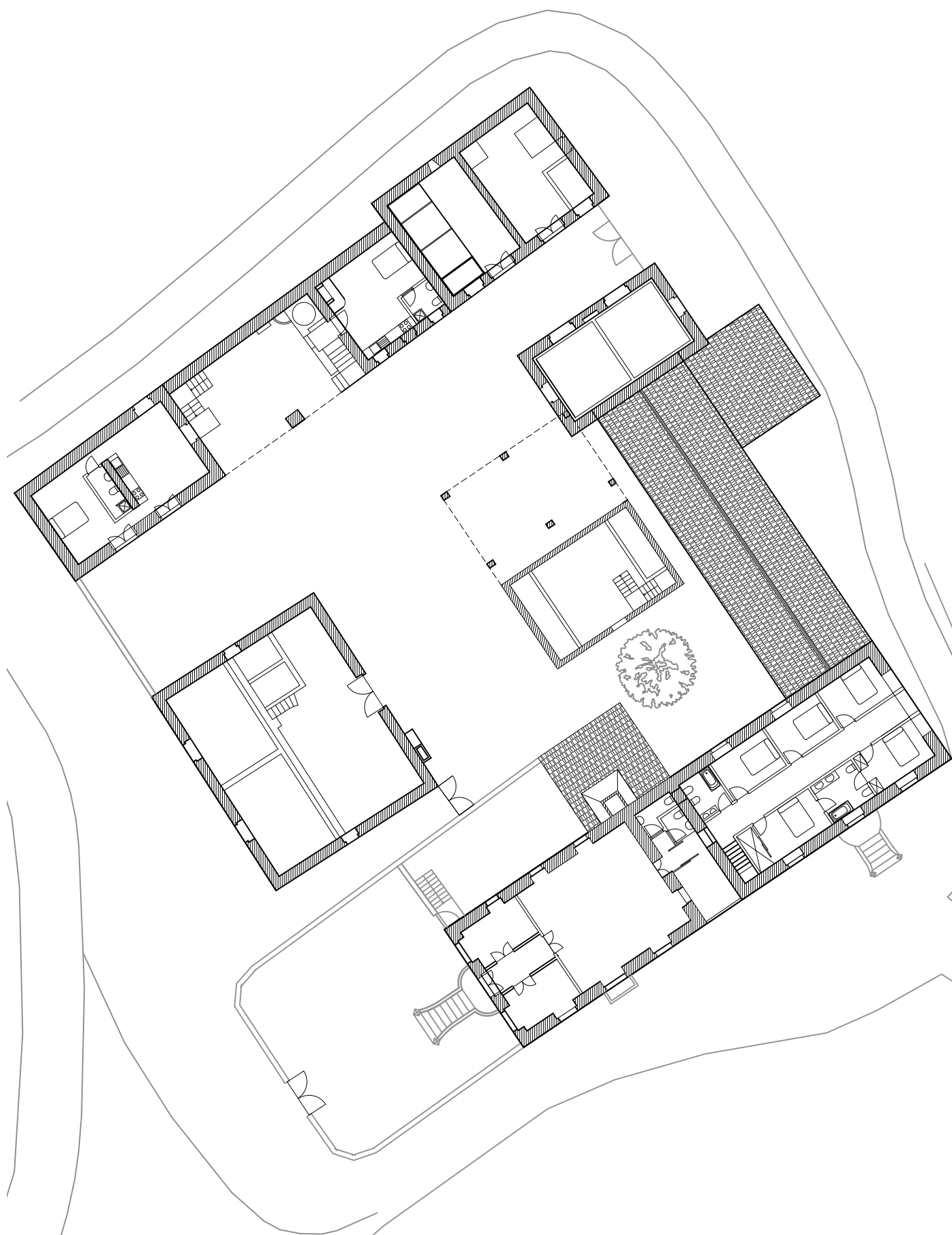


Fig.182: Planta do Piso 1 do Conjunto Arquitetônico



Fig.183: Planta do Piso 0 do Conjunto Arquitetónico - Antes e Depois



Fig.184: Planta do Piso 0 do Conjunto Arquitetônico



Fig.185: Planta do Piso -1 do Conjunto Arquitetónico - Antes e Depois



Fig.186: Planta do Piso -1 do Conjunto Arquitetónico



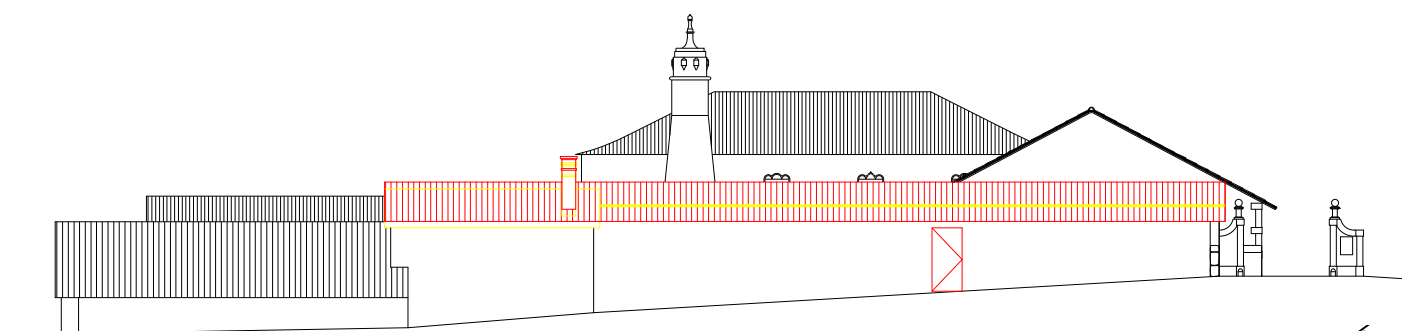


Fig.187: Alçado Noroeste Escala 1/300

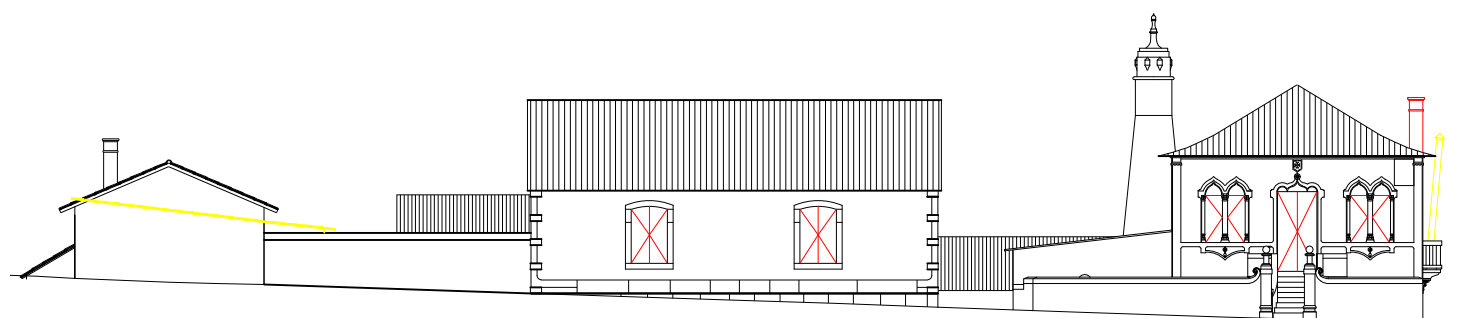


Fig.188: Alçado Sudoeste Escala 1/300

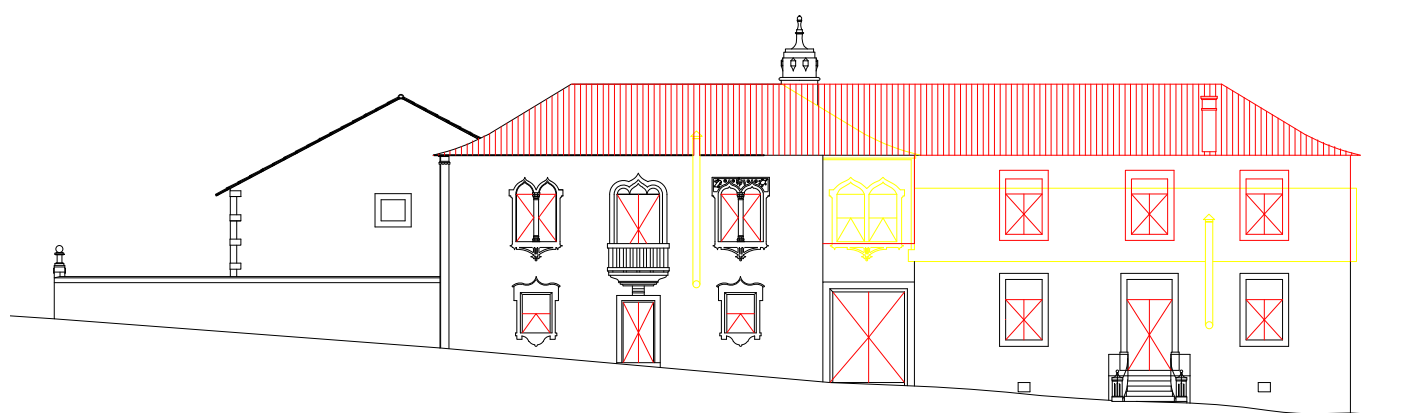


Fig.189: Alçado Sudeste 1/300

0m 1 2 5

LEGENDA:

— A Demolir

— A Construir

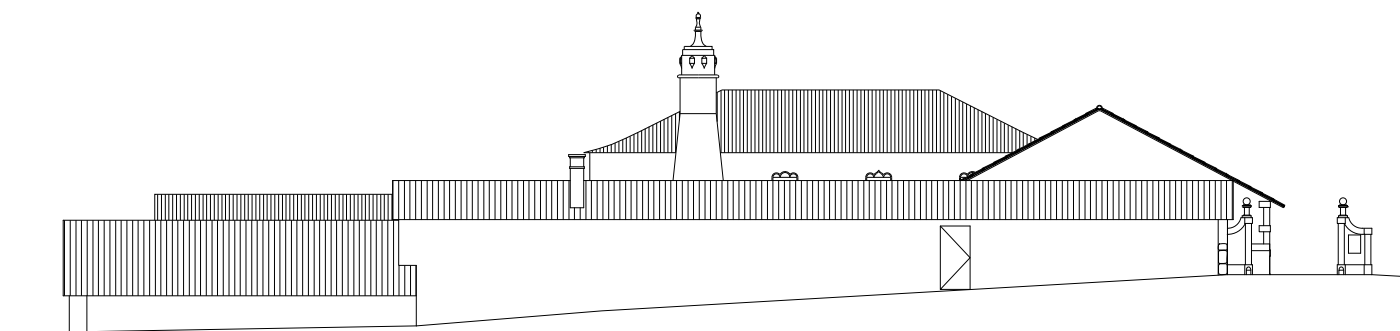


Fig.190: Alçado Noroeste Escala 1/300

0m 1 2 5

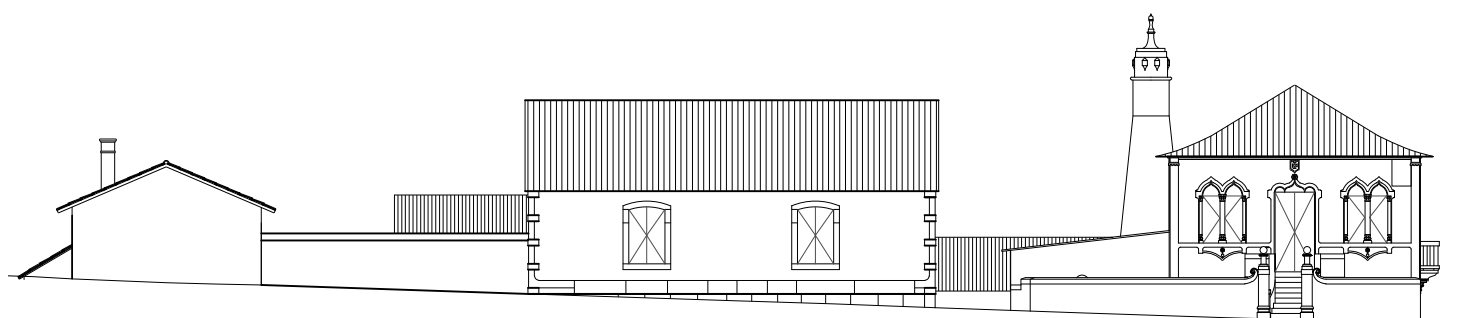
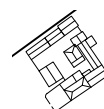


Fig.191: Alçado Sudoeste Escala 1/300

0m 1 2 5

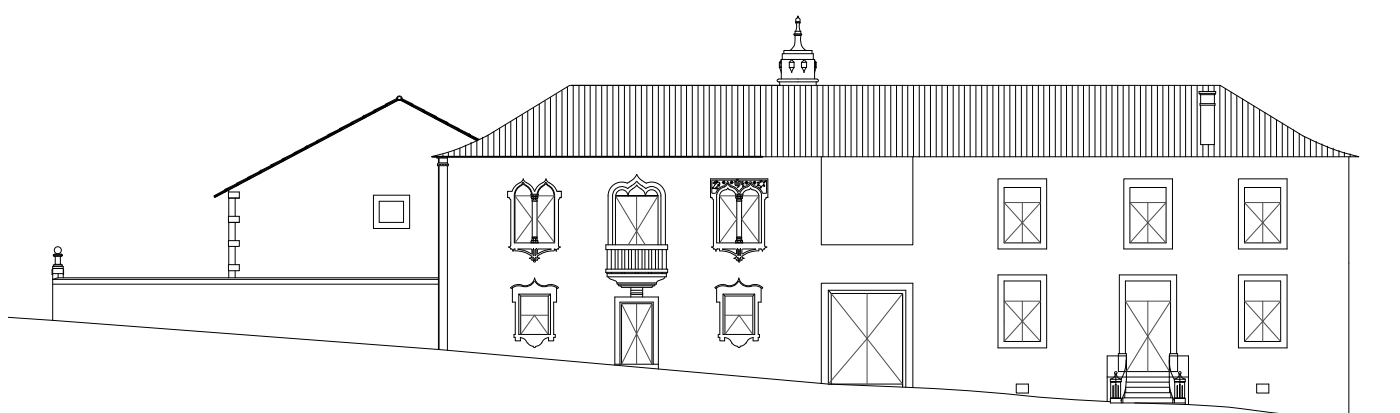
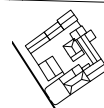
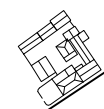
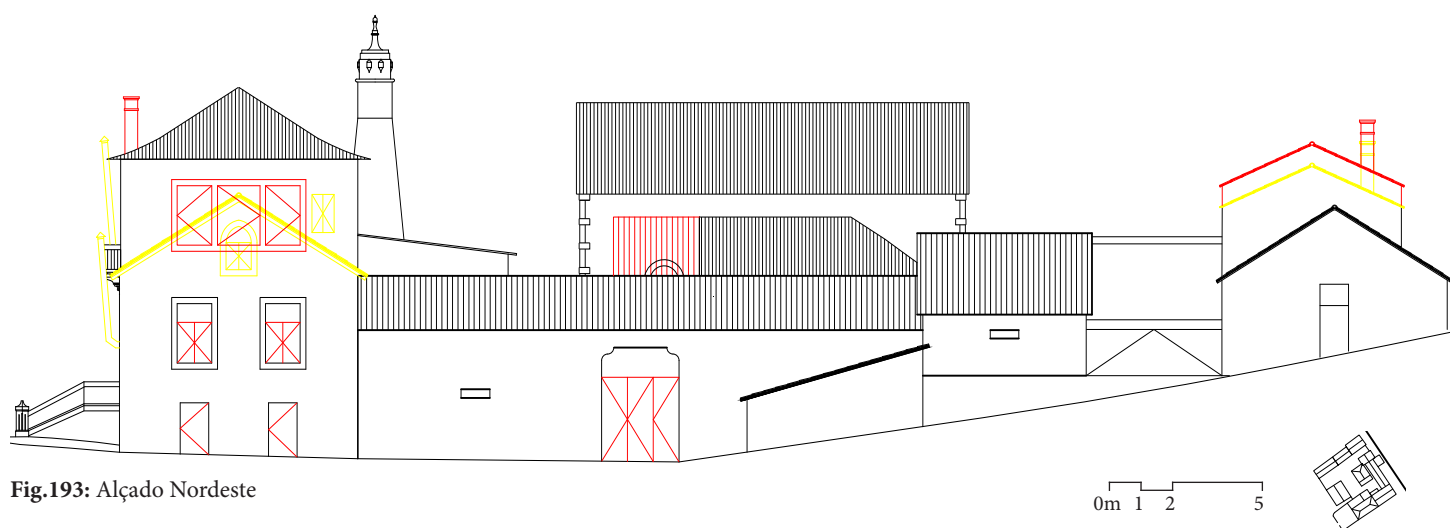
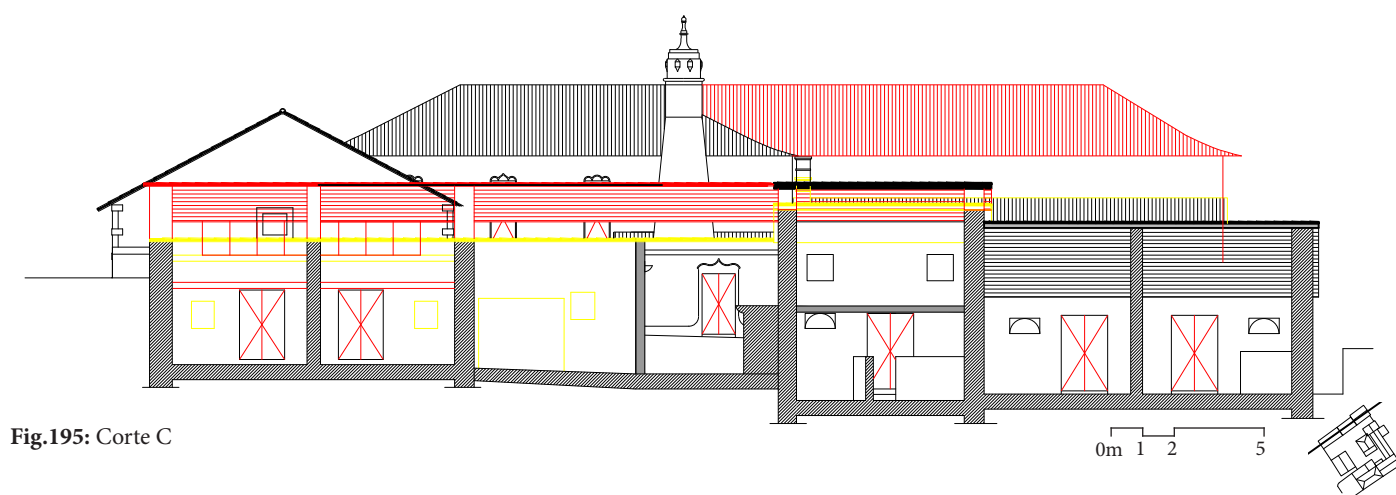
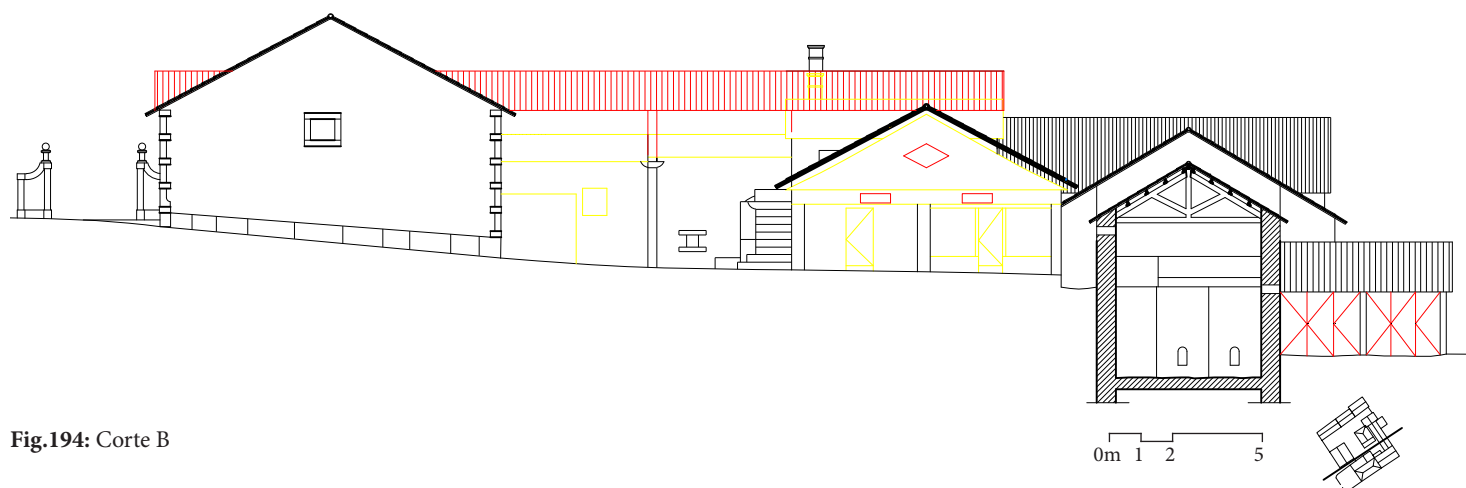


Fig.192: Alçado Sudeste 1/300

0m 1 2 5





LEGENDA:

— A Demolir

— A Construir

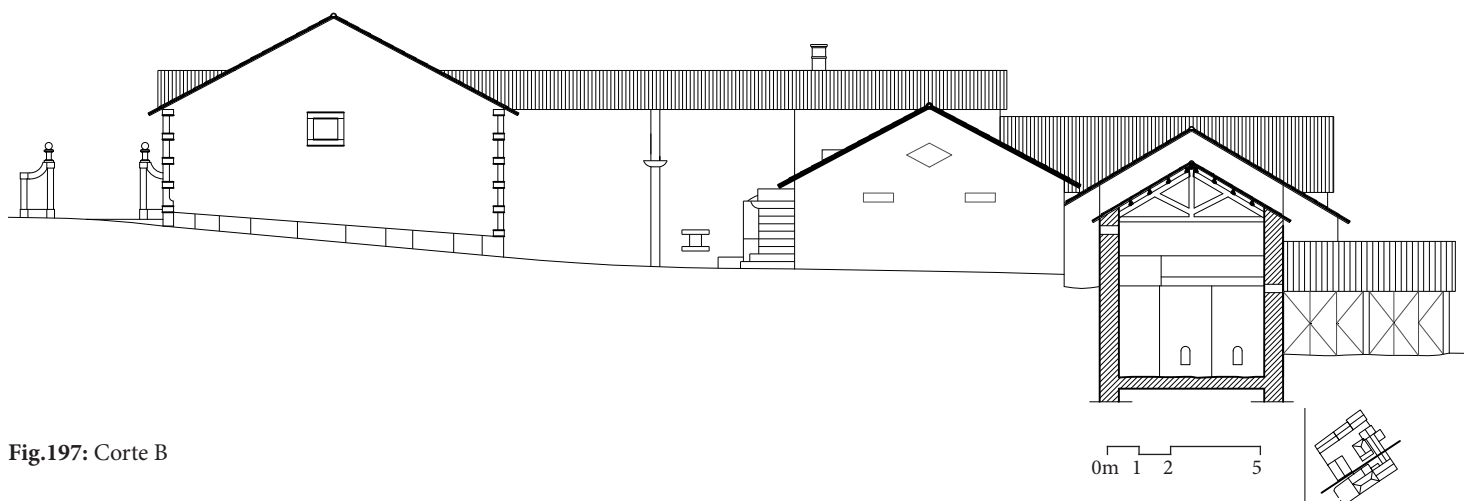


Fig.197: Corte B

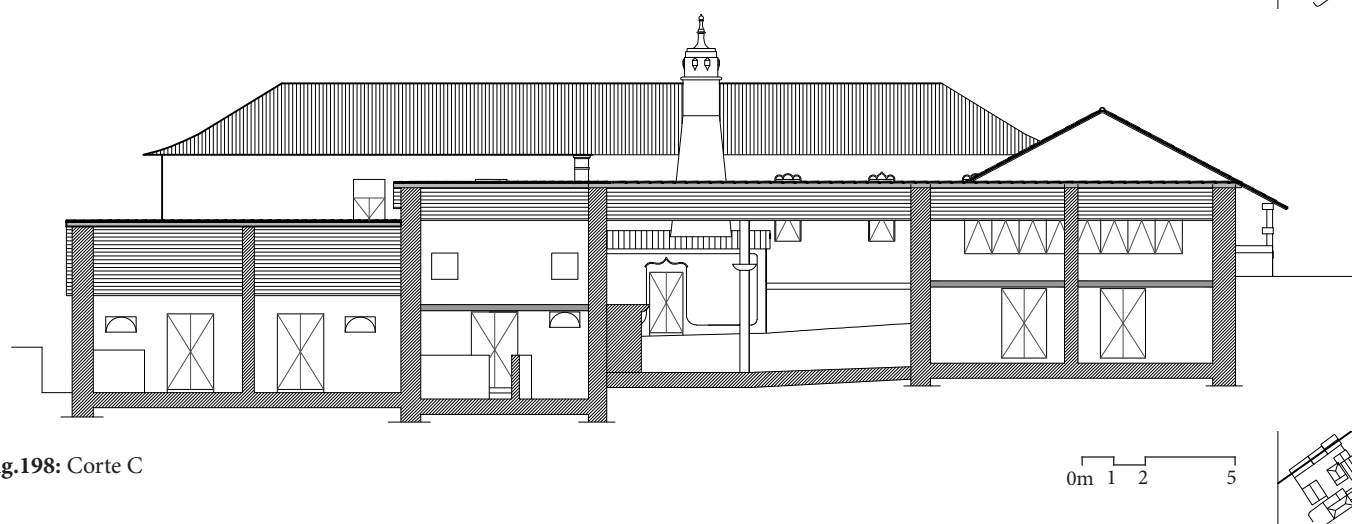


Fig.198: Corte C

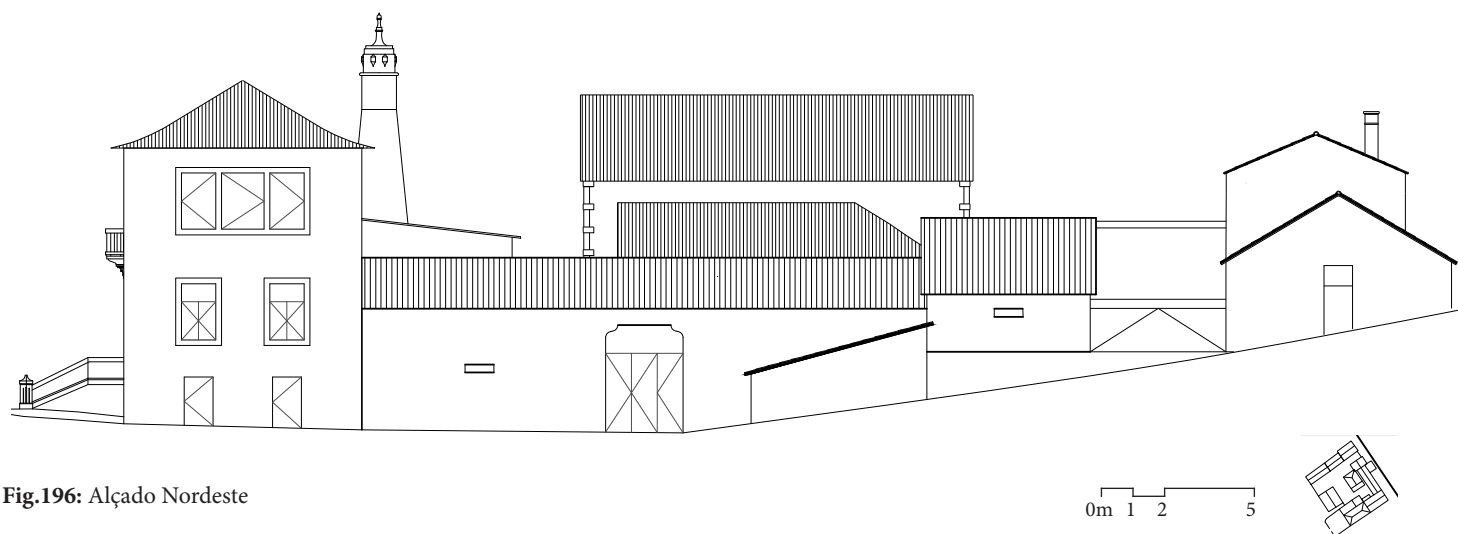


Fig.196: Alçado Nordeste

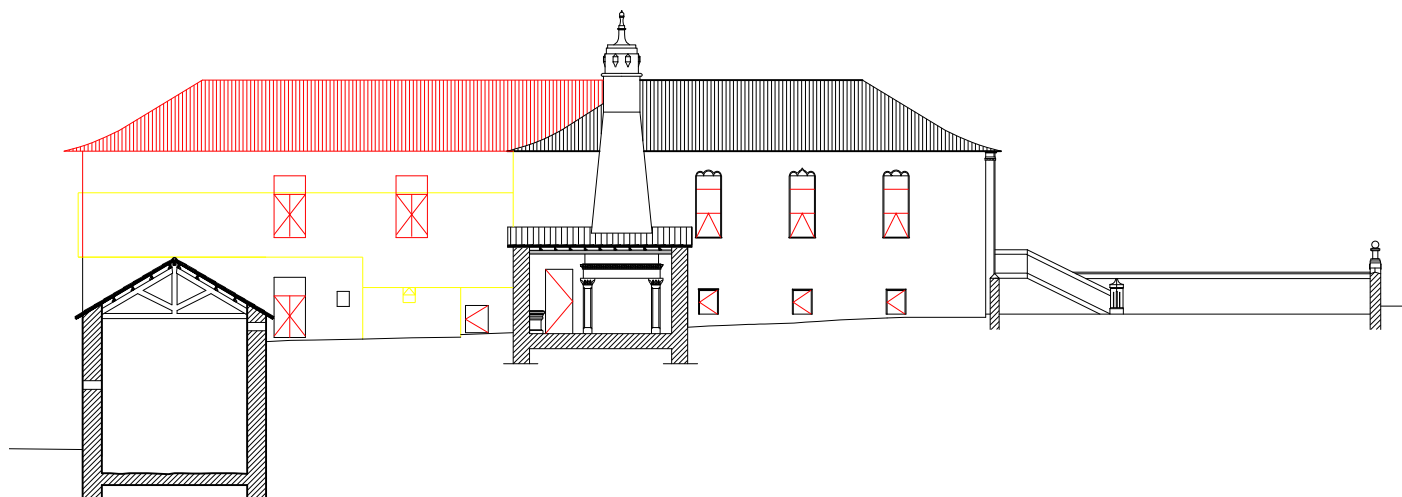


Fig.200: Corte F

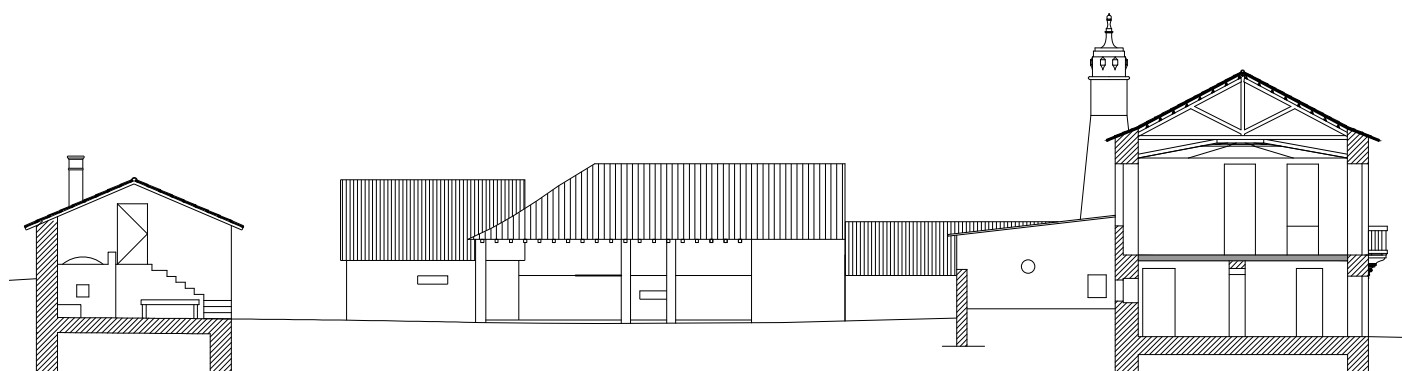


Fig.201: Corte G

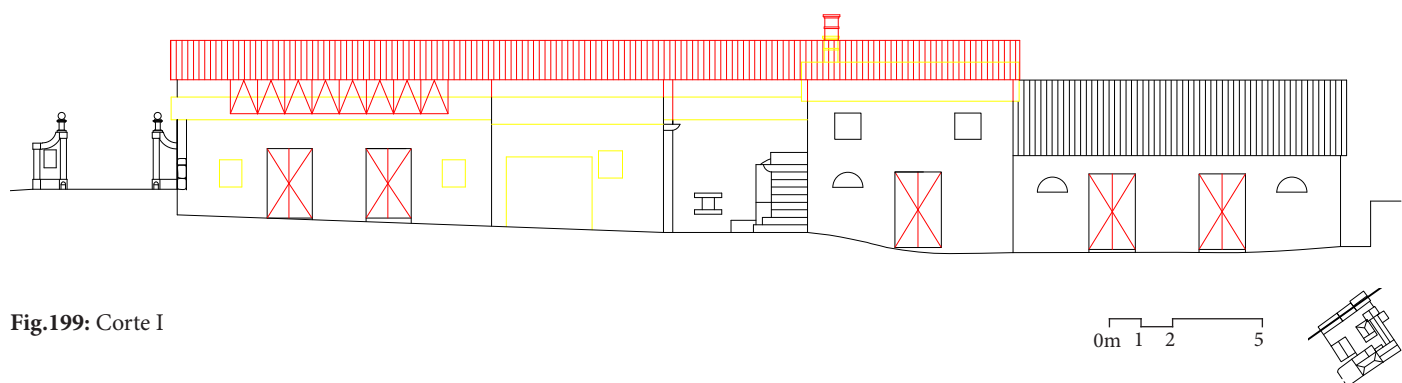


Fig.199: Corte I

LEGENDA:

- A Demolir
- A Construir

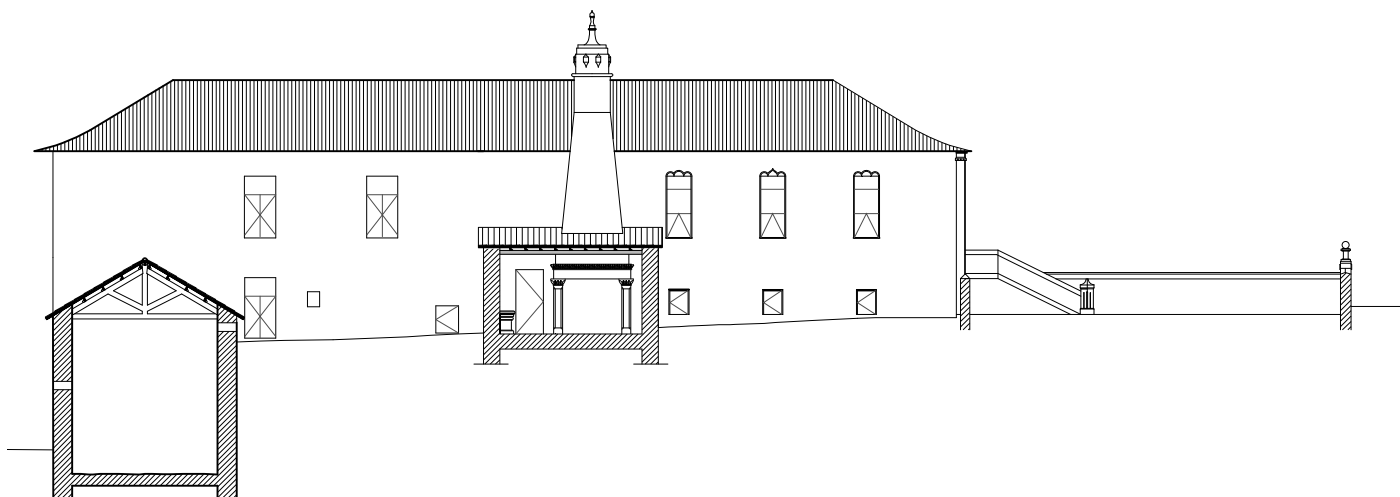


Fig.203: Corte F

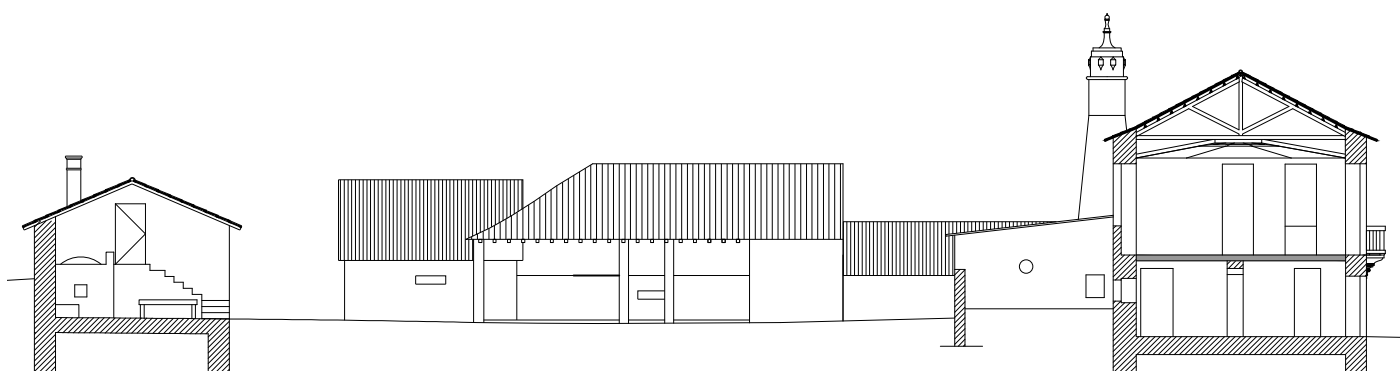
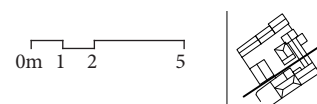


Fig.202: Corte G

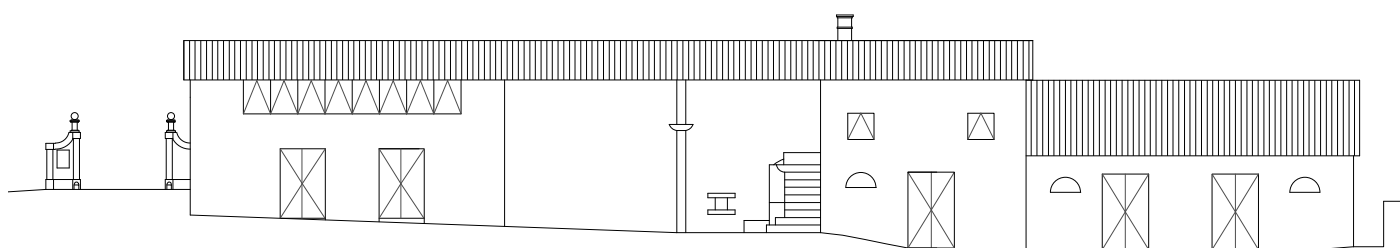
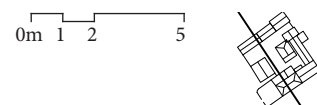
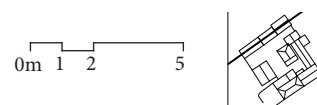


Fig.204: Corte I



6) CONCLUSÃO

6.1 Resposta à Questão da Tese

Este estudo procurou responder continuamente à questão da tese: Como revelar a qualidade patrimonial de uma quinta em Viseu e definir estratégias para a sua valorização através do projeto arquitetónico? Na própria questão foi lançada a resposta ao problema. Pois, é precisamente pelo projeto arquitetónico que se relevou a qualidade patrimonial desta quinta. A estratégia do projeto foi construída ao longo do levantamento. O levantamento realizado à quinta não só favoreceu como definiu a estratégia de intervenção.

A perpetuação da memória que a quinta integra no seu todo fica assim assegurada. Pois, as suas características formais foram mantidas e nenhum volume foi acrescentado.

A reformulação do programa permitiu atingir o potencial das pré-existências do complexo arquitetónico da quinta com a adaptação das *Lojas dos Animais* e *Casas dos Caseiros* para tipologias pequenas de *Casas de Campo* e com a adaptação do *Alpendre dos Criados* para restaurante.

Em suma, a *Quinta da Casadeira* torna-se uma mais valia para Viseu pelo seu valor patrimonial porque se pode afirmar que as considerações tecidas, resultantes diretamente da investigação efetuada, com principal foco nas pré-existências mas também nos espaços exteriores, vêm reafirmar a certeza de que estamos perante um objeto de estudo que em tudo enobrece a arquitetura doméstica e rural do século XIX no nosso país. Especialmente no que se refere à riqueza dos elementos estruturais e decorativos observáveis, sobretudo, na *Casa Senhorial - Pública*.

6.2. Nota Final

“(...) o novo conceito de reabilitação, manifestando a preocupação do Homem em preservar os seus valores e a sua História através do seu edificado, corresponde a uma atitude de adequar o projeto não só às exigências funcionais de conforto, regulamentares e estéticas, mas de integrar o projeto no seu ambiente natural ou construído. Assenta em princípios de uma conservação integrada, associado a um novo conceito de preservação da natureza e de habitar urbano, em que a natureza passa a ser tida como um recurso e um bem que deve ser protegido.”⁵⁷

6.2.1 Sobre o Objeto de Estudo

Deduzimos que a quinta adveio de um primeiro plano completo de projeto, onde certas atividades agrícolas como a produção do vinho, da aguardente e armazenamento dos cereais contribuíram para a definição arquitetónica da quinta.

Concluimos que a *Quinta da Casadeira* tem uma natureza religiosa forte e que ela possa estar relacionada com as orientações geográficas que a quinta tem em comum com a capela da aldeia. Todo o levantamento permitiu assinalar que existem fortes indícios da influência da *Ordem de Cristo* na *Quinta da Casadeira* e que se torna um testemunho arquitetónico da atividade desse grupo. Em que o seu predomínio dos ornamentos estão na *Casa Senhorial* de carácter público.

Compreendemos que a quinta tinha uma dinâmica que assentava na hierarquia social da época e na sustentabilidade de recursos. A evolução do modo de vida do Homem do séc. XIX reflete-se quer nos espaços de trabalho quer nos espaços de habitar, uma vez que o modo de habitar atualmente difere bastante da cenografia à qual a quinta deu origem. Principalmente em questões tecnológicas, de instalações elétricas e de inclusão de instalações sanitárias. Estas questões tecnológicas também se refletiram no mundo agrícola, pois, a força dos animais para o trabalho no campo ou para o transporte de pessoas foram substituídas por máquinas.

57 MARTINS, António, *Reabilitação da Quinta da Graça para Hotel de Charme*, Lisboa, Dissertação para a obtenção de Mestre em Arquitetura, FAUTL, 2010, p.1

A hierarquia social deixou de existir e, portanto, deixou de ser necessário manter as outras infraestruturas habitacionais para além da *Casa Senhorial*. Pois, a quinta é apenas habitada pela família dos proprietários da quinta.

Apesar da introdução da eletricidade e de algumas intervenções posteriores a essência da quinta mantém-se preservada e, por essa razão, é o reflexo de uma sociedade e do contexto rural do final do século XIX, pois representa a história e o modo de vida de uma época.

As estruturas agrícolas, na sua conceção, foram bem organizadas, numa procura de autossustentabilidade. As Juntas de Bois serviam de apoios aos trabalhos agrícolas; os cavalos para transporte de pessoas; galinhas, coelhos, vacas leiteiras, porcos como alimento; as fezes dos animais serviam de estrume para os campos; nos campos produziam-se os alimentos.

As quintas de elevada produção agrícola eram excedentárias. No entanto, o potencial económico da quinta é enquanto produtora vinícola.

As tulhas, apesar de muito degradadas, mostram a importância dos cereais na quinta, embora fossem moídos por moinhos de água numa aldeia próxima chamada Moinhos de Pepim. Dada a quantidade de pessoas que subsistiam da quinta, o cereal antigamente era muito usado e por essa razão existiam dois fornos.

6.2.2 Sobre o Levantamento

O levantamento procurou provar que cada objeto arquitetónico é único e merece uma análise individualizada. Dessa forma deve-se procurar uma pré-metodologia de levantamento particularizada mas que, ao mesmo tempo, seja flexível e adaptável a outros elementos que possam vir a surgir.

Foi importante fasear a metodologia nas três categorias apresentadas: levantamento documental; métrico e analítico.

Após a tomada de consciência sobre o objeto arquitetónico pelas análises realizadas, apoiada numa linha de pensamento arquitetónico, podemos realizar uma estratégia de intervenção.

Essa estratégia procurou relevar os bens culturais e preservar o carácter da quinta salvaguardando-se a sua identidade, assim, provou-se que a quinta é um bem cultural e patrimonial.

O levantamento permitiu-nos discernir sobre a adequação do programa proposto e sugerir um que potencialize o lugar.

Reconhecemos que a abertura e disponibilidade dos proprietários ajudou imenso na construção do levantamento/estratégia que culminou no estudo-prévio que aqui apresentamos, feito em parceria entre a autora e os proprietários.

Consideramos o levantamento como primeira ação de projeto porque a estratégia de intervenção foi-se construindo ao longo da recolha e análise da informação à cerca do objeto de estudo. A quinta está muito bem preservada e conservada, o que permitiu dividir a estratégia em três fases:

- A primeira fase, procurou a leitura do lugar como base estruturante da proposta: o levantamento - as ideias;
- Na segunda fase, houve necessidade de reformular o programa dado pelos proprietários - aceitação das ideias;
- Na terceira fase, desenvolveu-se uma estratégia de intervenção que abrangesse as fases anteriores pela condução de uma linha de pensamento arquitetónico - aplicação das ideias.

Com esta intervenção, que, conforme foi pedido pelos proprietários, uma das prioridades seria torná-la rentável, a quinta poderia ser usada de modo a permitir a consciência da produção tradicional de vinho e da vivência do Homem rural no final do séc. XIX por um coletivo de pessoas. A ligação entre o velho e o novo, entre as antigas

funções e as novas, é assegurada, mantendo o ambiente que a caracteriza e procurando a solidificação dos conjuntos através de estruturas que a enobreçam.

O levantamento arquitetónico possibilitou uma estratégia de intervenção informada e valorizou-a devido aos elementos recolhidos, porque foram definidos quais os espaços a manter e quais os espaços com maior flexibilidade de intervenção.

A divulgação deste património até hoje pouco valorizado é o principal contributo deste trabalho. A promoção desta quinta contribui para o enriquecimento da cultura rural em Portugal. Reclama-se a necessidade de integração deste tipo de património na sociedade, salientando-se o ponto turístico.

6.3 Temas para Investigações

Detetaram-se temas para futuras investigações que foram levantados na realização deste trabalho embora não tenham sido aprofundados por sair do universo de estudo definido. Um desses temas é o caso dos símbolos religiosos alusivos à *Ordem de Cristo* e algum simbolismo na implantação; a importância que a *Quinta da Casadeira* e a *Capela da Encoberta* tiveram no processo de aglomeração rural deste território, tal como os eixos viários principais; e, por último, outra possível investigação para inquirir a ligação de *Joaquim Pais da Cunha* à *Casa de Povolide* e à *Ordem de Cristo*.

6.4 Advertências

O presente estudo contribuiu para esclarecer a unicidade desta quinta enquanto complexo referente a uma identidade rural vinícola com potencial turístico. Assim sendo, a sua divisão pelos herdeiros não deverá nunca passar pela fragmentação da mesma, mas sim pela aceitação que o potencial patrimonial, turístico e económico apenas existe por a quinta manter esta unidade. Dessa forma, sensibilizam-se os futuros herdeiros em dar vãs ao potencial máximo que esta quinta apresenta.

7) BIBLIOGRAFIA

7.1 Referências Bibliográficas

- APPLETON, João, *Reabilitação de Edifícios Antigos*, Alfragide, Edições Orion, 2003
- ARAÚJO, Ilídio Alves, *Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto*, Porto 1979
- BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço*, 1957, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1989
- BOTTON, Alain de, *A Arquitetura da Felicidade*, Editora Rocco, 2006
- COELHO, José, *Memórias de Viseu (Arredores)*, 1941
- CHOAY, Françoise, *Arquitectura e Urbanismo*, 1979, In Dufrenne, Mikel (ed.), *A Estética e as Ciências da Arte*, vol. 2, Amadora: Livraria Bertrand, 1982
- CHOAY, Françoise, *A Alegoria do Património*, Edição 70, Maio 2006
- FERNANDES, Fátima; CANNATÁ, Michele, *Construir no Tempo – Souto de Moura, Rafael Moneu, Giorgio Grassi*; Estar 1999.
- FRANÇA, José Augusto, *Lisboa: urbanismo e arquitectura*; Ed. Livros horizonte; 5a edição; 2005
- HALL, Edward, *A Dimensão Oculta*, 1966, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1986
- KUBLER, George, *A Forma do tempo*, 1962, Lisboa: Vega, 1977, 2ª ed.
- *Livro das Descrições Prediais*, Conservatória do Registo Predial de Viseu
- *Livro das Incrições Diversas*, Conservatória do Registo Predial de Viseu
- *Livro de Incrições de Transmissão*, Conservatória do Registo Predial de Viseu
- MANGUCCI, Celso, *Quinta de Nossa Senhora da Piedade, História do seu palácio, Jardins e Azulejos*; Janeiro de 1998.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Existencia, espacio e arquitectura*, 1971, Barcelona: Ediciones Blume, 1975
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *El Significado en Arquitectura*, 1975, Madrid: Aldus, 1979
- PAIVA, José; AGUIAR, José e PINHO, Ana, *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional*, Volume I, 1.ª edição, Lisboa, 2006
- PAWLEY, Martim, *La Casa del Tiempo*, S.I.: s.d.
- PEREIRA, Paulo, *Arte Portuguesa – História Essencial*, 7678, Círculo de Leitores, Junho de 2011
- PIRES, Amílcar de Gil, *O lugar da Quinta de Recreio na periferia de Lisboa*
- SIMMEL, George, *Filosofia da Paisagem*
- SANTOS SEGURADO, João Emílio dos, *Trabalho de Carpintaria Civil*, Biblioteca de Instrução Profissional, Livraria Bertrand, Lisboa, sd.
- SOUTO MOURA, Eduardo, *Santa Maria do Bouro - Construir uma pousada com as pedras de um Mosteiro*, Selected Works White & Blue, Arquitectura Temática: Universidade de Aveiro, Arquitectura e Urbanismo, Janeiro de 2001
- S. MATEUS, 24:27, *Nova Bíblia dos Capuchinos*, Difusora Bíblica Lisboa/Fátima, Junho de 1999
- TÁVORA, Fernando, *Casa da Covilhã*, 1990, Monografias Portuguesas
- TÁVORA, Fernando et al, *Arquitectura Popular em Portugal*, Centro Livreiro da Ordem dos Arquitectos, Lisboa, 2004
- VEIGA, Carlos Jorge Mota, *Município de Nelas : Origens e Evolução : (dos princípios do século XIX à Revolução de 1974) : Estudo Monográfico : Um contributo para a sua história. Nelas : Câmara Municipal de Nelas*, 2006

7.2 Teses e Dissertações

- ABREU, Pedro Marques de; *Palácios da Memória II. A revelação da arquitectura*; Tese para obtenção do grau de Doutor na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa
- ALMEIDA, Eneide de, *Construir no Construído na produção contemporânea: relações entre teoria e prática*. São Paulo, Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitectura e Urbanismo, 2000
- ANTUNES, Filipa, *Projectar com o Lugar: Reabilitação da Quinta da Boa Viagem Adaptação para Pousada*, Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUTL, 2010
- CALHEIROS, Maria, *Arquitecturas Rurais e Critérios de Intervenção: Uma experiência no Vale do Lima (2003-2006)*, Dissertação de Mestrado em Arquitectura na Especialidade de Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico, 2006
- COUTINHO, André, *Reabilitação de Quintas no Douro – Manual de Boas Práticas - Região do Baixo Corgo*, Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil: Especialização em Construções, FEUP, 2012
- MARQUES, Filipe, *Reabilitação da Quinta dos Alfinetes*, Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUTL, 2011
- MARTINS, António, *Reabilitação da Quinta da Graça para Hotel de Charme*, Lisboa, Dissertação de Mestrado em Arquitectura, FAUTL, 2010
- OLIVEIRA, Hugo, *Reabilitação da Quinta dos Alfinetes: Casa Museu de Marvila*, Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura, FAUTL, 2012
- PINHO, Maria de, *Casas de Quinta no Douro, Proposta para um Manual de Intervenção*, Dissertação para a Obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil: Especialização em Construções, FEUP, 2012
- PIRES, Amílcar, *Vilegiatura e Lugar na Arquitectura Portuguesa*, Doutoramento em Arquitectura, FAUTL, 20 de Fevereiro de 2008
- RAMOS, Jorge, *A Casa Unifamiliar Burguesa na Arquitectura Portuguesa*, Porto, Tese de Doutoramento, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2004
- S. MARTINS, João Carlos, *Tectos Portugueses do séc. XV ao séc. XIX*, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Recuperação e Conservação do Património Construído, IST-UTL, 2008

7.3 Artigos em Revista Científica Nacional

- MARTINS, Fausto, *Quinta da Vacaria: a cultura da vinha num documento do século XVII*, DOURO – Estudos & Documentos, Vol. II (4), 1997, 2º, pp.361-376
- PEREIRA, Gaspar Martins, COSTA, Natália Fauvrelle, *Instruções para a cultura das vinhas e para o fabrico do vinho nas quintas de João Pacheco Pereira, antes da instituição da Companhia*, DOURO – Estudos & Documentos, Vol. III (5), 1998, 1º, pp. 161-175
- PEREIRA, Gaspar Martins, *O Vinho do Porto: entre o artesanato e a agroindústria*, Revista da Faculdade de Letras, Porto, III Série, Vol. 6, 2005, pp.185-191
- PEREIRA, Gaspar Martins, *Por um Arquivo Histórico do Vinho do Porto*
- PEREIRA, Gaspar Martins, *Quintas do Douro – Arquivos e Investigação Histórica*
- SANTOS, Norberto Pinto, *Novos e Velhos Territórios nos Lazeres Contemporâneos. O Mundo do Vinho e a Importância da Viagem*, FLUC Geografia - Artigos em Revistas Nacionais, Editora: Departamento de Geografia – CEGOT, ISSN 0871-1623, 2010

7.4 Sítios da Internet


- PORTAL DA ORDEM DE CRISTO, acedido em: 02.02.2014, em: <http://ordochristi.org/>
- TORRE DO TOMBO, Associação de Amigos - Casa de Povolide, acedido em: 14.10.2013, em: <http://www.aatt.org/site/index.php?op=Nucleo&id=1656>
- IHS Monogram, SymbolDictionary.Net – A Visual Glossary, acedido em: 14.10.2013, em: <http://symboldictionary.net/?p=2090>
- MARTINHO COSTA, Soledade, Nossa Senhora da Conceição – Padroeira de Portugal, Sabaral, acedido em: 23.11.2013, em: <http://sarrabal.blogs.sapo.pt/27209.html>

7.5 Diários da República

- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA, *Diário da República, Capítulo II: Dos requisitos gerais das instalações e do funcionamento dos empreendimentos de turismo no espaço rural* I SÉRIE-B, N.º 60, 12 de Março de 2002
- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA, *Diário da República, Capítulo II: Empreendimentos turísticos*, 1.ª série, N.º 48, 7 de Março de 2008
- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA, *Diário da República, Capítulo II: Empreendimentos turísticos*, 1.ª série, N.º 178, 14 de Setembro de 2009
- ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA, *Diário da República, Ministério da Economia, Decreto-Lei n.º 15/2014 de 23 de janeiro*, 1.ª série, N.º 16, 23 de janeiro de 2014

8) ANEXOS

8.1 Caderneta Predial

| | |
|---|--|
|  AT autoridade tributária e aduaneira | CADERNETA PREDIAL URBANA SERVIÇO DE FINANÇAS: 2720 - VISEU |
|---|--|

IDENTIFICAÇÃO DO PRÉDIO

DISTRITO: 18 - VISEU **CONCELHO:** 23 - VISEU **FREGUESIA:** 20 - POVOLIDE
ARTIGO MATRICIAL: 247 **NIP:**

LOCALIZAÇÃO DO PRÉDIO

Av./Rua/Praça: - **Lugar:** Quinta Casadeira
Av./Rua/Praça: - **Lugar:** Quinta Casadeira **Código Postal:** 3505-241 POVOLIDE

DESCRIÇÃO DO PRÉDIO

Tipo de Prédio: Prédio em Prop. Total sem Andares nem Div. Susc. de Utiliz. Independente
Descrição: Uma casa p/ habitação c/ 2 pavimentos, 5 dependências, pátio, relexo, 2 fornos e lagar. 1º pavimento c/ 7 divisões e 6 vãos. 2º pavimento c/ 9 divisões e 20 vãos.
Afectação: Habitação **Nº de pisos:** 2 **Tipologia/Divisões:** 12

ÁREAS (em m²)

Área total do terreno: 790,0000 m² **Área de implantação do edifício:** 790,0000 m² **Área bruta de construção:** 1.040,0000 m² **Área bruta dependente:** 790,0000 m² **Área bruta privativa:** 250,0000 m²

DADOS DE AVALIAÇÃO

Ano de inscrição na matriz: 1937 **Valor patrimonial actual (CIMI):** €47.960,00 **Determinado no ano:** 2012
Tipo de coeficiente de localização: Habitação **Coordenada X:** 230.336,00 **Coordenada Y:** 409.380,00

| | | | | | | | | | | | | |
|-----------|---|--------|---|----------|---|------|---|------|---|-------|---|------|
| Vt* | = | Vc | x | A | x | Ca | x | Cl | x | Cq | x | Cv |
| 47.960,00 | = | 603,00 | x | 418,6000 | x | 1,00 | x | 0,50 | x | 0,950 | x | 0,40 |

Vt = valor patrimonial tributário, Vc = valor base dos prédios edificados, A = área bruta de construção mais a área excedente à área de implantação, Ca = coeficiente de afectação, Cl = coeficiente de localização, Cq = coeficiente de qualidade e conforto, Cv = coeficiente de vetustez, sendo A = (Aa + Ab) x Caj + Ac + Ad, em que Aa representa a área bruta privativa, Ab representa as áreas brutas dependentes, Ac representa a área do terreno livre até ao limite de duas vezes a área de implantação, Ad representa a área do terreno livre que excede o limite de duas vezes a área de implantação, (Aa + Ab) x Caj = 100 x 1,0 + 0,90 x (160 - 100) + 0,85 x (220 - 160) + 0,80 x (Aa + Ab - 220,0000).
 Tratando-se de terrenos para construção, A = área bruta de construção integrada de Ab.
 * Valor arredondado, nos termos do nº2 do Art.º 38º do CIMI.

Mod 1 do IMI nº: 4018655 **Entregue em :** 2012/07/28 **Ficha de avaliação nº:** 6142378 **Avaliada em :** 2012/12/14

TITULARES

Identificação fiscal: 159313740 **Nome:** ANTONIO PIRES DO SOUTO
Morada: QUINTA DA CASADEIRA, POVOLIDE, 3505-248 POVOLIDE

Tipo de titular: Propriedade plena **Parte:** 1/1 **Documento:** OUTRO **Entidade:** DESCONHECIDO

ISENÇÕES

Identificação fiscal: 159313740

Motivo: ART.45 EBF - PREDIOS DE REDUZIDO VALOR PATRIMONIAL **Início:** 2013 **Valor isento:** €47.960,00 **Processo:** 2572762

8.2 Floral de Viséu



8.3 Floral de Povolide



8.4 Ilustração Portuguesa, No. 486, Junho 14 1915 - 8



O sr. Alfredo Pinto (Sacavem), ilustre crítico de arte, que n'um elegante livrinho publicou as suas impressões acerca da Sonata *Saudade*, do distinto compositor sr. Oscar da Silva

A SONATA

"SAUDADE"

DE
Oscar da Silva



NOTAS IMPRESSIONISTAS

DE
ALFREDO PINTO (SACAVEM)



1915
TIPOGRAFIA DA LUCRANIA PEREIRA, TORRES & C.
70, RUA NOVA DO ALMADA, 74-LISBOA



A sr.ª D. Laurentina de Jesus, autora do recente livro *A visão da guerra*, no qual põe toda a sua alma de mulher protestando contra as barbaridades cometidas nos campos da batalha.



4

2. A capa do livro «A Sonata da Saudade», na qual se vê o retrato do sr. Oscar da Silva, seu autor.

4. O sr. Luiz J. Pinto, autor do livro de versos «Alvorecer».—5. O sr. Antonio R. Martins, autor da peça em 3 atos «O Contágio».



5

O baritone Antonio Nobre.— Antes de partir para o estrangeiro, a fim de concluir a sua educação artística, o sr. Antonio Nobre, que já se apresentou no teatro Avenida e no Eden Teatro, deu uma sessão de arte no Salão Central, no qual cantou trechos difficilimos de algumas operas conhecidas, perante numerosa assistência que o aplaudiu.



O sr. Antonio Nobre



O sr. dr. Santos Farinha

Dr. Santos Farinha.— O ilustre prior de Santa Isabel, sacerdote dos mais venerados do clero de Lisboa, publicou uma interessante controversia acerca da *Origem da Vida*, do distinto publicista e professor da Escola Normal, sr. Tomaz da Fonseca, ao qual presta a sua homenagem e contradita em uma linguagem cortez e delicada.

D. Clementina Coelho Fortes Paes da Cunha — Na sala nobre da casa de Santar, do rico proprietario sr. dr. Joaquim Paes da Cunha, uma das figuras de mais destaque da Beira, pelo seu talento e illustração, e cujo nome tem logar distinto na nossa literatura, erigiu-se um busto de sua falecida esposa, a sr. D. Clementina Coelho Fortes Paes da Cunha, busto que é uma obra prima do nosso notavel escultor Simões d'Almeida Sobrinho.

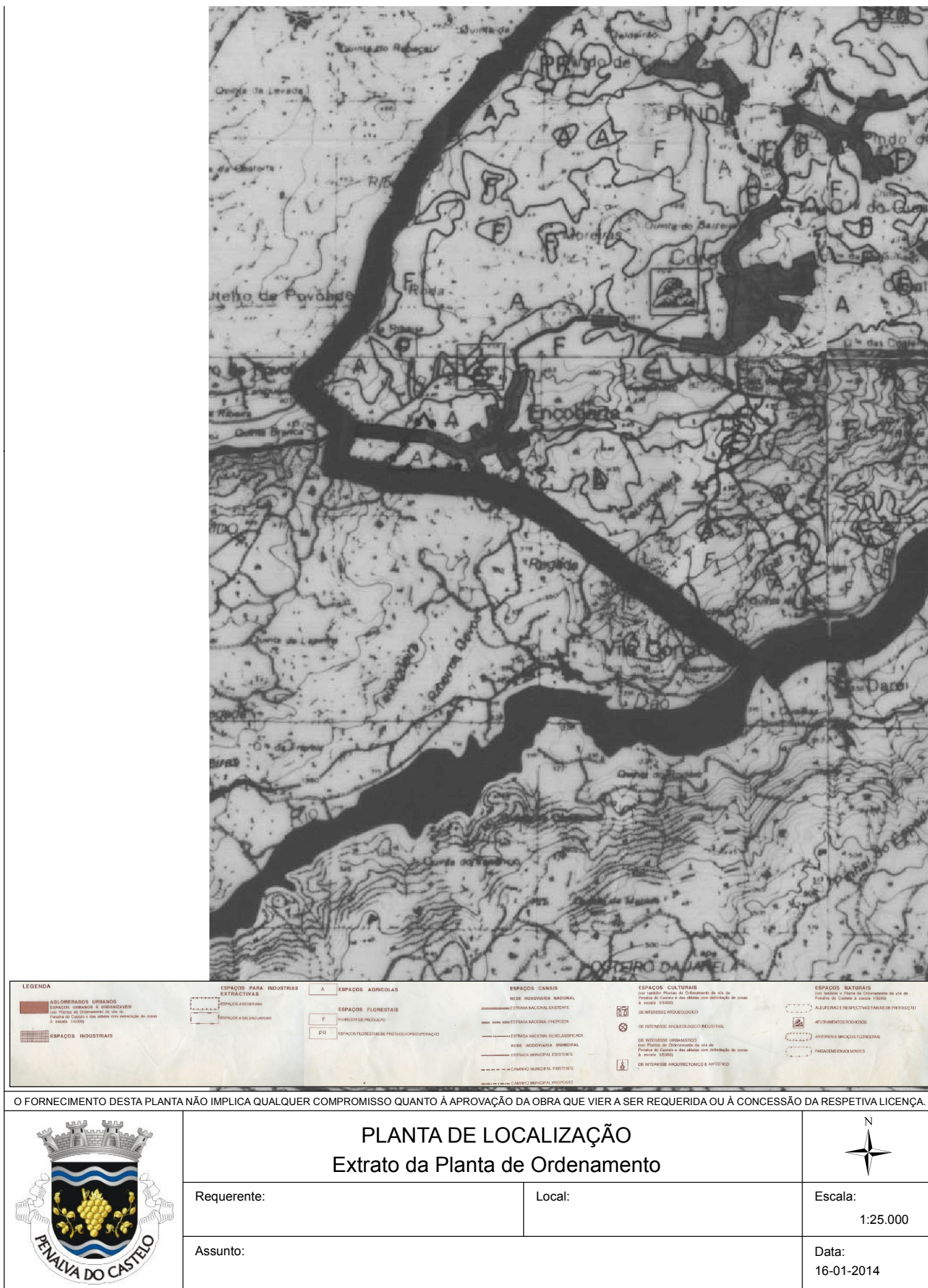
Essa homenagem á virtuosa senha, que na sociedade do seu tempo gosava da mais fervorosa admiração, foi-lhe prestada por seus filhos, os srs. Mario Fortes Paes da Cunha, engenheiro agronomo e ofi-



A sr.ª D. Clementina Coelho Fortes Paes da Cunha

cial do exercito, dr. Antonio Alvaro da Cunha Fortes, atual delegado na comarca de Estremoz, D. Maria da Conceição Fortes Paes da Cunha Jardim e D. Isabel Maria Fortes Paes da Cunha Reis. E bem digna é de ser perpetuada por este meio a memoria de uma senhora que aliava a uma formosura peregrina e a um porte distintissimo, uma intelligencia extraordinaria e um espirito culto, a que não eram estranhos nas suas linhas principaes os varios ramos do saber humano, tendo conhecimentos especiaes de muitos d'elles, causando admiração aos proprios medicos como ela era versada em medicina.

8.5 Extrato da Planta de Ordenamento - Penalva do Castelo



8.6 Extrato da Planta de Condicionantes - Penalva do Castelo



O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA.

| | | | |
|--|--|--------|---------------------|
| | PLANTA DE LOCALIZAÇÃO Extrato da Planta de Condicionantes - Folha 2 | | |
| | Requerente: | Local: | Escala: 1:25.000 |
| | Assunto: | | Data: 16-01-2014 |

8.7 Livro do 1º Conde de Povolide

PORTUGAL, LISBOA E
A CORTE NOS REINADOS
DE D.PEDRO II E D.JOÃO V
¶ Memórias Históricas de
Tristão da Cunha de Ataíde
1.º Conde de Povolide



nº 4096 / 28.10.99

Jornal da

POVOLIDE E O SEU PELOURINHO

Fruto de "um longo trabalho de investigação", Júlio Rocha e Sousa logrou chegar até alguns elementos do antigo Pelourinho de Povolide (padrões dos concelhos e símbolos da liberdade e autoridade municipal), uma freguesia a 12 km de Viseu, que também já foi concelho, extinto em 1855.

Na Casa do Paçal e no pátio de entrada, encontra-se um elemento do antigo pelourinho de Povolide: Parte da coluna cilíndrica e a base, a servir de pé a uma mesa em pedra.

Na casa da família Cabral Ferreira encontra-se mais um elemento da coluna, que deixa a descoberto a data de 1561.

A Coluna estava abandonada, junto a um silvado.

POVOLIDE TEVE FORAL EM 1513

Foi o senhor Frutuoso Bulhões que recordou os tempos de rapaz, dizendo ter gravado na memória o velho Pelourinho. Quando criança e nos anos vinte, ao sair da escola, costumava trepar ao monumento, que naquele tempo ainda se conservava intacto.

Através das suas indicações, chegou-se ao que seria o Pelourinho, o qual se compunha de plataforma quadrada, que deve estar enterrada numa fonte das proximidades. Tinha coluna cilíndrica, com base quadrada e era encimada por uma bola.

Povoado muito antigo, a povoação de Povolide era conhecida, no século XVIII, por 'Pobelidi', que se pensa ter a ver com a campina revestida de choupos.

Localizado na margem direita do Rio Dão, recebeu fo-

ral de D. Manuel a 17 de Abril de 1513.

Era terra de Tristão da Cunha de Ataíde e Melo, 1.º Conde e 8.º Senhor de Povolide, Comendador da Ordem de Cristo e Coronel de Ordenanças. Deu-se assim início à 'dinastia' dos Condes de Povolide.

A freguesia tem muitos pontos dignos de uma visita, destacando-se a capela da

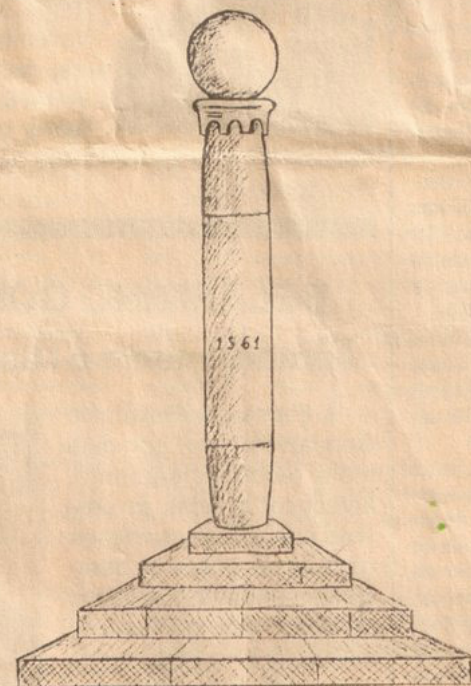
nos escarpates mais uma edição do seu trabalho de pesquisa, intitulada "Pelourinhos do Distrito de Viseu".

Com este trabalho, Júlio Rocha procura trazer mais alguma informação, sobre um tipo de monumento ainda pouco conhecido. Carrega o desejo de proporcionar o interesse para a salvaguarda de um vasto património, espalhado pelo Distrito de Viseu e pelo País.

Os pelourinhos, como disse Alexandre Herculano, tiveram origem no direito de Roma, que concedia a algumas cidades o privilégio de se organizarem municipalmente, gozando de jurisdição própria. Nalgumas regiões da Europa, o Pelourinho tinha como função a tortura, sendo, em Portugal, mais considerados como símbolo da autonomia regional, pouco se tendo atendido ao seu valor histórico e inventário. No Distrito de Viseu, estão identificados 72 (seis no concelho de Lamego e o mesmo número no de Tondela; em Viseu, apenas 1 - Couto de Baixo), encontrando-se frag-

mentos de muitos outros nos mais diversos e inexplicáveis locais.

Ilustramos este apontamento com dois pelourinhos. O de Povolide (desenho) e o de Vouzela, na Praça da República, um monumento pouco vulgar e único no seu estilo. O pedestal é delimitado, na parte superior e inferior, por uma série de molduras sobrepostas em tronco de pirâmide com posição simétrica e oposta. Sobre o pedestal, assenta a base da coluna. O monumento é do século XVIII. Tem quatro metros de altura.



Pelourinho de Povolide

Quinta do Crestelo, a Matriz de S. Pedro, e as casas da Quinta da Casadeira e de Rui de Vilar. Nos limites do seu território, foi construída a Barraagem de Povolide/Fagilde, que abastece de água os concelhos de Viseu, Mangualde, Nelas e Penalva do Castelo.

PELOURINHOS DO DISTRITO DE VISEU

Júlio Rocha e Sousa, um homem muito dedicado à cultura, assinalando essa vontade com a publicação de diversas obras, acaba de 'colocar'

8.9 Fotocópias do Livro de José Coelho

o Ve-
la po-
capela
s com
ladea-
e com
is em
Pavia
vale
ta em
elo e
ferido

as de
é Ma-
con-
o gen-
é Re-

e área
ctual-
serva-

r a E.,
velhas
ão ou
ulares
nesma

dissé-
ainda
o arco
nhen-

casas
nânico
a mes-
ste no

A capela românica de S.^{to} António

E' hoje mais conhecida por *Capela de S. João Velho*, para a distinguir da moderna capela pública de S. João, da qual nos ocuparemos. Fica a N. das casas da velha *Quinta de Vila de Moínhos*, casas que à capela se ligaram, dominando o vale do Pavia, que corre a N.

Tem sensivelmente a orientação E.-W., com a capela mór a E., como a maior parte dos templos antigos.

A planta é constituída por 2 rectângulos, separados pelo arco-cruzeiro, e mais estreito o correspondente à capela-mor.

Mede exteriormente 13^m de comprimento, cabendo 5^m à capela-mor e 8^m ao corpo da capela, ou nave única. Tem a largura de 6^m a capela-mor e 8^m a nave.

Como as paredes têm cerca de 1^m de espessura ficam as dimensões interiores reduzidas, na capela-mor, a 4^m x 4^m, e, na nave, a 6^m x 7^m, visto, no comprimento exterior, não entrar a espessura da parede do W., que é comum à casa. Tem esta capela—afóra a abertura do côro—2 portas e uma única fresta. A construção é toda de silharia e em fiadas.

Exteriormente, na fachada Sul, há uma porta lateral, de arco em ogiva, com as esquinas cortadas, excepto na base das ombreiras, a uma pequena altura. Mede cerca de 2^m de altura, até à flecha, e 0,70 de largura.

Na parede da capela-mór, e a cerca de 1,80 da esquina da fachada E., há uma fresta circular, afunilada, com 0,23 de diâmetro, a meio da parede, e 0,51 exteriormente.

Na pedra superior do contorno desta fresta há, lavrado, um *cágado* rastejante.

Este símbolo, na architectura religiosa medieval, não é novidade para nós. Encontrámo-lo, em 3-Maio-1918, na verga da porta de uma casa medieval, que havia pertencido aos barões de Santa Comba Dão, um pouco antes demolida e aplicada em uma porta do terraço da *Casa dos Arcos*, construção do século XVIII, pertencente ao sr. José Borges da Gama, daquela vila.

A verga era lavrada. Tinha ao meio, em uncial, a inscrição IHS—JESUS, pois são as 3 iniciais de JESUS (CHRESTOS) no grego. À esquerda tinha um *peixe* e à direita um *cágado*, idêntico ao da capela de Vil-de-Moínhos ⁽¹⁾.

Na fachada N. fica a *porta principal*, pois a fachada W., oposta à capela-mór, dá para o côro já referido.

Embora de linhas simples e sobriamente

8.10 Livro das Descrições Perdiais

[illegible]

8.11 Conservatória dos Registos Predial da Quinta da Casadeira

Conservatória dos Registos Predial,
Comercial e Automóveis de Viseu

Freguesia Povolide

3038/20110906

DESCRIÇÃO EM LIVRO:

N.º 94262, Livro N.º: 243

DESCRIÇÕES - AVERBAMENTOS - ANOTAÇÕES

RÚSTICO

DENOMINAÇÃO: SEIXEDO

SITUADO EM: Limite da Quinta da Casadeira

MATRIZ n.º: 2079 NATUREZA: Rústica

COMPOSIÇÃO E CONFRONTAÇÕES:

Terra de sementeira de centeio e milho, com videiras e oliveiras

Norte, Delfim Rodrigues Coelho

Sul, Nascente e Poente, Caminho

Desanexado do prédio n.º 51 717, fls. 159, B-135

Do prédio foi desanexado o prédio n.º 94 557, fls. 129v.º, B-244

Reprodução por extractação da descrição e do averbamento n.º 1

O(A) Conservador(a)

Graça Fernanda Nunes de Pina

INSCRIÇÕES - AVERBAMENTOS - ANOTAÇÕES

AP. 8 de 1974/03/20 - Aquisição

ABRANGE 3 PRÉDIOS

CAUSA : Compra

SUJEITO(S) ATIVO(S):

** ANTÓNIO PIRES DO SOUTO

Casado/a com MARIA LUCÍLIA GIRÃO VILAR no regime de Comunhão geral

Morada: Travassos - S. Miguel de Vila Boa

Localidade: Sátão

** MARIA LUCÍLIA GIRÃO VILAR

Casado/a com ANTÓNIO PIRES DO SOUTO no regime de Comunhão geral

Morada: Travassos - S. Miguel de Vila Boa

Localidade: Sátão

SUJEITO(S) PASSIVO(S):

** ANTÓNIO BERNARDO PINTO

** BENVINDA CABRAL PINTO

Reprodução por extractação da inscrição n.º 40 065, fls. 61v.º, G-47

O(A) Conservador(a)

Graça Fernanda Nunes de Pina

REGISTOS PENDENTES

Não existem registos pendentes.

8.12 Descrição dos Espaços

8.12.1 A Casa Senhorial

Fez-se a descrição de cada espaço para que se possa avaliar o seu valor e interesse patrimonial que qualifique a identidade da Quinta da Casadeira. Assim determinou-se os espaços a manter ou a remodelar, colaborando para uma estratégia de intervenção e para uma construção de um programa.

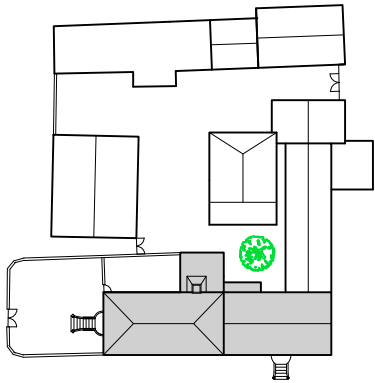


Fig.205: Esquema da Casa Senhorial no Complexo Arquitetónico | Escala 1/1000

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-------------|--|----------------------|-------------------|---|--|---|
| Salão Nobre | Contém 4 janelas. Três em guilhotina e uma neo-manuelina dividida por uma coluna de pedra.Salão Nobre com acesso a uma pequena varanda virada a Sul. | masseira de 7 panos. | soalho de madeira | Parede granítica com acabamento em estuque e com lambril de madeira a 1,015 m de altura | Altura Máxima: 3,70 m Altura Mínima: 3,20 m | Comprimento: 7,61 m Largura: 6,92 m Área:52,69 m2 |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|---------------|---|----------------------|--------------------|---|--|---|
| Quartos 1 e 2 | Antecedem o salão nobre. quartos com 2 janelas, no quarto virado a Sul, estas duas janelas são neo-manuelinas divididas por uma coluna de pedra. No quarto a Norte, a janela que compõe o alçado principal também é de estilo neo-manuelino com a coluna de pedra a meio. No entanto, a outra janela é de guilhotina. | masseira de 7 panos. | soalho de madeira. | Parede granítica com acabamento em estuque e com lambril de madeira a 0,805 m de altura | Altura Máxima: 3,60 m Altura Mínima: 3,30 m | Comprimento: 3,79 m Largura: 2,50 m Área: 9,49 m2 |

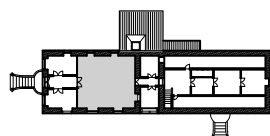


Fig.208: Esquema do Salão Nobre Escala 1/1000



Fig.206: Fotos do Salão Nobre. 1) Teto masseria; 2) Vista interior nordeste do salão nobre; 3) Pormenor janela com coluna; 4) Pormenor janela em guilhotina; 5) Janela em guilhotina; 6) Portadas vão de janela; 7) Janela de duas folhas dividida por coluna; 8) Vista interior sudoeste do salão nobre; 9) Pormenor do lambril

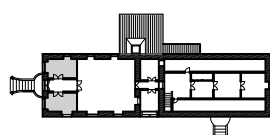


Fig.209: Esquema dos Quartos 1 e 2 Escala 1/1000

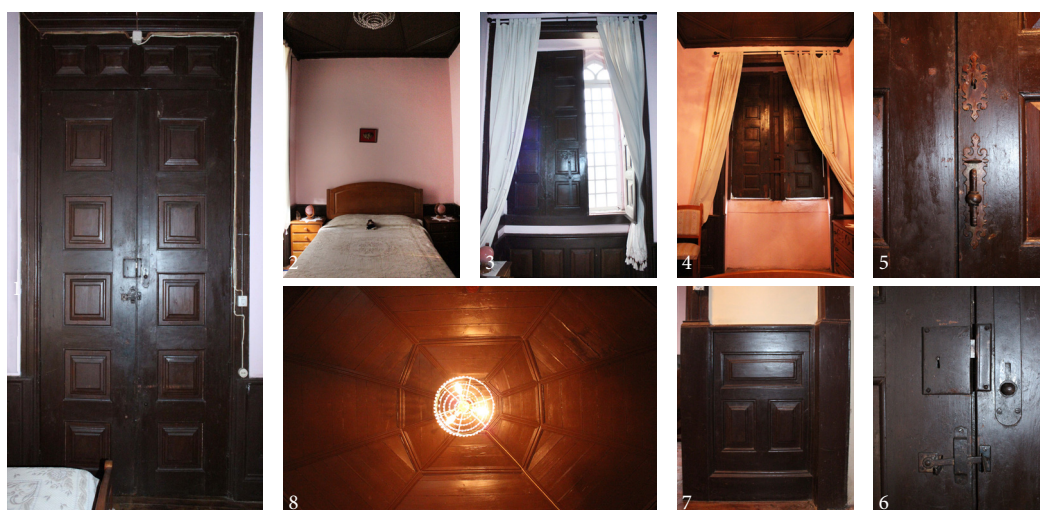


Fig.207: Fotos dos Quartos 1 e 2. 1) Porta do quarto; 2) Quarto; 3) Janela e lambril; 4) Janela sem lambril; 5) Fechadura exterior de porta; 6) Fechadura interior de porta; 7) Lambril; 8) Teto masseria

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------------|--|----------------------|-------------------|---|--|---|
| Corredor Nobre | Corredor que faz a ligação do exterior para o Salão Nobre e respectivos quartos. | masseira de 7 panos. | soalho de madeira | Parede granítica com acabamento em estuque e com lambril de madeira a 1,015 m de altura | Altura Máxima: 3,50 m Altura Mínima: 3,20 m | Comprimento: 3,79 m Largura: 1,60 m Área: 6,08 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|--|------------|-----------------------------------|-------------------|---|----------------|---|
| Corredor de comunicação do salão nobre ao sótão | | Teto plano encabeirado de madeira | soalho de madeira | Parede granítica com acabamento em estuque e com lambril de madeira a 1,015 m de altura | Altura: 3,78 m | Comprimento: 3,13 m Largura: 1,00 m Área: 3,13 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------|---|-----------------------|-----------|-----------------------------|----------------|---|
| Casa de banho 1 | Intervenção de 2007. Contém pequena janela de ventilação. | Tecto falso em gesso. | Tijoleira | Parede revestida a azulejo. | Altura: 2,90 m | Comprimento: 2,78 m Largura: 2,44 m Área: 6,81 m ² |

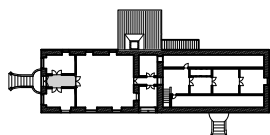


Fig.210: Esquema do Corredor do Salão Nobre | Escala 1/1000

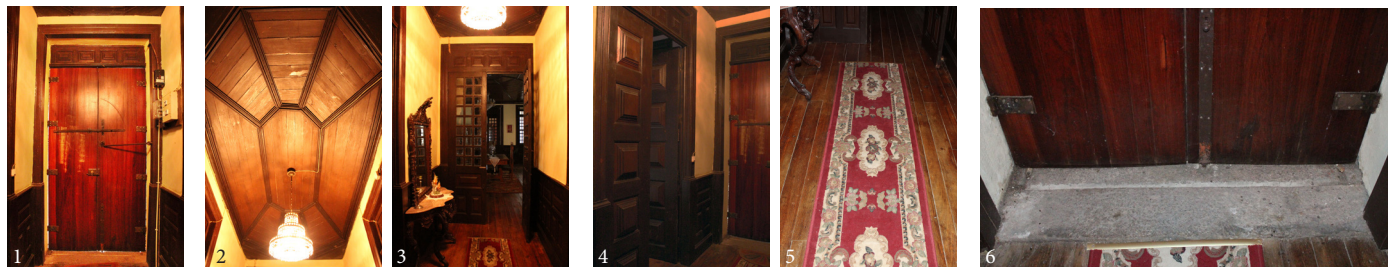


Fig.213: Fotos do Corredor do Salão Nobre. 1) Porta exterior; 2) Teto masseira; 3) Acesso ao Salão Nobre; 4) Acesso ao Quarto; 5) Pavimento com tapete pregado; 6) Detalhe da soleira

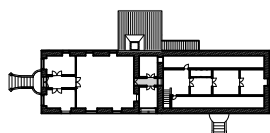


Fig.211: Esquema do Corredor do Salão Nobre ao Sótão | Escala 1/1000



Fig.214: Fotos do Corredor do Salão Nobre ao Sótão. 1) Porta de acesso ao Salão Nobre; 2) Teto plano encabeirado; 3) Pavimento e mudança de nível para o Sótão; 4) Fechadura exterior ao espaço que anuncia; 5) Porta de acesso ao Sótão; 6) Lambril

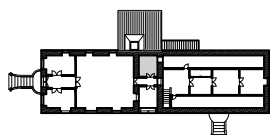


Fig.212: Esquema da Casa de Banho 1 Escala 1/1000



Fig.215: Fotos da Casa de Banho 1. 1) Teto falso; 2) Vista sobre Casa de Banho; 3) Porta de acesso; 4) Janela; 5) Detalhe da Soleira; 6) Pavimento

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|------------------------|--|------------------------------------|------------------|--|-------------------|---|
| Sala de Costura | Seria uma grande varanda coberta e contém uma janela de guilhotina de comunicação com o salão nobre. Tem uma janela exterior, construída em cimento a imitar as neo-manuelinas em pedra, contudo não mantém as mesmas proporções | Teto plano encabeirado de madeira. | Soalho | Parede revestida a de estuque com lambril de madeira a 80,5 cm de altura | Altura: 3,78 m | Comprimento: 2,84 m Largura: 2,44 m Área: 7,93 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|---|--|----------------------------|------------------|---|-------------------|--|
| Sala de Jantar com acesso exterior | Era a sala de estar privada da propriedade, tendo passado posteriormente para sala de jantar. Com lareira embutida em ferro. | Teto trabalhado em estuque | Soalho | Parede revestida de estuque com lambril de madeira a 49 cm de altura. | Altura: 3,40 m | Comprimento: 6,93 m Largura: 3,46 m Área: 24,00 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------|-------------------|----------------------------|------------------|--|-------------------|--|
| Quarto 3 | | Teto trabalhado em estuque | Alcatifa | Parede revestida de estuque com rodapé em madeira a 23 cm de altura. | Altura: 3,40 m | Comprimento: 3,30 m Largura: 3,27 m Área: 10,84 m ² |

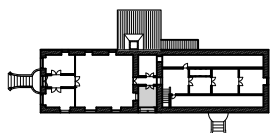


Fig.216: Esquema da Sala de Costura Escala 1/1000



Fig.218: Fotos da Sala de Costura. 1) Vista Janela; 2) Teto plano encabeirado; 3) Porta de acesso; 4) Lambril; 5) Pavimento

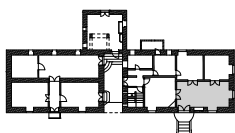


Fig.217: Esquema da Sala de Jantar com Acesso Exterior | Escala 1/1000



Fig.219: Fotos da Sala de Jantar com Acesso Exterior. 1) Vista Sala de Jantar a partir da Sala de Estar; 2) Vista de Acesso à Sala de Estar; 3) Janela; 4) Teto trabalhado em estuque; 5) Porta de Acesso a quarto; 6) Lareira; 7) Encontro de pavimento com recuo do vão; 8) Soleira da porta exterior; 9) Lambril; 10) pavimento

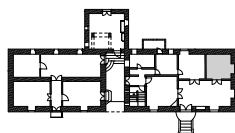


Fig.220: Esquema do Quarto 3 Escala 1/1000

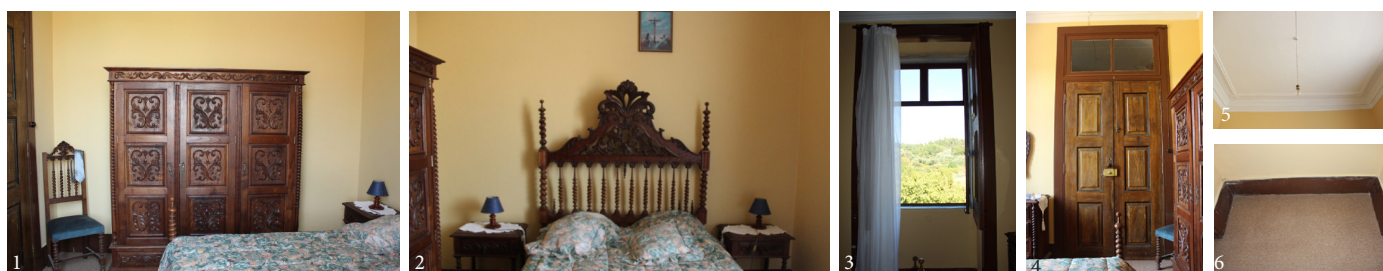


Fig.221: Fotos do Quarto 3. 1) Vista do quarto; 2) Vista do quarto; 3) Janela; 4) Porta de acesso; 5) Teto; 6) Pavimento

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------|------------|----------------------------|---------------|--|----------------|--|
| Quarto 4 | | Teto trabalhado em estuque | Mosaico Vinil | Parede revestida de estuque com rodapé em madeira a 23 cm de altura. | Altura: 3,40 m | Comprimento: 3,50 m Largura: 3,30 m Área: 11,59 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------|--|----------------------------|-----------|---|----------------|---|
| Quarto 5 | Antiga Sala do Banho, por essa razão tem uma janela de ventilação de pequenas dimensões que permitia a privacidade da sala. Acesso privativo a casa de banho em anexo. | Teto trabalhado em estuque | Alcatifa | Parede revestida de estuque com rodapé em madeira a 0,61 m de altura. | Altura: 3,40 m | Comprimento: 2,94 m Largura: 2,77 m Área: 7,94 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|--------------------------------|------------------------------|---------------------|-----------|----------------------------|----------------|---|
| Casa de Banho Privativa | É um anexo à casa senhorial. | Teto falso em gesso | Tijoleira | Parede revestida a azulejo | Altura: 2,50 m | Comprimento: 2,80 m Largura: 1,15 m Área: 3,22 m ² |

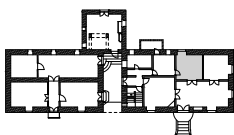


Fig.222: Esquema do Quarto 4 Escala 1/1000

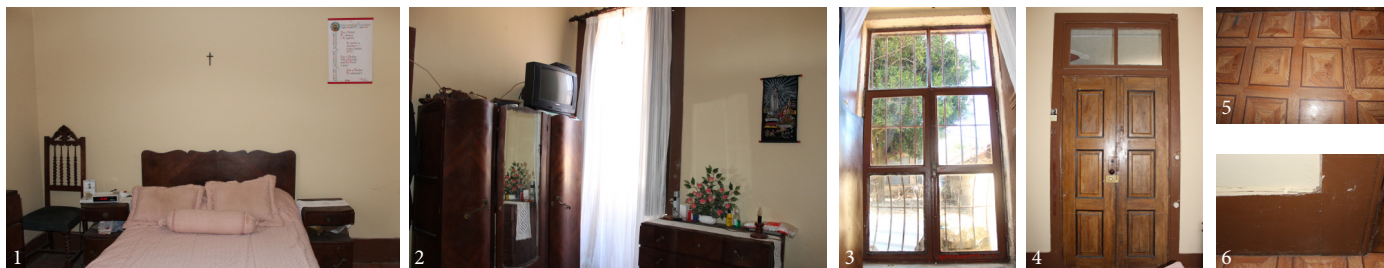


Fig.225: Fotos do Quarto 4. 1) Vista do quarto; 2) Vista do quarto; 3) Janela; 4) Porta de Acesso; 5) Pavimento; 6) Rodapé

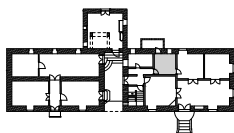


Fig.223: Esquema do Quarto 5 Escala 1/1000

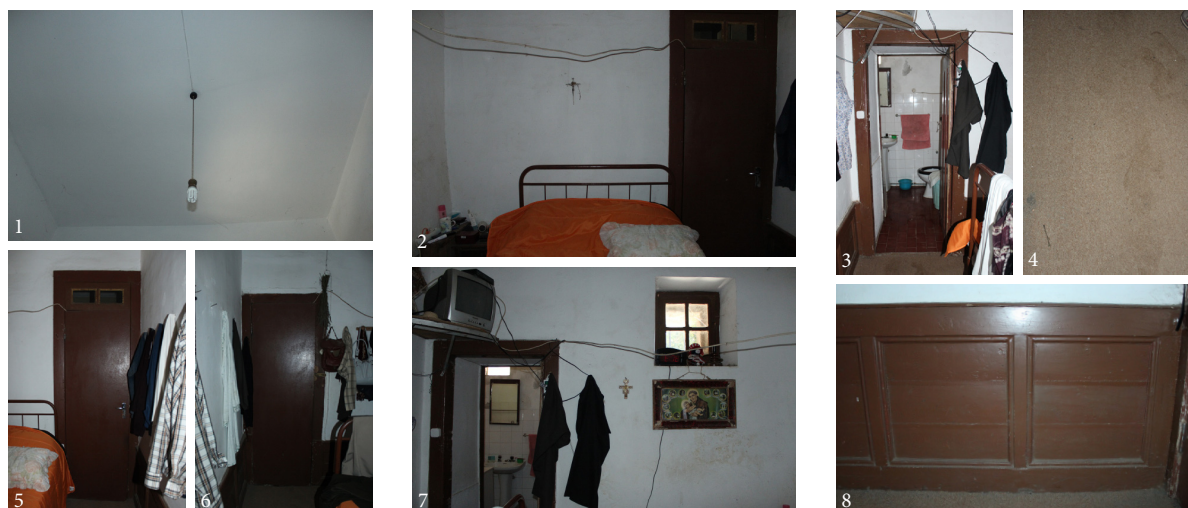


Fig.227: Fotos do Quarto 5. 1) Teto; 2) Vista do Quarto; 3) Acesso à Casa de Banho Privativa; 4) Pavimento; 5) Porta de Acesso ao quarto 4; 6) Acesso ao Corredor de Serviço; 7) Vista de parede exterior; 8) Lambril

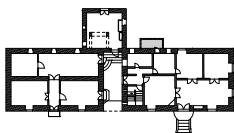


Fig.224: Esquema da Casa de Banho Privativa | Escala 1/1000

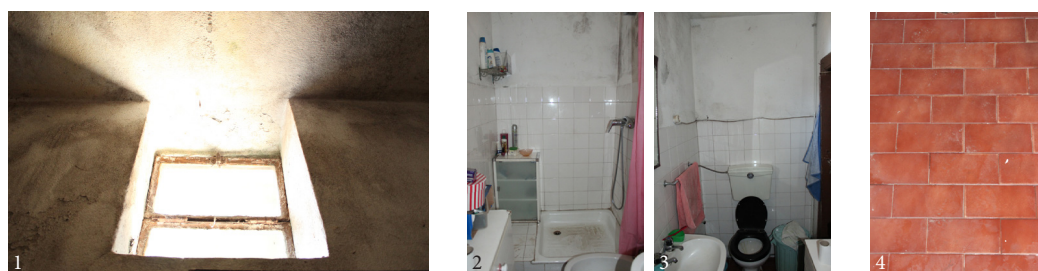


Fig.226: Fotos da Casa de Banho Privativa. 1) Janela e teto; 2) Vista Casa de Banho; 3) Vista Casa de Banho; 4) Pavimento

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|---------------------------------|---|---------------------|-----------|----------------------------|----------------|---|
| Casa de Banho de Serviço | Intervenção de 1974. O espaço foi dividido entre casa de banho e corredor de acesso ao quarto 5. Era a antiga copa suja de apoio à antiga sala de jantar, | Teto falso em gesso | Tijoleira | Parede revestida a azulejo | Altura: 2,80 m | Comprimento: 3,28 m Largura: 1,79 m Área: 5,87 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|----------------------|--|---|--|--|----------------|---|
| Sala de Estar | Antiga sala de jantar. Contém um móvel de canto incorporado que serviria essencialmente de garrafeira. Presta-se especial atenção para a porta, que ligava ao antigo corredor de serviço, por conter um mecanismo que permitia que uma das suas almofadas rebatesse e servisse de abertura e mesa de apoio para passar a comida. | Teto em madeira apainelado e moldurado, ao centro com a cruz e escudo da Ordem de Cristo. | Solho Espinhoso na antiga sala de jantar | Parede com papel de parede original e lambril de madeira a 1,46 m de altura. | Altura: 3,40 m | Comprimento: 4,00 m Largura: 4,00 m Área: 16 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|----------------------------|------------|-----------------------------------|-----------|--|----------------|---|
| Corredor de Serviço | | Teto plano encabeirado em madeira | Soalho | Parede revestida a estuque. Rodapé a 0,21 m de altura. | Altura: 3,40 m | Comprimento: 2,50 m Largura: 1,22 m Área: 7,63 m ² |

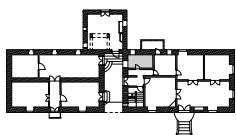


Fig.228: Esquema da Casa de Banho de Serviço | Escala 1/1000



Fig.231: Fotos da Casa de Banho de Serviço. 1) Vista Banheira; 2) Vista para janela fechada; 3) Vista da Casa de Banho; 4) Janela; 5) Teto; 6) Pavimento

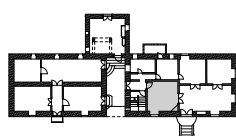


Fig.229: Esquema da Sala de Estar Escala 1/1000



Fig.232: Fotos da Sala de Estar. 1) Vista com acesso corredor de serviço; 2) Teto; 3) Vista com movel de canto e janela; 4) Pormenor do teto; 5) Pormenor do Lambril; 6) Papel de parede; 7) Fechadura; 8) Pormenor da almofada da porta que abria; 9) Pavimento; 10) Porta lado nobre; 11) Porta lado de serviço

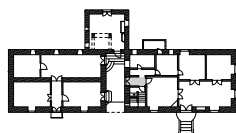


Fig.230: Esquema do Corredor de Serviço Escala 1/1000



Fig.233: Fotos do Corredor de Serviço. 1) Teto; 2) Pavimento; 3) Acessos a sala de estar, casa de banho e sótão

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|------------------------|---|-----------------------------------|------------------------------|---|--|--|
| Hall de Entrada | Intervenção de 1974. Antigo coberto exterior. Permitia a entrada de carruagens para proteger contra as intempérias do tempo. Foi elevado ao nível do acesso à Casa Senhorial e fechado por estrutura de caixilhos metálicos envidraçados. | Teto plano encabeirado em madeira | Tijoleira. Escadas em pedra. | Paredes resistentes em pedra à vista com lambril em cimento a 1,01 m de altura. | Altura: 3,15 m (anteriormente 3,37 m) | Comprimento: 7,77 m Largura: 2,45 m Área: 19,03 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|----------------------|---|----------------------------|-------------------------------|---|-------------------|--|
| Cozinha Velha | Com grande lareira para permitir defumar alimentos; mesa de pedra para os preparar e lavatório embutido em pedra. | Teto trabalhado em estuque | Pavimento Aparelhado em Pedra | Paredes resistentes em granito à vista. | Altura: 2,60 m | Comprimento: 4,70 m Largura: 4,70 m Área: 22,09 m ² |

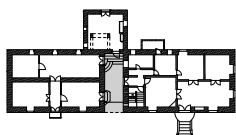


Fig.234: Esquema do Hall de Entrada Escala 1/1000



Fig.236: Fotos do Hall de Entrada. 1) Encontro do teto com estrutura de vão; 2) Teto; 3) Lambril; 4) Pavimento; 5) Fechadura da porta da Sala de Jantar; 6) Pormenor do gradeamento exterior 1; 7) Pormenor de gateira; 8) Pormenor de gradeamento 2; 9) pormenor de diferença de pavimento; 10) Vista para a Cozinha Velha; 11) Port da Cozinha Velha; 12) Vista Hall de Entrada

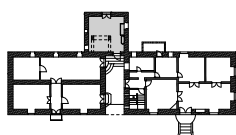


Fig.235: Esquema da Cozinha Velha Escala 1/1000



Fig.237: Fotos da Cozinha Velha. 1) Panorâmica das lareiras; 2) Porta de Acesso ao Hall de Entrada; 3) Porta de Acesso ao Pátio; 4) Pormenor de Segurança na porta; 5) Lavatório; 6) Janela redonda; 7) Pormenor da base da coluna da lareira; 8) Janela para pátio de estar; 9) Janela para pátio agrícola; 10) Pormenor capitel e entablamento da lareira; 11) Mesa de pedra; 12) Teto; 13) Pavimento

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|---------------------|-------------------|----------------------------|------------------|----------------------------|-------------------|--|
| Cozinha Nova | | Teto trabalhado em estuque | Tijoleira. | Parede revestida a azulejo | Altura: 2,50 m | Comprimento: 5,05 m Largura: 3,33 m Área: 16,83 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------|---|-----------------------------------|------------------|--|-------------------|--|
| Quarto 6 | Era a antiga salgadeira, onde eram preservados certos alimentos, como carne e peixe. Intervenção de 1974: Foi convertida em quarto. | Teto plano encabeirado em madeira | Tijoleira. | Parede revestida a estuque. Rodapé a 0,08 m de altura. | Altura: 2,50 m | Comprimento: 4,88 m Largura: 3,33 m Área: 16,26 m ² |

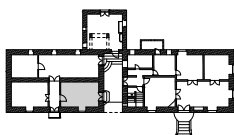


Fig.238: Esquema da Cozinha Nova Escala 1/1000



Fig.240: Fotos da Cozinha Nova. 1) Teto; 2) Cozinha; 3) Lareira; 4) Portadas da Janela; 5) Vista acesso ao Hall de Entrada; 6) Revestimento de parede; 7) Pavimento

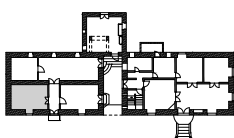


Fig.239: Esquema do Quarto 6 Escala 1/1000

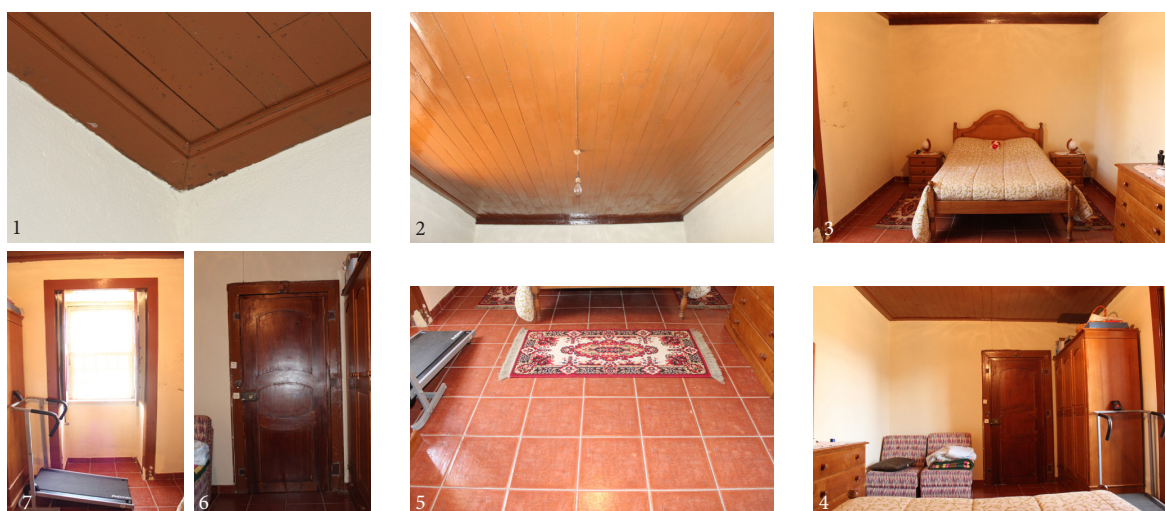


Fig.241: Fotos do Quarto 6. 1) Canto do teto; 2) Teto; 3) Vista do quarto; 4) Vista do quarto 2; 5) Pavimento; 6) Porta de Acesso ao quarto; 7) Janela

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|--------------------------------|---|-----------------------------------|------------------|---------------------------------------|-------------------|--|
| Sala de Jantar de Verão | Antiga despensa da cozinha juntamente com a atual despensa. Servia também como local de produção de queixo e enchidos. Intervenção de 2014: Divisão em Sala de Jantar e Despensa. | Teto plano encabeirado em madeira | Cimento nivelado | Paredes resistentes em pedra à vista. | Altura: 2,50 m | Comprimento: 7,94 m Largura: 3,05 m Área: 24,28 m ² |

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------|--|-----------------------------------|------------------|---|-------------------|--|
| Despensa | Destaca-se um ferro de reforço de descargas de forças do tecto até à parede. | Teto plano encabeirado em madeira | Cimento nivelado | Paredes resistentes em pedra rebocadas. | Altura: 2,50 m | Comprimento: 3,50 m Largura: 3,05 m Área: 10,70 m ² |

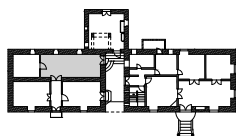


Fig.242: Esquema da Sala de Jantar de Verão | Escala 1/1000



Fig.244: Fotos da Sala de Jantar. 1) Vista de acesso ao Hall de Entrada; 2) Vista da Sala de Jantar; 3) Vista da Sala de jantar 2; 4) Janela; 5) Mudança de pavimento para corredor; 6) Teto; 7) Gateira; 8) Porta de acesso ao corredor; 9) Porta de acesso à despensa; 10) Porta de Acesso ao Hall de Entrada

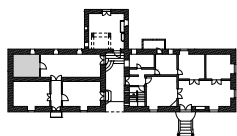


Fig.243: Esquema da Despensa | Escala 1/1000



Fig.245: Fotos da Despensa. 1) Despensa; 2) Porta de Acesso à Sala de Jantar; 3) Janela; 4) Pavimento

| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------------|--|---|--------------------|---|---|---|
| Vão de Escadas | Debaixo do vão de escadas situa-se a retrete seca original da Casa Senhorial, constituía em assento de madeira com um buraco no meio sobre o qual se aplicava uma tampa. Este cubículo tinha um pequeno vão de ventilação para o hall de entrada. O vão de escadas foi projetado de forma a rentabilizar ao máximo o piso de cima, ou seja, o primeiro lance mantém a altura do teto correspondente ao pavimento superior. | Teto plano encabeirado em madeira no 1º lance e Teto inclinado encabeirado no 2º. | Escadas em Madeira | Paredes resistentes em pedra rebocadas com rodapé em madeira a 16 cm de altura. | Altura primeiro lance: 3,40 m Altura segundo lance: 2,00 m | Comprimento: 2,63 m Largura: 0,96 m Área em planta: 5,43 m ² |
| Espaço | Comentário | Teto | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
| Sótão | Está dividido em 4 divisões mais o reaproveitamento do espaço resultante das duas águas do telhado com o pavimento, com rodapé a 16 cm de altura. A primeira dessas divisões corresponde um pequeno hall que permite o acesso ao vão de escadas e à Casa Senhorial assim como às divisões seguintes do sótão. A segunda divisão tem de um dos lados um armário embutido, que servia essencialmente como guarda-roupa. A terceira divisão, em tempos foi um quarto embora tenha sido desmontado por falta de necessidade, servindo também guardar roupa e outros objetos. A quarta divisão é um quarto que está parcialmente desmontado, servindo também acondicionar os mais variados objetos e também para secar ervas para o chá. | Teto plano encabeirado em madeira. | Soalho | Paredes resistentes em pedra rebocadas | Altura: 2,30 m | 1ª Divisão Comprimento: 3,40 m Largura: 3,48 m Área: 10,80 m ² 2ª Divisão Comprimento: 3,40 m Largura: 2,87 m Área: 9,77 m ² 3ª Divisão Comprimento: 3,40 m Largura: 3,50 m Área: 11,89 m ² 4ª Divisão Comprimento: 3,40 m Largura: 3,20 m Área: 10,88 m ² |

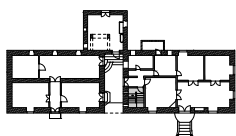


Fig.246: Esquema do Vão de Escadas Escala 1/1000

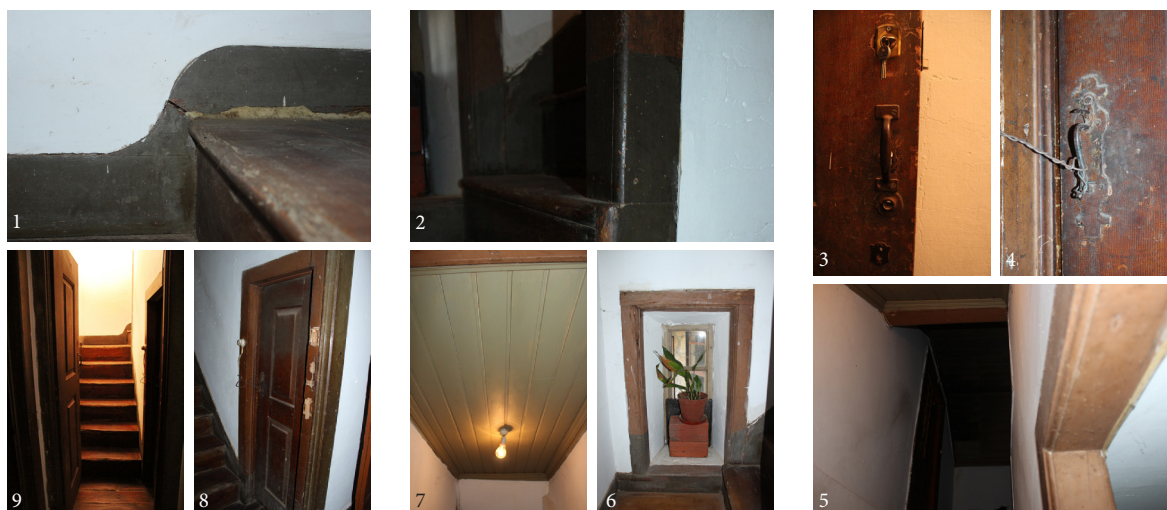


Fig.248: Fotos do Vão de Escadas interior. 1) Rodapé; 2) Rotação da Escada; 3) Maçaneta Porta de Acesso ao Vão de Escada; 4) Maçaneta da porta de acesso à antiga latrina; 5) Pormenor de alturas; 6) Janela para Hall de Entrada; 7) Teto; 8) Porta de acesso à latrina; 9) Vão de escadas

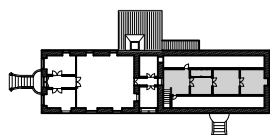


Fig.247: Esquema do Sótão Escala 1/1000



Fig.249: Fotos do Sótão. 1) Teto do Hall; 2) Teto da terceira divisão; 3) Armário da segunda divisão; 4) Fechadura comum no sótão; 5) Porta comum no sótão; 6) Quarta divisão com Janela em Ogiva; 7) Pormenor de Dobradiça do Armário Embutido; 8) Pormenor da construção da Parede; 9) Pormenor da Aduela da porta; 10) Pormenor do teto; 11) Alinhamento do Vão de Escada com Porta de acesso a arrumos.

8.12.2 As Casas Agrícolas

Descreveram-se os espaços agrícolas à semelhança do que se fez com a Casa Senhorial, para que se possa definir uma estratégia de intervenção nestes espaços para a criação de um forte programa.

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-------------------------|--|---|--------------|---|---|--|
| Casa dos Lagares | <p>Era subdividido em dois níveis: o dos lagares e o dos tanques.</p> <p>Contém 3 pares de janelas de características diferentes: 2 de grandes dimensões que permitissem o acesso da uva para os lagares e as outras 4 para garantir o mínimo de iluminação interior.</p> <p>A Porta de acesso é de grandes dimensões para que as carroças pudessem entrar e carregassem o cangaço para a Casa do Alambique.</p> | <p>Telha Marselha sobre Estrutura de Madeira por asnas de nível simples</p> | Terra Batida | <p>Paredes estruturais em pedra, em que no exterior estão rebocadas e no interior em pedra à vista e argamassa recuada.</p> | <p>Altura máx: 7,90 m</p> <p>Altura mín: 5,00 m</p> | <p>Comprimento: 12,24 m</p> <p>Largura: 10,00 m</p> <p>Área: 122,4 m²</p> |

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|--------------|--|---|--------------|--|---|--|
| Adega | <p>Subdivide-se em dois volumes arquitetónicos. Com 2 Lagares de Vinho e 4 Cubas</p> | <p>Telha Marselha sobre Estrutura de Madeira por asnas de nível simples</p> | Terra Batida | <p>Paredes estruturais em pedra à vista.</p> | <p>VOLUME 1</p> <p>Altura máx: 4,20 m</p> <p>Altura mín: 2,27 m</p> <p>VOLUME 2</p> <p>Altura máx: 6,00 m</p> <p>Altura mín: 5,00 m</p> | <p>VOLUME 1</p> <p>Comprimento: 19,20 m</p> <p>Largura: 4,80 m</p> <p>Área: 92,43 m²</p> <p>VOLUME 2</p> <p>Comprimento: 8,42 m</p> <p>Largura: 4,43 m</p> <p>Área: 36,62 m²</p> |

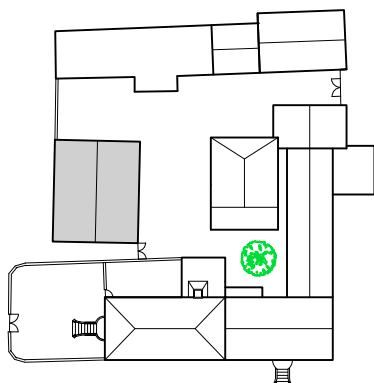


Fig.250: Esquema da Casa dos Lagares no Complexo Arquitetónico | Escala 1/1000



Fig.252: Fotos da Casa de Lagares. 1) Vista Lateral Lagares e Tanques; 2) Cobertura; 3) Vista a partir da entrada; 4) Detalhe acesso aos Lagares; 5) Lagar; 6) Vista Lateral Lagares; 7) Vista para a entrada

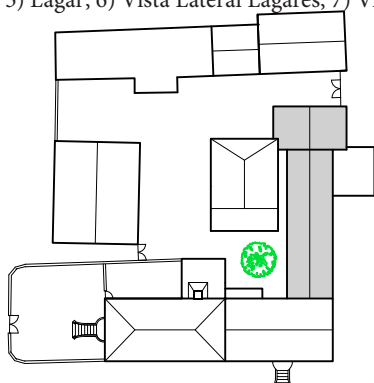


Fig.251: Esquema da Adega no Complexo Arquitetónico | Escala 1/1000

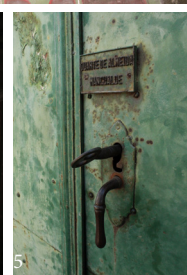


Fig.253: Fotos da Adega. 1) Cobertura; 2) Cubas; 3) Pormenor de interseção de coberturas; 4) Pormenor de interseção de coberturas 2; 5) Pormenor de Fechadura; 6) Adega; 7) Lagares

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|--|--|---|-------------------|--|--|--|
| Casa do Alambique e Casa da Tulha | Pertencem ao mesmo volume. Ao contrário das outras construções com as quais estão alinhados não se encontra encastrado no terreno, um muro de suporte que circunda parte deste volume ficando ao mesmo nível do pátio agrícola. Permitia, assim, inicialmente outra porta exterior da Casa do Alambique e uma janela na Casa da Tulha. | Cobertura em telha Marselha sobre estrutura de madeira. | | Paredes estruturais em pedra à vista com a argamassa à face. | Altura máx: 5,40 m Altura mín: 3,70 m | |
| Casa do Alambique | Constituída por Lagar, Forno do alambique mas sem Alambique | | Granito calcetado | | | Comprimento: 6,56 m Largura: 4,93 m Área: 32,32 m ² |
| Casa da Tulha | Seria constituída por 4 tulhas das quais só resta uma. | | Cimento afagado. | | | Comprimento: 6,56 m Largura: 4,93 m Área: 32,32 m ² |

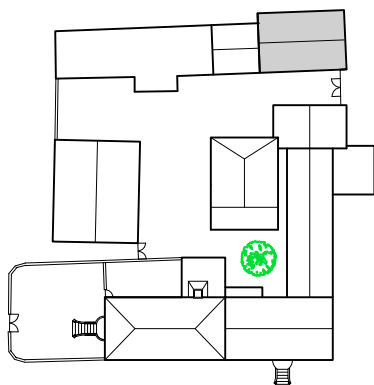


Fig.254: Esquema da Casa da Tulha e do Alambique no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000

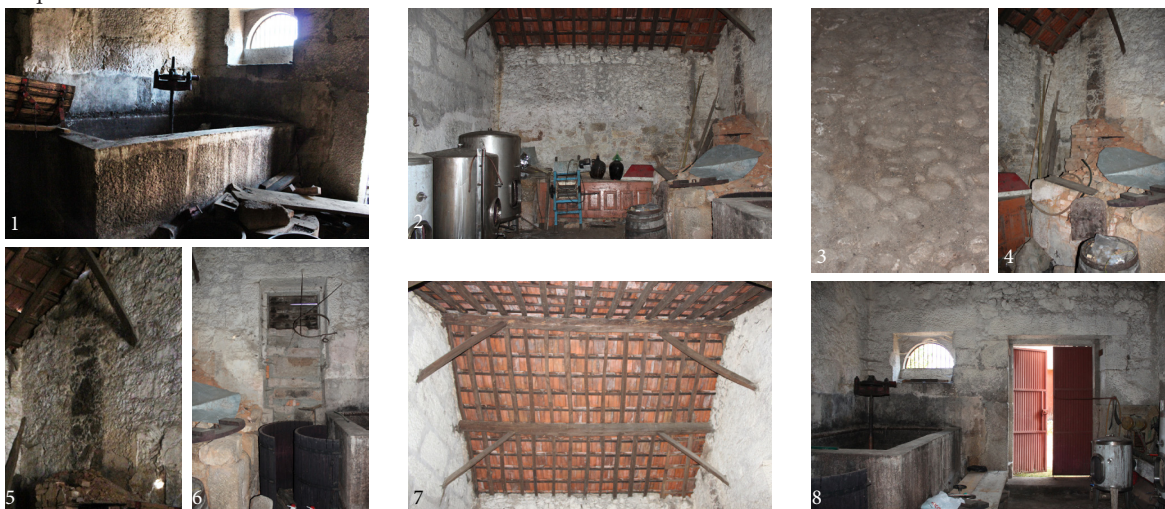


Fig.255: Fotos da Casa do Alambique. 1) Lagar; 2) Vista a partir da entrada; 3) Pavimento; 4) Lugar do Alambique; 5) Pormenor do lugar Chaminé do Alambique; 6) Porta Exterior ao recinto; 7) Cobertura; 8) Vista Porta de Entrada



Fig.256: Fotos da Casa da Tulha. 1) Cobertura; 2) Entrada; 3) Janela Fechada; 4) Pavimento; 5) Pormenor de Tulha; 6) Tulha; 7) Entrada da Tulha; 8) Detalhe altimétrico; 9) Parede Lateral; 10) Pormenor de Tulha 2

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-------------------------------------|---|---|------------------|--|--|--|
| Casa dos Caseiros 1 e Curral | Pertencem ao mesmo edifício. A Casa dos Caseiros situa-se no piso superior e o Curral no piso inferior | Cobertura em telha Marselha sobre estrutura de madeira. | | Paredes estruturais em pedra à vista com a argamassa à face no interior. | | Comprimento: 5,55 m Largura: 5,24 m Área: 29,12 m ² |
| Casa dos Caseiros 1 | Atualmente sem divisões. Tem lareira. Porta lateral e duas janelas. Com vestígio de ter tido uma pequena varanda que foi fechada. | | Soalho | | Altura máx: 3,80 m Altura mín: 2,50 m | |
| Curral | Dividido em duas lojas para porcos. Com porta e janela para o pátio agrícola. Não sofreu nenhuma intervenção. | | Terra Batida | | Altura: 2,60 m | |

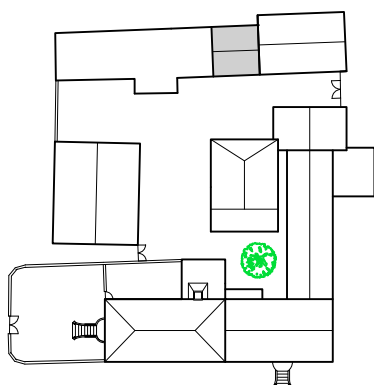


Fig.257: Esquema da Casa dos Caseiros e do Curral no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000



Fig.258: Fotos da Casa dos Caseiros 1. 1) Pavimento; 2) Janelas Interior; 3) Aparelhamento de pedra; 4) Porta de entrada e Lareira; 5) Encontro de parede com cobertura.



Fig.259: Fotos do Curral. 1) Detalhe de degrau de entrada; 2) Curral; 3) Interseção de lareira no teto; 4) Teto; 5) Panorâmica

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|----------------------------|--|---|--------------|---------------------------------------|--------------------|--|
| Alpendre dos Fornos | Constituído por dois fornos. Atualmente um foi fechado e outro continua a funcionar. Tem pilar com capitel a meio. Metade do alpendre foi fechado e transformado uma loja de animais. Escadas em pedra para a Casa dos Caseiros. | Fibrocimento. Cobertura inicial em telha Marselha sobre estrutura de madeira de duas águas. | Terra Batida | Paredes estruturais em pedra à vista. | Altura mín: 3,70 m | Comprimento: 5,84 m Largura: 4,45 m Área: 25,61 m ² |

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|------------------------------|---|---|-----------------|--|--|---|
| Estrebaria e Palheiro | Constituíam o mesmo volume. O Palheiro inicialmente situava-se por cima da estrebaria. Tinha uma porta exterior ao complexo arquitetónico por onde entrava a palha. A distribuição da palha para os animais era feita através de uma janela virada para o Alpendre dos Fornos. Com a alteração da cobertura para fibrocimento foi colocada uma laje o andar do palheiro perdeu-se, passando a cobertura a ser apenas de uma água. | Fibrocimento. Cobertura inicial em telha Marselha sobre estrutura de madeira de duas águas. | | Paredes estruturais em pedra à vista com a argamassa à face no interior. | | Comprimento: 5,55 m Largura: 5,24 m Área: 29,12 m ² |
| Estrebaria | Eram duas lojas uma para juntas de bois e outra para vacas de leite. Originalmente não tinham janelas, no entanto, na intervenção de 1974, foram abertas duas para cada loja, uma para o pátio agrícola e outra para o exterior do complexo. Atualmente apenas as viradas para o pátio se encontram abertas. Foram também ligadas internamente e expandida mais uma loja para o Alpendre dos Fornos. Esta intervenção tinha como objectivo formar um ovel de grandes dimensões. | | Cimento afagado | | Altura máx: 2,40 m Altura mín: 2,15 m | Comprimento: 15,38 m Largura: 4,87 m Área: 75,86 m ² |

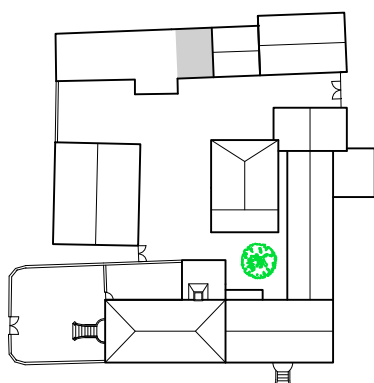


Fig.260: Esquema do Alpendre dos Fornos no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000



Fig.262: Fotos do Alpendre dos Fornos. 1) Vista; 2) Pormenor telhado e cobertura; 3) Deposição de cinzas; 4) Forno

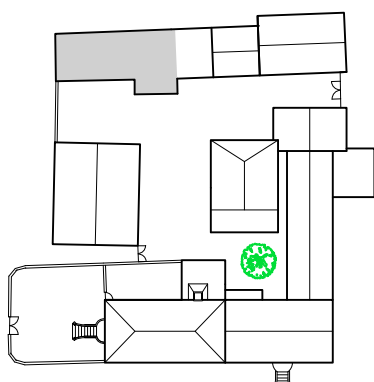


Fig.261: Esquema da Estrebaria no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000



Fig.263: Fotos da Estrebaria. 1) Vista exterior; 2) Encontro de parede com Cobertura; 3) Porta e janela; 4) Janela original; 5) Pavimento; 6) Pavimento; 7) Mangedoras; 8) Entrada Principal; 9) Acesso às mangedoras

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-----------------------------|---|---|--------------|--|--|--|
| Alpendre dos Criados | Constituído por dois pisos. No primeiro, situava-se o galinheiro e a coelheira. O alpendre dava acesso por uma escada de madeira ao dormitório dos criados. O dormitório dos criados dividia-se apenas em duas alas, uma masculina e uma feminina por as suas refeições se fazerem na cozinha da Casa Senhorial. Sofreu uma intervenção em 1985 em que o galinheiro e a coelheira foram reformuladas e se perdeu uma das alas dos criados, rebaixando-se a cobertura. | Telha Marselha sobre estrutura de madeira | Terra Batida | Paredes iniciais em Madeira. 1º Piso substituído por paredes de tijolo | Altura máx: 5,00 m Altura mín: 2,70 m | Comprimento: 12,20 m Largura: 8,90 m Área: 108,76 m ² |

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|----------------|--|--------------|--------------|--|--|--|
| Garagem | Intervenção de 1990. Com capacidade para dois carros. Atualmente uma delas foi adaptada a oficina. | Fibrocimento | Terra Batida | Fundações de parede em granito e continuação em tijolo | Altura máx: 3,20 m Altura mín: 2,00 m | Comprimento: 6,12 m Largura: 5,20 m Área: 31,80 m ² |

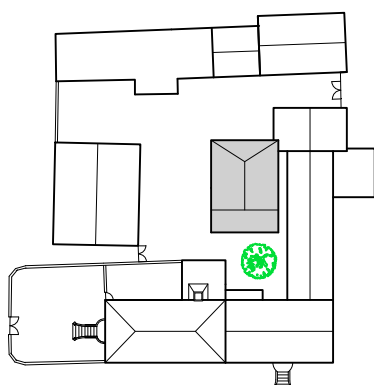


Fig.264: Esquema do Alpendre dos Criados no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000



Fig.266: Fotos do Alpendre dos Criados. 1) Alpendre dos Criados; 2) Acesso à Casa dos Criados; 3) Teto Galinheiro; 4) Poleiro das Galinhas; 5) Galinheiro; 6) Asna; 7) Arrumação Casa dos Criados; 8) Acesso às Alas.

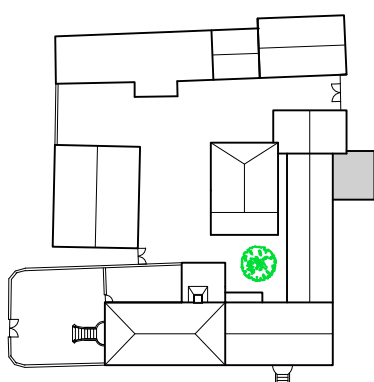


Fig.265: Esquema da Garagem no Complexo Arquitetónico Escala 1/1000



Fig.267: Fotos da Garagem. 1) Garagem; 2) Aparelhamento de granito; 3) Cobertura; 4) Terra batida; 5) Oficina; 6) Porta da Oficina

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|---------------------|--|--------------|-----------------|--|--|--|
| Cavaliariças | Intervenção de 1990. Com capacidade para dois carros. Atualmente uma delas foi adaptada a oficina. | Fibrocimento | Cimento afagado | Paredes estruturais em pedra à vista com a argamassa à face no interior. | Dimensões de cada loja: Altura: 2,20 m | Dimensões de cada loja: Comprimento: 4,75 m Largura: 3,25 m Área: 15,46 m ² |

| Espaço | Comentário | Cobertura | Pavimento | Parede | Pé Direito | Área |
|-------------------------------------|--|-----------------|---|--|------------|--|
| Casa dos Caseiros 2 e Ovil | Estavam no mesmo volume. Ficando a Casa dos Caseiros por cima e o Ovil por baixo. (À semelhança com Casa Caseiros 1) | Painel Sandwish | | Paredes estruturais em pedra à vista com a argamassa à face no interior. | | |
| Casa dos Caseiros 2 | Situava-se na segunda entrada para a Quinta da Casadeira. Essa entrada ruuiu. A casa tinha acesso exterior pela rua que circunda a quinta. Tinha lareira, divisões em madeira, pavimento em madeira. Tem duas janelas exteriores para a quinta. Está em ruínas apesar de se ter colocado uma cobertura para impedir a progressão da sua degradação. Sem função. Caracteriza-se por uma maior independência ao complexo dos edifícios da quinta e por ter uma pequena ribeira que passa à entrada das lojas dos animais. Para além da tipologia habitação-loja de animais, tem mais um volume para colocar os seus próprios animais. | | Seria em Soalho | | | |
| Ovil | Com duas portas de acesso pelo interior dos terrenos da quinta. Situado estrategicamente longe do complexo dos edificadoss | | Terra Batida | | | |
| Loja de animais dos caseiros | Anexo lateral à Casa dos Caseiros 2 | Painel Sandwish | Terra Batida | Paredes estruturais em pedra à vista | | |
| Curral 2 | Este volume já não existe. Era outra loja de animais dos Caseiros para animais de maiores dimensões. | | | | | |
| Eira | Situada a norte do complexo. | | Granito. Inicialmente com todas as pedras de remate à sua volta | | | Comprimento: 10 m Largura: 9 m Área: 90 m ² |

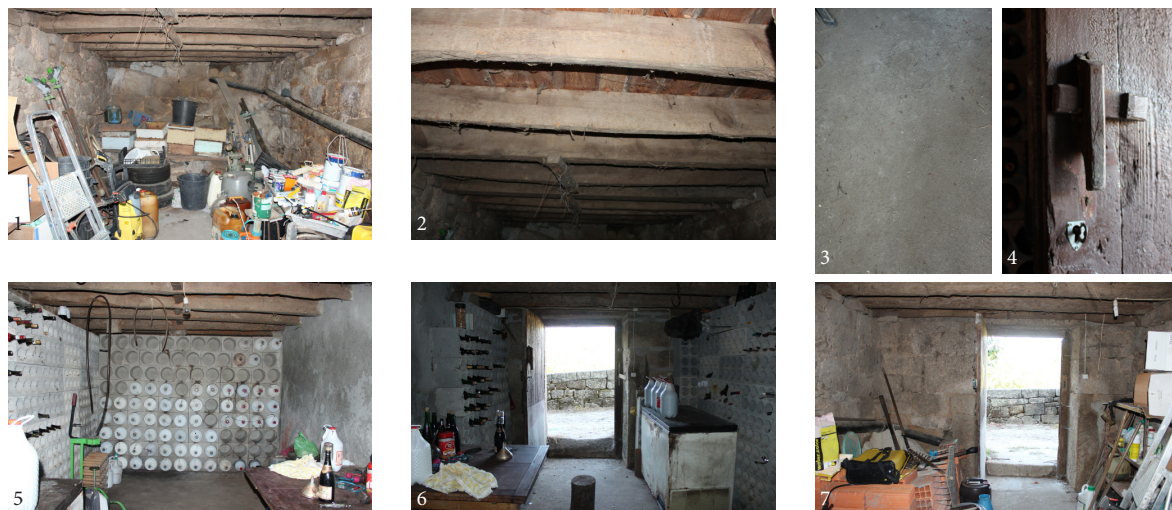
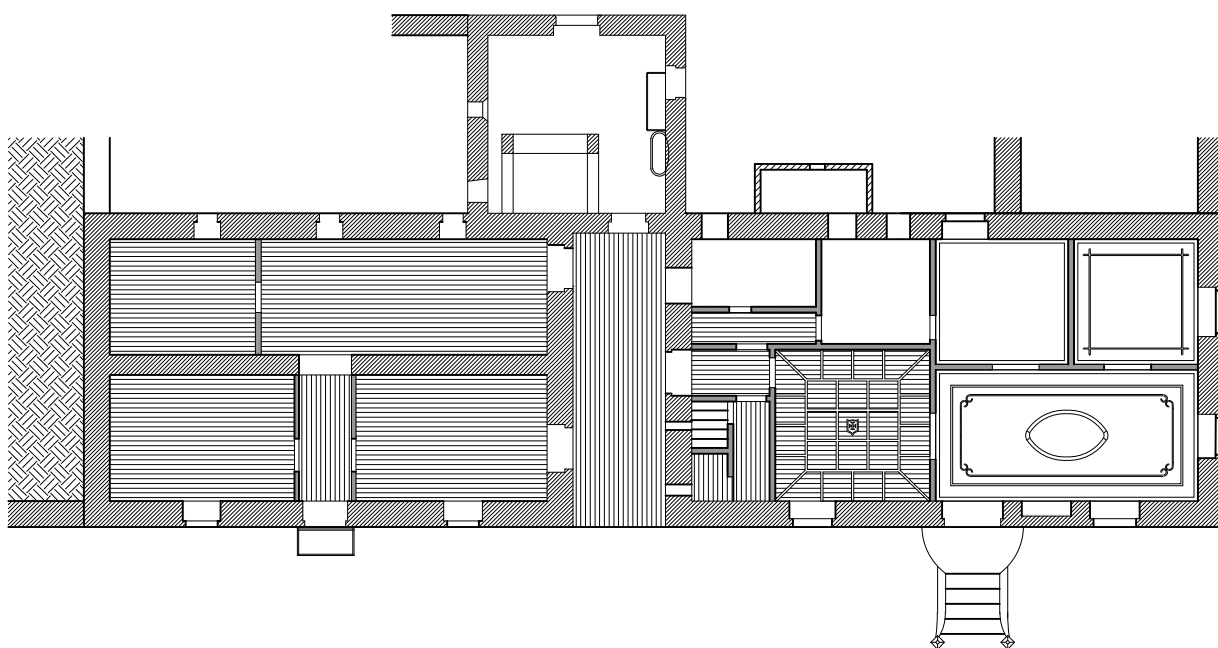
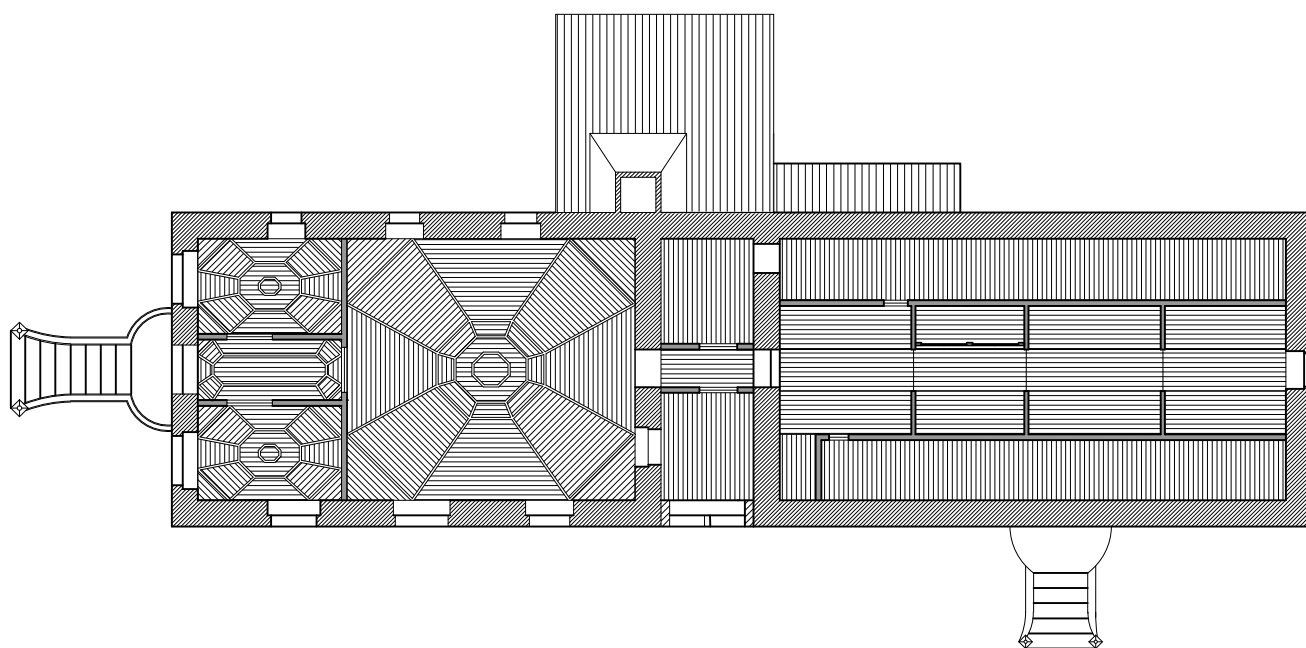


Fig. 269: Fotos da Casa dos Criados 2. 1) Contexto da Casa dos Caseiros; 2) Casa dos Caseiros e Lojas de animais; 3) Viga restante do pavimento; 4) Porta de acesso à Casa; 5) Cobertura; 6) Aparelhamento de Granito; 7) Janela

8.13 Planta de Tetos da Casa Senhorial



0m 0,5 1 3



8.14 Planta de Pavimentos da Casa Senhorial

